A BELA ADORMECIDA • BRANCA DE NEVE • CINDERELA
A PEQUENA SEREIA • A HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS
... e muito mais

Contos de Fadas

de PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN *e outros*

Apresentação de
ANA MARIA MACHADO

A BELA ADORMECIDA • BRANCA DE NEVE • CINDERELA
A PEQUENA SEREIA • A HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS
... e muito mais

Contos de Fadas

de PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN *e outros*

Apresentação de
ANA MARIA MACHADO

ZAHAR

Contos de Fadas

DE PERRAULT, GRIMM,

Apresentação:
Ana Maria Machado

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges

Sumário

APRESENTAÇÃO
Um eterno encantamento, por Ana Maria Machado

CHARLES PERRAULT
Cinderela ou O sapatinho de vidro
Pele de Asno
O Gato de Botas ou O Mestre Gato
O Pequeno Polegar
Chapeuzinho Vermelho
Barba Azul

JEANNE-MARIE LEPRINCE DE BEAUMONT
A Bela e a Fera

JACOB E WILHELM GRIMM
A Bela Adormecida
Branca de Neve
Chapeuzinho Vermelho
Rapunzel
João e Maria

HANS CHRISTIAN ANDERSEN
A roupa nova do imperador
O Patinho Feio
A pequena vendedora de fósforos
A Pequena Sereia
A princesa e a ervilha

JOSEPH JACOBS
João e o pé de feijão
A história dos três porquinhos

ANÔNIMO
A história dos três ursos

Fontes

Copyright

Apresentação
Um eterno encantamento
Ana Maria Machado

Como a maioria dos leitores, tive meu primeiro contato com contos de fadas ainda antes de saber ler. Uma alegria imorredoura de minha meninice nasceu do fato de que contar histórias para as crianças era um ritual que fazia parte do quotidiano de minha família. Lembro perfeitamente de ter ouvido desde a primeira infância varias narrativas tradicionais, dessas que compõem a tradição oral brasileira. Muitas delas, talvez sua maioria, eram de origem europeia e fazem parte desse inesgotável baú de tesouros que agrupamos sob o título genérico de "contos de fadas". Em minha memória, estão para sempre associadas ao jeito e ao carinho de quem costumava contá-las. Chapeuzinho Vermelho, O isqueiro mágico (com seus tremendos cachorros de olhos do tamanho de rodas de moinho), Barba Azul e A Bela e a Fera faziam parte do repertório de minha mãe. João Mata-Sete, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar ou João e o pé de feijão me vinham geralmente pela voz paterna. O esqueleto que despencava aos poucos pela chaminé diante do homem que partiu em busca do medo era evocado por minha avó. E minha tia se encarregava das inúmeras narrativas de três irmãos que saíam pelo mundo em busca de aventuras.

Em seguida, os primeiros livros infantis que conheci também faziam parte desse universo. Havia uma coleção deles que me parecia um tesouro, com pequenas e encantadoras ilustrações coloridas ou a bico de pena, de Franta Richter, pintor tcheco radicado em São Paulo. Eram bem pequeninos, num tamanho bom para serem folheados por mãos miúdas. Muito mais tarde fui descobrir que eram parte da Biblioteca Infantil, organizada em 1915 pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto para a editora que depois se chamaria Melhoramentos mas na ocasião ainda era Weiszflog Irmãos. Eu tinha paixão por essas histórias. Nunca vou esquecer da imagem da clareira na floresta em que os anõezinhos montavam guarda ao caixão de vidro de Branca de Neve. Ou da belíssima garça branca que dominava o primeiro plano da paisagem com que se abria O Patinho Feio. Aos poucos fui também dominando as dezenas de relatos com pequenas figuras sombrias em preto e branco que compunham os volumes da editora Quaresma (Contos da Carochinha, Histórias do arco da velha e outras). Outra série, Horas felizes, me trouxe as marcas indeléveis dos Três Porquinhos, com suas diferentes

casas sopradas pelo Lobo, e seu batedor de manteiga rolando morro abaixo com a fera dentro, enquanto os irmãos se divertiam por tê-lo enganado. E seguramente os volumes da Vecchi que reuniam Os mais belos contos de fadas (irlandeses, russos, franceses, ingleses, italianos, árabes, chineses etc.) me garantiram meses de leitura deliciada.

A rigor, porém, esses contos tradicionais e populares que normalmente chamamos em português de contos de fadas constituem um tipo de narrativa com características muito específicas. A presença de fadas entre seus personagens não é uma delas. Como se pode ver nesta coletânea, em alguns casos aparecem fadas. Em outros, não.

No entanto, há certas qualidades que cercam os contos de fadas e, com muita clareza, os distinguem de outros gêneros literários. Algumas se impõem à primeira vista e não têm a ver com traços identificáveis no texto em si. Por exemplo, sua universalidade e sua vizinhança com a infância. Desta última, decorre outra, ainda mais sutil: sua carga afetiva. Falar em conto de fadas é evocar histórias para crianças, lembranças domésticas, ambiente familiar. Equivale também a uma filiação ao maravilhoso, em que tudo é possível acontecer.

Esse universo tem a ver também com outro aspecto: o da cultura oral. Trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração e transportados de país em país. Muitos deles foram depois recolhidos em antologias por estudiosos, com maior ou menor fidelidade à versão original de seus contadores e contadoras. Em vários casos, foram recontados e reelaborados – ora ganhando qualidade literária nas novas roupagens, ora se perdendo em adaptações cheias de intenções de corrigir as matrizes populares. Ora mantendo seu vigor original, ora se diluindo em pasteurizações.

Essas diferentes versões se multiplicam. Continuam a ser feitas hoje em dia. Por isso, o próprio conceito de "versão original" é difícil de precisar. Muitas vezes é difícil que o leitor atual tenha a possibilidade de acesso aos textos em sua forma cristalizada de quando foram pela primeira vez fixados por escrito, ou na versão que se tornou seu ponto de partida clássico.

Esta antologia traz alguns desses contos mais conhecidos, reproduzidos aqui em novas traduções, a partir dos originais normalmente considerados como suas fontes literárias. Alguns são realmente originais – como alguns de Andersen, que por vezes inventava histórias antes inexistentes, seguindo o modelo tradicional. Outros foram recolhidos do folclore e recontados de uma forma tão adequada e que teve tanto êxito que se converteram em matrizes, espalhando-se pelo mundo e passando a funcionar como um original, engendrando a partir daí inúmeras variantes. Por isso, este livro representa uma rara oportunidade de contato com

esse universo multifacetado.

No início da década de 1970, quando eu começava a escrever para crianças ou sobre produções culturais destinadas ao público infantil, deparei-me com uma situação que me surpreendeu, por ser tão diversa de minha vivência pessoal: havia uma grande desconfiança em relação aos contos de fadas. Era moda falar mal deles. A quase totalidade das edições que havia no mercado constava de versões resumidíssimas e adulteradas, totalmente pasteurizadas (e, portanto, sem sentido), de tão expurgadas de seus elementos essenciais. O gênero era acusado dos mais diversos males: elitismo, sexismo, violência, moralismo, maniqueísmo. Comecei quase sozinha uma verdadeira cruzada pela reabilitação do gênero entre nós. Em palestras, entrevistas ou numa coluna semanal que então mantinha no Jornal do Brasil, tratei de acentuar a importância de não nos perdermos dessa tradição por simples importação de modismos de correção política.

Nesse processo, procurei recorrer a opiniões de especialistas de outras áreas que pudessem me ajudar. Eram numerosos, variados e intelectualmente consistentes. Na área da filosofia e da antropologia, por exemplo, esses estudiosos ressaltavam os parentescos entre os contos e as sagas, mitos e ritos das sociedades primitivas, analisando seus enredos iniciatórios. Os linguistas e folcloristas, por sua vez, seguindo o russo Vladimir Propp, debruçaram-se sobre a forma de estruturar esses relatos, examinando um repertório básico comum a todos os contos populares. E a psicanálise deu uma enorme contribuição a esse debate. De início, por meio de Jung e seus seguidores, trazendo o conceito do arquétipo como estrutura do inconsciente coletivo.

Todas essas contribuições ajudavam a considerar os chamados contos de fadas com um olhar de respeito. Não só faziam parte dos primórdios da humanidade, mas neles e em gêneros correlatos germinava o embrião de toda a arte literária que a humanidade veio a desenvolver.

Em seguida, em plena efervescência do momento que eu estava vivendo, foi publicado o livro que seria crucial na transformação da maneira pela qual vinham sendo considerados esses contos maravilhosos: A psicanálise dos contos de fadas, de Bruno Bettelheim, saído no exterior em 1976 e traduzido no Brasil no final da década. A partir daí, esses contos deixaram de ser o patinho feio da literatura e se transformaram em magnífico cisne, em condições de nadar ao lado de seus irmãos no lago artístico.

Há ainda outro aspecto que gostaria de destacar ao anteceder com estas poucas linhas uma coletânea tão significativa quanto esta, ilustrada por artistas de tão alta linhagem – por si sós capazes de despertar um rico repertório de análises. É o fato de que eles fazem parte de um patrimônio comum de todos nós, um tesouro que a

humanidade vem preservando pelos tempos afora. Cada um de nós tem direito a um quinhão dele. Ao contrário de um acervo material, neste caso quanto mais ele se divide, mais cresce. Dele se constituem referências culturais comuns a todos nós. O historiador José Murilo de Carvalho, em Histórias que Cecilia contava, confirmou o que as Histórias de Tia Nastácia (de Monteiro Lobato) ou as Histórias da Velha Totonha (de José Lins do Rego) já apontavam: o repertório de contos maravilhosos narrados por escravos e seus descendentes em fazendas no século XIX e início do XX era europeu, filtrado pela linguagem e habilidade narrativa africanas – um importante capítulo de nossa formação cultural.

Conhecer essas matrizes é importante para nos conhecermos. E, como este livro comprova, é uma forma de encantamento literário.

Charles Perrault
(1628-1703)

Escritor e advogado francês, como funcionário do governo Luís XIV foi responsável pela escolha dos arquitetos que projetaram Versalhes e o Louvre. Ao registrar em livro os contos de sua infância, que agradavam também a seus próprios filhos, produziu uma obra com apelo popular inédito. Histórias antes tidas como vulgares ou grotescas foram inseridas no centro de uma nova cultura literária, que tinha a intenção de civilizar e educar crianças. As Histórias ou Contos do tempo passado, com moralidades foram publicadas em 1697, sob o nome do filho de Perrault. Mais adiante, a obra receberia o título de Contos da Mamãe Gansa, pelo qual ficaria mais conhecida. Únicos em sua maneira de narrar tanto para crianças quanto para adultos, mesclando conflitos familiares e fantasia com apartes maliciosos e comentários sofisticados, os contos registrados por Perrault incluem Cinderela, Pele de Asno, O Gato de Botas, O Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho e Barba Azul.

Cinderela ou
O sapatinho de vidro

Era uma vez um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo.

Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, com camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés.

George Cruikshank, 1854

A pobre menina suportava tudo com paciência. Não ousava s queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa. Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas. Por isso, todos passaram a chamá-la Gata Borralheira. Mas a caçula das irmãs, que não era tão estúpida quanto a mais velha, começou a chamá-la Cinderela. No entanto, apesar das roupas suntuosas que as filhas da madrasta usavam, Cinderela, com seus trapinhos, parecia mil vezes mais bonita que elas.

Ora, um dia o filho do rei deu um baile e convidou todos os figurões do reino – nossas duas senhoritas estavam entre os convidados, pois desfrutavam de certo prestígio. Elas ficaram entusiasmadas e ocupadíssimas, escolhendo as roupas e os penteados que lhes cairiam melhor. Mais um sofrimento para Cinderela, pois era ela que tinha de passar a roupa branca das irmãs e engomar seus babados. O dia inteiro as duas só falavam do que iriam vestir.

“Acho que vou usar meu vestido de veludo vermelho com minha renda inglesa”, disse a mais velha.

“Só tenho minha saia de todo dia para vestir, mas, em compensação, vou usar meu mantô com flores douradas e meu broche de diamantes, que não é de se jogar fora.”

Harry Clarke, 1922

Mandaram chamar o melhor cabeleireiro das redondezas, para levantar-lhes os cabelos em duas torres de caracóis, e mandaram comprar moscas do melhor fabricante. Chamaram Cinderela para pedir sua opinião, pois sabiam que tinha bom gosto. Cinderela deu os melhores conselhos possíveis e até se ofereceu para penteá-las. Elas aceitaram na hora. Enquanto eram penteadas, lhe perguntavam: “Cinderela, você gostaria de ir ao baile?”

“Pobre de mim! As senhoritas estão zombando. Isso não é coisa que convenha.”

“Tem razão, todo mundo riria um bocado se visse uma Gata Borralheira indo ao baile.”

Qualquer outra pessoa teria estragado seus penteados, mas Cinderela era boa e penteou-as com perfeição. As irmãs ficaram quase dois dias sem comer, tal era seu alvoroço. Arrebentaram mais de uma dúzia de corpetes de tanto apertá-los para afinar a cintura, e passavam o dia inteiro na frente do espelho.

Enfim o grande dia chegou. Elas partiram, e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de… eu gostaria tanto de…” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase.

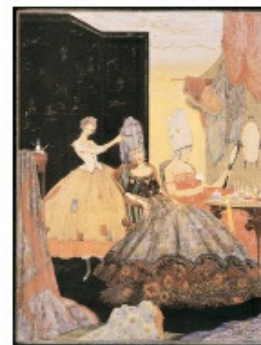
A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?”

“Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo.

“Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile.”

A fada madrinha foi com Cinderela até o quarto dela e lhe disse:

“Desça ao jardim e traga-me uma abóbora.”

Cinderela colheu a abóbora mais bonita que pôde encontrar e a levou para a madrinha. Não tinha a menor ideia de como aquela abóbora poderia fazê-la ir ao baile. A madrinha escavou a abóbora até sobrar só a casca. Depois bateu nela com sua varinha e no mesmo instante a abóbora foi transformada numa bela carruagem toda dourada. Em seguida foi espiar a armadilha para camundongos, onde encontrou seis camundongos ainda vivos. Disse a Cinderela que levantasse um pouquinho a portinhola da armadilha. Em cada camundongo que saía dava um toque com sua varinha, e ele era instantaneamente transformado num belo cavalo; formaram-se assim três belas parelhas de cavalos de um

Arthur Rackham, 1919

bonito cinza-camundongo rajado. E vendo a madrinha confusa, sem saber do que faria um cocheiro, Cinderela falou: “Vou ver se acho um rato na ratoeira. Podemos transformá-lo em cocheiro.”

“Boa ideia”, disse a madrinha, “vá ver.”

Cinderela então trouxe a ratoeira, onde havia três ratos graúdos. A fada escolheu um dos três, por causa dos seus bastos bigodes, e, tocando-o, transformou-o num corpulento cocheiro, bigodudo como nunca se viu. Em seguida ordenou a Cinderela: “Vá ao jardim, e encontrará seis lagartos atrás do regador. Traga-os para mim.”

Assim que ela os trouxe, a madrinha os transformou em seis lacaios, que num segundo subiram atrás da carruagem com suas librés, e ficaram ali empoleirados, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

Arthur Rackham, 1933

A fada se dirigiu então a Cinderela: “Pronto, já tem como ir a baile. Não está contente?”

“Estou, mas será que vou assim, tão maltrapilha?” Bastou que a madrinha a tocasse com sua varinha, e no mesmo instante suas roupas foram transformadas em trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. Depois ela lhe deu um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo.

Deslumbrante, Cinderela montou na carruagem. Mas sua madrinha lhe recomendou, acima de tudo, que não passasse da meia-noite, advertindo-a de que, se continuasse no baile um instante a mais, sua carruagem viraria de novo abóbora, seus cavalos camundongos, seus lacaios lagartos, e ela estaria vestida de novo com as roupas esfarrapadas de antes. Cinderela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite.

Então partiu, não cabendo em si de alegria. O filho do rei, a quem foram avisar que acabara de chegar uma princesa que ninguém conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão quando ela desceu da carruagem e conduziu-a ao salão onde estavam os convidados. Fez-se então um grande silêncio; todos pararam de dançar e os violinos emudeceram, tal era a atenção com que contemplavam a grande beleza da desconhecida. Só se ouvia um murmúrio confuso: “Ah, como é bela!”

O próprio rei, apesar de bem velhinho, não se cansava de fitá-la e de dizer bem baixinho para a rainha que fazia muito tempo que não via uma pessoa tão bonita e tão encantadora. Todas as damas puseram-se a examinar cuidadosamente seu penteado e suas roupas, para tratar de conseguir iguais já no dia seguinte, se é que existiam tecidos tão lindos e costureiras tão habilidosas.

O filho do rei conduziu Cinderela ao lugar de honra e em seguida a convidou para dançar: ela dançou com tanta graça que a admiraram ainda mais. Foi servida uma magnífica ceia, de que o príncipe não comeu, tão ocupado estava em contemplar Cinderela. Ela então foi se sentar ao lado das irmãs, com quem foi gentilíssima, partilhando com elas as laranjas e os limões que o príncipe lhe dera, o que as deixou muito espantadas, pois não a reconheceram. Estavam assim conversando quando Cinderela ouviu soar um quarto para a meia-noite. No mesmo instante fez uma grande reverência para os convidados e partiu chispando.

Assim que chegou em casa foi procurar a madrinha. Depois de lhe agradecer, disse que gostaria muito de ir de novo ao baile do dia seguinte, pois o filho do rei a convidara. Enquanto estava entretida em contar à madrinha tudo que acontecera no baile, as duas irmãs bateram à porta; Cinderela foi abrir.

"Como demoraram a chegar!" disse, bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando como se tivesse acabado de acordar; na verdade não sentira nem um pingo de sono desde que as deixara. "Se você tivesse ido ao baile", disse-lhe uma das irmãs, "não teria se entediado: esteve lá uma bela princesa, a mais bela que se possa imaginar; gentilíssima, nos deu laranjas e limões."

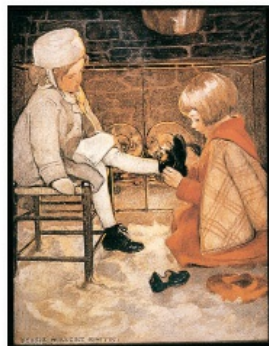
Cinderela ficou radiante ao ouvir essas palavras. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs responderam que ninguém a conhecia e que até o príncipe estava pasmo. Ele daria qualquer coisa para saber quem era ela. Cinderela sorriu e lhes disse: "Então ela era mesmo bonita? Meu Deus, que sorte vocês tiveram! Ah, seu eu pudesse vê-la também! Que pena! Senhorita Javotte, pode me emprestar aquele seu vestido amarelo que usa todo dia?"

"Com certeza", respondeu a senhorita Javotte, "vou fazer isso já, já! Emprestar meu vestido para uma Gata Borralheira asquerosa como esta, só se eu estivesse completamente louca." Cinderela já esperava essa recusa, que a deixou muito satisfeita; teria ficado terrivelmente embaraçada se a irmã tivesse lhe emprestado o vestido.

No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, mas ainda mais magnificamente trajada que da primeira vez. O filho do rei ficou todo o tempo junto dela e não parou de lhe sussurrar palavras doces. A jovem estava se divertindo tanto que esqueceu o conselho de sua madrinha. Assim foi que escutou soar a primeira badalada da meia-noite quando imaginava que ainda fossem onze horas: levantou-se e fugiu, célere como uma corça. O príncipe a seguiu, mas não conseguiu alcançá-la. Ela deixou cair um dos seus sapatinhos de vidro, que o príncipe guardou com todo cuidado.

Walter Crane, 1873

Cinderela chegou em casa sem fôlego, sem carruagem, sem lacaios e com seus andrajos; não lhe restara nada de todo o seu esplendor senão um pé dos sapatinhos, o par do que deixara cair.

Perguntaram aos guardas da porta do palácio se não tinham visto uma princesa deixar o baile. Responderam que não tinham visto ninguém sair, a não ser uma mocinha muito malvestida, que mais parecia uma camponesa que uma senhorita.

Jessie Willcox Smith, 1911

Quando suas duas irmãs voltaram do baile, Cinderela perguntou-lhes se tinham se divertido novamente, e se a bela dama lá estivera. Responderam que sim, mas que fugira ao toque da décima segunda badalada, e tão depressa que deixara cair um de seus sapatinhos de vidro, o mais lindo do mundo. Contaram que o filho do rei o pegara, e que não fizera outra coisa senão contemplá-lo pelo resto do baile. Tinham certeza de que ele estava completamente apaixonado pela linda moça, a dona do sapatinho.

Diziam a verdade, porque, poucos dias depois, o filho do rei mandou anunciar ao som de trompas que se casaria com aquela cujo pé coubesse exatamente no sapatinho. Seus homens foram experimentá-lo nas princesas, depois nas duquesas, e na corte inteira, mas em vão. Levaram-no às duas irmãs, que não mediram esforços para enfiarem seus pés nele, mas sem sucesso. Cinderela, que as observava, reconheceu seu sapatinho e disse, sorrindo: "Deixem-me ver se fica bom em mim." As irmãs começaram a rir e a caçoar dela. Mas o fidalgo que fazia a prova do sapato olhou atentamente para Cinderela e, achando-a belíssima, disse que o pedido era justo e que ele tinha ordens de experimentá-lo em todas as moças.

Pediu a Cinderela que se sentasse. Levou o sapato até seu pezinho e viu que cabia perfeitamente, como um molde de cera. O espanto das duas irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse instante chegou a madrinha e, tocando com sua varinha os trapos de Cinderela, transformou-os de novo nas mais magníficas de todas as roupas.

George Cruikshank, 1854

As duas irmãs perceberam então que era ela a bela jovem que tinham visto no baile. Jogaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão por todos os maus-tratos que a tinham feito sofrer. Cinderela perdoou tudo e, abraçando-as, pediu que continuassem a lhe querer bem.

Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe

pareceu mais bela que nunca e poucos dias depois estavam casados. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte.

Moral

É um tesouro para a mulher a formosura,
Que nunca nos fartamos de admirar.
Mas aquele dom que chamamos doçura
Tem um valor que não se pode estimar.

Foi isso que Cinderela aprendeu com a madrinha,
Que a educou e instruiu com um zelo tal,
Que um dia, finalmente, dela fez uma rainha.
(Pois também deste conto extraímos uma moral.)

Beldade, ela vale mais do que roupas enfeitadas.
Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha,
A doçura é que é a dádiva preciosa das fadas.
Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha.

Outra moral

É por certo grande vantagem
Ter espírito, valor, coragem,
Um bom berço, algum bom senso –
Talentos que tais ajudam imenso.
São dons do Céu que esperança infundem.
Mas seus préstimos por vezes iludem,
E teu progresso não vão facilitar,
Se não tiveres, em teu labutar,
Padrinho ou madrinha a te empurrar.

Pele de Asno

ERA UMA VEZ o rei mais poderoso que já houve na terra. Amável na paz, terrível na guerra, não havia outro que se comparasse a ele. Seus vizinhos o temiam, seus súditos eram felizes. Em seu reino, à sombra de suas vitórias, as virtudes e as belas-artes por toda parte floresciam. A esposa que escolhera, sua fiel companheira, era tão encantadora e tão bela, de índole tão serena e tão doce, que ser o esposo dela o fazia ainda mais feliz do que ser rei. Do terno e casto enlace desse casal, que foi pleno de afeição e contentamento, nasceu uma menina. Eram tantas e tais as suas virtudes que o rei e a rainha logo se consolaram por não ter mais filhos.

No vasto e rico palácio desse rei, tudo era suntuoso. Por toda parte formigava uma profusão de cortesãos e camareiros. Os estábulos abrigavam cavalos grandes e pequenos de toda sorte, cobertos com ricos arreios ornados de ouro e bordados. Mas o que surpreendia a todos que neles entravam era que, no lugar de mais destaque, um grande asno exibia suas enormes orelhas. Essa esquisitice pode surpreender, mas, uma vez conhecendo as virtudes superlativas do animal, já ninguém pensava que a honra era excessiva. Pois esse asno, a natureza o formara de tal maneira e tão imaculado, que, em vez de esterco, produzia belos escudos e luíses de ouro, que rutilavam ao sol e que, toda manhã, ao seu despertar, em sua baia iam recolher.

Ora, o céu, que por vezes se cansa de deixar as pessoas só contentes, sempre à sua felicidade mistura alguma desgraça, como a chuva ao bom tempo, permitiu que uma doença grave assaltasse de repente a saúde da rainha. Buscou-se socorro em toda parte, mas nem os doutores com seu grego, nem os charlatães reputados, nem eles todos juntos, conseguiram extinguir o incêndio que a febre, cada vez mais alta, acendia.

Chegada à sua última hora, a rainha disse ao rei seu esposo: “Permita que antes de morrer eu lhe faça um pedido: se acaso desejar casar novamente quando eu já não estiver aqui…”

“Ah”, disse o rei, “essas inquietações são vãs, eu jamais pensaria nisso, fique tranquila.”

Gustave Doré, 1861

"Eu acredito", respondeu a rainha. "Seu amor ardoroso é prova disso. Para ter plena certeza, porém, quero seu juramento de que não se casará. Eu o atenuo, contudo, com essa ressalva: se encontrar uma mulher mais bela, mais perfeita e mais sábia do que eu, aí sim estará livre para empenhar sua palavra e desposá-la."

Sua confiança em seus encantos era tal que a fazia tomar esse compromisso como uma promessa do rei de jamais se casar. Assim o rei jurou, os olhos banhados de lágrimas, tudo que a rainha desejou.

Ela morreu em seus braços e jamais um marido se entregou a tamanho desespero. Ao ouvi-lo soluçar dia e noite, pensou-se que seu luto não seria duradouro, e que ele chorava seu amor perdido como um homem que deseja liquidar o assunto o quanto antes.

A impressão não foi equivocada. Ao cabo de alguns meses o rei se dispôs a fazer uma nova escolha. Mas não era coisa fácil, era preciso manter o juramento, e a nova noiva devia ter mais prendas e graça que aquela recentemente sepultada.

Nem na corte, fértil em belezas, nem no campo, nem na cidade, nem nos reinos das redondezas foi possível encontrar mulher assim. Somente a infanta era mais bela, e possuía certas sutis seduções de que a defunta carecera. O rei percebeu isso. E, inflamado por um amor extremo, acabou por meter na cabeça a ideia louca de que devia se casar com a filha. Encontrou até um casuísta que julgou a pretensão procedente. Mas a princesa, desolada de ouvir falar em tal amor, consumia-se noite e dia a lamentar e chorar.

Com a alma transbordando de dor, ela foi à procura da sua madrinha. Esta morava longe, numa gruta solitária ricamente ornada de nácar e coral. Era uma fada admirável, cuja arte ninguém igualava. (Não preciso dizer o que era uma fada naqueles tempos de antanho – isso com certeza sua ama contou para você desde os seus mais verdes anos.)

"Sei o que a trouxe aqui", disse a madrinha ao ver a princesa. "Sei da profunda tristeza que em seu coração se encerra. A meu lado, porém, não tem por que se inquietar. Nada lhe poderá fazer mal, contanto que siga meus conselhos. É verdade que seu pai quer desposá-la. Dar ouvidos a esse intento insensato seria um grande erro, mas você tem um meio de recusá-lo sem o contradizer. Diga-lhe que, antes que ao amor dele seu coração se entregue, há um capricho que ele deve contentar: um vestido que seja da cor do tempo. Apesar de todo o seu poder e de toda a sua riqueza, por mais que o céu favoreça suas intenções, o rei jamais poderá cumprir essa promessa."

A princesa foi ter com o pai sem demora e, trêmula de medo, formulou seu

desejo. O rei, no mesmo instante, fez saber aos costureiros mais reputados que se não lhe fizessem, e rápido, um vestido da cor do tempo podiam estar certos de ir parar no cadafalso.

O segundo dia ainda não raiara quando levaram ao palácio o vestido desejado. O mais belo azul-celeste, mesmo quando está adornado por densas nuvens de ouro, não exibe cor mais opalina. Invadida pela alegria e pela dor, a infanta não soube o que dizer, nem como se furtar à palavra que empenhara. "Princesa," sussurrou-lhe a madrinha, "peça-lhe um mais brilhante e menos comum, um que seja da cor da lua. Isso ele não conseguirá."

Mal a princesa formulara seu pedido, o rei disse a seu bordador: "Que o astro da noite não tenha mais esplendor, e que me seja entregue em quatro dias sem falta."

O rico traje ficou pronto no dia marcado, tal como o rei especificara. Nem a lua, quando, em seu manto de prata, em meio à sua jornada sobre o tapete da noite, empalidece as estrelas com sua claridade mais viva, jamais teve tamanho fulgor.

A princesa, admirando esse traje deslumbrante, chegou quase a decidir dar seu consentimento. Mas, inspirada pela madrinha, disse ao rei apaixonado: "Só ficarei contente se tiver um vestido ainda mais brilhante e da cor do sol."

O rei, que a amava de um amor desvairado, mandou vir imediatamente o rico lapidário e lhe ordenou que fizesse o vestido de um tecido magnífico de ouro e de diamantes, dizendo que, se não desse conta da encomenda, o faria morrer em meio a mil tormentos.

O rei não precisou se dar ao trabalho, pois o hábil artesão lhe fez chegar a obra preciosa naquela semana mesmo. Tão belo, tão vivo, tão radioso, que mesmo o louro amante de Climene, quando, em seu carro de ouro, percorre a abóbada celeste, não ofusca os olhos com mais brilhante clarão.

A infanta, por esses presentes ainda mais confundida, já não sabia o que responder ao rei seu pai. Mas depressa a madrinha a tomou pela mão: "Não hesite," disse-lhe ao pé do ouvido, "você está no bom caminho. Afinal, não são assim tão grandes prodígios todos esses presentes recebidos. Veja, o rei tem aquele asno que você sabe, não para de lhe encher as burras de escudos de ouro. Peça a ele a pele desse raro animal. Sendo ela a fonte de sua fortuna, ou muito me engano, ou isso você não terá."

Gustave Doré, 1861

Aquela fada era muito sábia, mas ainda não aprendera que o amor arrebatado ignora ouro e prata quando quer ser saciado. A pele foi pronta e galantemente concedida, mal a infanta a pediu. Quando recebeu a pele, a menina ficou aterrorizada e queixou-se amargamente de sua sorte. Sua madrinha apareceu e ponderou. "Quando fazemos o bem", disse, "nunca devemos temer." A princesa deveria dar a entender ao rei que estava disposta àquele casamento. Ao mesmo tempo, porém, sozinha e bem-disfarçada, deveria partir para alguma província distante para evitar um mal tão próximo e tão certo.

"Eis aqui", continuou a madrinha, "um grande baú. Nele poremos todos os seus vestidos, seu espelho, artigos de toalete, seus diamantes e rubis. Dou-lhe ainda minha varinha. Se a segurar na mão, o baú a seguirá por onde você for, escondido embaixo da terra. E quando quiser abri-lo, tem apenas de tocar a terra com a varinha. No mesmo instante ele surgirá diante dos seus olhos. Para se tornar irreconhecível, a pele do asno será um disfarce perfeito. Esconda-se bem dentro dessa pele. É tão medonha que ninguém pensará que encerra nada de belo."

Ao alvorecer, mal a princesa, assim travestida, deixara a casa da sábia madrinha, o rei, que se preparava para a festa de suas núpcias triunfais, ficou sabendo que todos os seus planos haviam malogrado. Não houve casa, caminho, avenida que não fosse prontamente revistado. Mas de nada valeu tanta agitação, ninguém podia adivinhar o que fora feito da princesa. Uma decepção triste e negra tomou conta de tudo. Não haveria mais casamento, nenhum festejo, nenhum bolo, nenhum doce. Muitas damas da corte, desencantadas, perderam o apetite e recusaram o jantar. Mais triste ainda ficou o padre, pois o prato da coleta voltou vazio e sua ceia foi servida tarde demais.

Enquanto isso a infanta seguia seu caminho, o rosto sujo de lama. Estendia a mão a todos os passantes, à procura de um lugar onde pudesse se empregar. Mas os menos delicados e os mais infelizes, vendo-a tão asquerosa e tão imunda, não queriam escutar, muito menos levar para casa uma criatura tão suja. Assim ela andou muito, e continuou andando, e andou mais ainda. Finalmente chegou a uma granja cuja dona precisava de uma criada molambenta que soubesse somente lavar panos de chão e limpar o comedouro dos porcos.

Meteram-na num canto no fundo da cozinha onde os criados, essa cambada insolente, não faziam outra coisa senão zombar dela, importuná-la, arreliá-la. Pregavam-lhe as piores peças, provocando-a a troco de nada. Ela era o alvo de todas as suas brincadeiras e de todas as suas piadas.

Aos domingos, tinha um pouco mais de paz, pois, tendo dado conta de manhã de

seus pequenos serviços, podia ficar no seu quarto. Ali, com a porta bem fechada, limpava-se, abria o baú e arrumava seus potinhos com esmero sobre a mesa. Diante de seu grande espelho, alegre e satisfeita, vestia ora o vestido da lua, ora aquele em que o fogo do sol refulgia, ora o belo vestido azul que todo o azul do céu não podia igualar. Uma única coisa a entristecia, é que no assoalho tão estreito a cauda de seus vestidos não podia se espalhar. Gostava de ser jovem, rubra e branca, cem vezes mais elegante que qualquer outra. Esse doce prazer a sustentava e a levava até o outro domingo.

Ia me esquecendo de dizer que nessa granja eram criadas as aves de um rei magnífico e poderoso. Ali galinhas-d'angola, codornas, perdizes, galinhas-d'água, biguás, patos e mil outras aves das mais diferentes feições podiam encher nada menos que dez pátios inteiros.

O filho do rei costumava passar por esse lugar aprazível quando voltava da caça, para ali repousar, tomar uma bebida gelada com os senhores de sua corte. Nem o belo Céfalo o superava! Tinha um porte real, uma fisionomia marcial apta a fazer tremer os mais orgulhosos batalhões. Avistando-o muito de longe, Pele de Asno se enterneceu, e essa audácia a fez ver que, sob a sua sujeira e seus trapos, ainda guardava o coração de uma princesa. "Que ar imponente ele tem, ainda que não seja afetado. Como é amável", pensou ela, "e como é feliz aquela a quem entregou seu coração! Se ele tivesse me honrado com um vestidinho à toa, eu estaria mais linda que com todos esses que tenho."

Harry Clarke, 1922

Um dia o jovem príncipe, perambulando a esmo de um quintal a outro, passou pelo corredor escuro onde Pele de Asno tinha seu humilde quartinho. Por acaso, pôs o olho no buraco da fechadura. Sendo aquele um dia feriado, ela se adornara com um rico traje, e seu soberbo vestido, tecido de ouro fino e incrustado de grandes diamantes, luzia mais que o sol em seu zênite. Contemplando-a, o príncipe ficou à mercê de seus desejos e tal foi seu alumbramento que mal conseguia recobrar o fôlego ao olhá-la. Era belo o vestido, mas a beleza do rosto, seu contorno puro, sua brancura impecável, seus traços finos, seu jovem frescor, o deixaram cem vezes mais arrebatado. Mas um certo ar de grandeza, mais ainda, um prudente e modesto recato, testemunhas seguras da beleza de sua alma, apoderaram-se de todo o seu coração.

Três vezes, no calor do fogo que o transportava, ele quis arrombar a porta. Mas, acreditando estar diante de uma divindade, três vezes seu braço foi detido pelo respeito.

No palácio, isolou-se, pensativo; dia e noite, só fazia suspirar. Não queria mais ir

ao baile, embora fosse carnaval. Detestava a caça, detestava o teatro, não tinha mais apetite, tudo o desgostava. E o fundo de sua doença era um triste e mortal langor.

Procurou saber quem era aquela ninfa admirável que morava junto a um quintal no fundo de um corredor pavoroso, onde nada se enxergava em pleno dia. "É Pele de Asno," disseram-lhe, "que de ninfa e de bela nada tem. Chamam-na assim por causa da pele que põe nos ombros. É um verdadeiro antídoto para o amor. Em uma palavra, o animal mais feio que se possa ver depois do lobo." Por mais que falassem, o príncipe não podia acreditar. Os traços que o amor riscara, sempre presentes em sua memória, nunca seriam apagados.

Nesse meio-tempo, a rainha sua mãe, que só tinha esse filho, chorava e se desesperava. Tentou forçá-lo a dizer qual era o seu mal. Ele gemeu, chorou, suspirou e nada disse. Disse apenas que desejava que Pele de Asno lhe fizesse um bolo com as próprias mãos. A mãe não entendeu o que o filho queria dizer. "Ora, Madame!" lhe disseram. "Essa Pele de Asno é uma toupeira preta ainda mais sórdida e mais porca que o mais sujo desgraçado." "Não importa", disse a rainha, "é preciso satisfazê-lo, e é só nisso que devemos pensar." Era tal o amor dessa mãe pelo filho que, tivesse ele pedido ouro para comer, teria recebido.

Assim, Pele de Asno pegou sua farinha, que havia mandado peneirar na véspera especialmente para tornar sua massa mais fina, seu sal, sua manteiga e seus ovos frescos. Para melhor fazer o bolo, foi se fechar em seu quartinho. Primeiro lavou as mãos, os braços e o rosto. Para tornar digno o seu trabalho, pegou um corpete de prata, atou-o logo e começou.

Dizem que, trabalhando um pouco afobada, deixou cair na massa, sem perceber, um de seus valiosos aneis. Mas os que afirmam saber o fim desta história garantem que foi de propósito que o anel foi deixado na massa. Palavra que, de minha parte, posso acreditar nisso perfeitamente. É que estou convencido de que, quando o príncipe a espiou pelo buraco da fechadura, ela soube muito bem o que estava acontecendo. Nesse ponto a mulher é tão esperta e seu olho tão rápido que não a podemos olhar um só momento sem que ela saiba que está sendo olhada. Tenho toda a certeza, posso até jurar, que ela sabia que o anel seria muito bem-recebido por seu jovem amante.

Jamais se assou bolo tão apetitoso, e o príncipe o achou tão bom que, na sua gulodice, por um triz não comeu o anel também. Quando viu a esmeralda admirável e o círculo estreito do aro de ouro, que marcava a forma do dedo, a alegria invadiu seu coração. Guardou-o na sua cabeceira. Mas seu mal ia sempre aumentando, e os médicos, com seu douto saber, vendo-o emagrecer a cada dia, juraram por sua grande ciência que ele estava doente de amor.

Como o casamento, por mais que o censurem, é um remédio notável para essa doença, decidiram casar o príncipe. A princípio, ele resistiu, depois disse: "Concordo, desde que me deem em casamento a pessoa em quem este anel servirá." O rei e a rainha ficaram muito espantados com pedido tão esquisito, mas o estado do príncipe era tão grave que não ousaram dizer não.

E começou a procura daquela que o anel, fosse qual fosse a cor do seu sangue, deveria elevar a tão alta posição. As mulheres correram todas para apresentar seu dedo; ninguém queria perder a vez nem abrir mão do seu direito. Tendo corrido o rumor de que para pretender ao príncipe era preciso ter o dedo bem fino, foi a vez dos charlatães alardearem que os sabiam afinar. Uma mulher, seguindo um louco capricho, raspou o dedo como uma beterraba. Outra aparou-lhe um pedacinho. Uma outra acreditou que o melhor era apertar. E outra ainda, para torná-lo mais magro, usou uma poção que o fazia descamar. Não houve enfim estratagema a que as mulheres não recorressem para fazer o dedo se ajustar ao anel.

A prova começou com jovens princesas, as marquesas e as duquesas. Mas seus dedos, embora delicados, eram grossos demais e não entravam no anel. As condessas e as baronesas, e todas as nobres do reino, também vieram, uma a uma, se apresentar. Mais uma vez, tudo em vão.

Depois vieram as mocinhas do povo, muitas delas bem bonitas, em cujos dedinhos roliços o anel às vezes parecia servir. Mas não, era sempre pequeno demais, ou redondo demais, e rejeitava a todas com o mesmo desdém.

Finalmente foi preciso submeter à prova as criadas, as cozinheiras, as copeiras, as camponesas, numa palavra toda a arraia-miúda, cujas mãos vermelhas e escuras vinham tão cheias de esperança quanto as mãos delicadas. Muita moça se apresentou cujo dedo, gordo e empelotado, se enfiava no anel tão bem quanto uma corda no orifício de uma agulha.

Pensou-se então que a prova terminara, pois de fato só restava a pobre Pele de Asno no fundo da cozinha. Mas quem poderia acreditar que aquela moça se destinava a ser rainha? O príncipe disse: "E por que não? Tragam-na aqui." Todos riram, e exclamaram em voz alta: "Que pretende ele fazendo entrar aqui esse estupor?"

Anônimo, 1865

Mas quando ela tirou dos ombros sua pele negra, e estendeu uma mãozinha que parecia de um marfim com um pouco de púrpura matizado, e o anel ajustou-se perfeitamente a seu dedinho, o pasmo e o assombro da corte desafiam a descrição.

Nesse arroubo, quiseram levá-la ao rei. Ela pediu contudo que, antes de comparecer perante seu amo e senhor, lhe permitissem trocar de roupa. Da roupa que usava, verdade seja dita, estavam todos zombando. Mas dali a pouco Pele de Asno, suntuosamente trajada, chegou aos reais aposentos e atravessou as salas, exibindo ricas belezas jamais igualadas. Seu cabelo louro e sedoso era realçado por diamantes resplandecentes. Seus olhos azuis, grandes e doces, plenos de uma orgulhosa majestade, não fitavam nunca sem encantar. Seu talhe, enfim, era tão delgado e fino que com duas mãos era possível envolvê-la. Ante tamanho encanto e sua graça divina, as damas da corte, eclipsadas, viram perder o fulgor todos os seus ornamentos.

Em meio à alegria e ao alarido de toda aquela gente reunida, o bom rei não cabia em si de contente ao ver toda a beleza que a nora possuía. A rainha também estava maravilhada, e o príncipe, seu querido amante, a alma sufocada de prazer, sucumbia ao peso de seu arrebatamento.

Logo foram tomadas as providências para o casamento. O monarca convidou para a festa todos os reis das cercanias, que, engalanados com as mais brilhantes vestimentas, deixaram seus Estados para participar das bodas. Chegaram reis das regiões da aurora, montados em grandes elefantes. Das bandas mouras vieram outros que, mais negros e ainda mais feios, assustavam as criancinhas. Enfim, a corte ficou repleta de soberanos de todos os rincões do mundo.

Gustave Doré, 1861

Nenhum rei, porém, nenhum potentado, apareceu com tanta magnificência quanto o pai da noiva. Por ela outrora apaixonado, ele com o tempo purgara o ardor que lhe consumia o coração. Dele banira todo desejo criminoso, e, daquela chama odiosa, o pouco que restava em sua alma vinha apenas avivar seu amor paterno. Ao vê-la, exclamou: "Bendito seja o céu que permitiu que eu a reveja, minha querida filha!" E, chorando de alegria, correu para abraçá-la ternamente. Quanto ao príncipe, ficou encantado por saber que seria genro de um rei tão poderoso.

Naquele instante chegou a madrinha, que contou como tudo tinha se passado e, com seu relato, acabou de cumular Pele de Asno de glória.

Não é difícil observar que o objetivo deste conto é ensinar às crianças que mais vale se expor à mais cruel adversidade que deixar de cumprir seu dever.

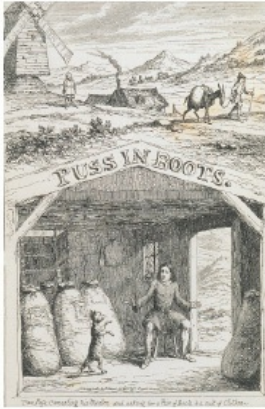
Que a virtude pode envolver sofrimento, mas é sempre coroada.

Que contra um amor desvairado e seus arroubos fogosos, a razão mais forte é uma frágil barreira, e que não há ricos tesouros que um amante hesite em prodigalizar.

Que uma jovem pode muito bem viver de água e pão, contanto que tenha belos vestidos.

Que não há sob o céu mulher que não se creia bela. Não raro ela imagina até que, se tivesse participado da famosa querela daquelas três beldades, o pomo de ouro teria arrebatado.

É difícil acreditar no conto de Pele de Asno. Mas enquanto houver nesse mundo crianças, mães e avós, ele não será esquecido.

O Gato de Botas
ou O Mestre Gato

George Cruikshank, 1854

Toda a fortuna que um moleiro deixou para os três filhos foi seu moinho, seu asno e seu gato. A partilha foi feita imediatamente e não foi preciso chamar o tabelião nem o procurador, que logo teriam devorado o parco patrimônio. O filho mais velho ficou com o moinho, o segundo com o asno, e para o caçula sobrou o gato.

Este último não se conformava de ter um quinhão tão mesquinho. "Meus irmãos", dizia, "poderão ganhar a vida honestamente trabalhando juntos. Quanto a mim, quando tiver comido o meu gato e feito luvas com a sua pele, só me restará morrer de fome."

O gato, que escutou essa fala sem se dar por achado, disse-lhe com ar grave e ponderado: "Não se aflija, meu amo, basta que me dê um saco e mande fazer para mim um par de botas para que eu possa andar pelo mato, e verá que o pedaço que lhe coube na herança não é tão mal assim."

Anônimo, s/d

Embora não se fiasse muito naquela conversa, o amo do gato já o vira usar tantas artimanhas para pegar ratos e camundongos (pendurando-se de cabeça para baixo pelos pés, ou escondendo-se na farinha para se fazer de morto) que teve um fio de esperança de ser socorrido por ele na sua desgraça.

Quando recebeu o que pedira, o gato calçou garbosamente as botas. Depois meteu no saco farelo e alfaces e o pendurou às costas, segurando os cordões com as duas patas da frente. Partiu então para um bosque onde havia muitos coelhos. Lá chegando, esticou-se como se estivesse morto e esperou que algum coelho jovem, ainda inocente das perfídias deste mundo, viesse se enfiar no seu saco para comer o farelo e as alfaces.

Mal se deitara, foi premiado com o sucesso: um jovem coelho entrou no seu saco, e Mestre Gato, puxando imediatamente os cordões, o agarrou e matou sem misericórdia. Todo orgulhoso de sua proeza, foi à casa do rei e pediu para lhe falar. Fizeram-no subir aos aposentos de Sua Majestade e, após entrar e fazer uma

profunda reverência, o gato disse:

Anônimo, s/d

"Trago comigo um coelho da floresta com que o senhor marquês de Carabá (foi o nome que, de veneta, deu ao amo) me encarregou de vos presentear da parte dele."

"Diga ao seu amo", respondeu o rei, "que lhe agradeço e que ele me dá um grande prazer."

Mais uma vez, o gato foi se esconder num campo de trigo, mantendo sempre seu saco aberto. E quando duas perdizes se enfiaram nele, puxou os cordões e capturou-as. Em seguida foi dá-las de presente ao rei, como fizera com o coelho da floresta. Mais uma vez o rei recebeu com prazer as duas perdizes e mandou que dessem uma gratificação ao bichano.

Assim, por dois ou três meses, o gato continuou a levar para o rei, de tempos em tempos, uma caça em nome de seu amo. Um dia, tendo ficado sabendo que o rei sairia a passeio pela margem do rio com a filha, a mais bela princesa do mundo, ele disse a seu amo: "Se quiser seguir meu conselho, sua fortuna está feita; basta que vá se banhar no rio no lugar que lhe mostrarei. E deixe o resto por minha conta."

O marquês de Carabá fez o que o gato lhe aconselhava, sem saber para que aquilo poderia servir. Enquanto ele se banhava, o rei passou por ali, e o gato se pôs a gritar a plenos pulmões: "Socorro! Socorro! Meu senhor, o marquês de Carabá, está se afogando!"

Anônimo, s/d

A esse grito, o rei enfiou a cabeça pela janela da carruagem e, ao reconhecer o gato que tantas vezes lhe levara caça, ordenou a seus guardas que fossem a toda pressa socorrer o senhor marquês de Carabá.

Enquanto os guardas tiravam o pobre marquês do rio, o gato se aproximou da carruagem e disse ao rei que, enquanto seu amo se banhava, ladrões tinham levado suas roupas, por mais que ele tivesse gritado "Pega ladrão!" com todas as suas forças. (Na verdade, o maroto as escondera debaixo de uma pedra grande.)

Imediatamente o rei ordenou aos servidores encarregados de seu guarda-roupa que fossem buscar um de seus mais belos trajes para o senhor marquês de Carabá. Depois o rei fez a ele mil cumprimentos, e como as belas roupas que acabara de ganhar realçavam seu semblante agradável (pois era bonito e bem-constituído), a filha do rei o achou muito do seu agrado. Mal o marquês de Carabá lhe dirigira dois ou três olhares muito respeitosos, e um pouco ternos, ela ficou perdida de amor.

O rei quis que o marquês entrasse na carruagem e fosse com eles passear. O

gato, encantado de ver que seu plano começava a dar certo, seguiu na frente e, encontrando alguns camponeses que ceifavam num prado, disse-lhes: "Boa gente que está ceifando, se não disserem ao rei que o prado que estão ceifando pertence ao senhor marquês de Carabá, serão todos picados miudinho como recheio de linguiça."

E de fato o rei perguntou aos camponeses a quem pertencia o prado que ceifavam. "Pertence ao senhor marquês de Carabá", responderam todos em coro, porque a ameaça do gato os amedrontara.

"Tem aí uma bela herança", disse o rei ao marquês de Carabá.

"Como vedes, Majestade", respondeu o marquês, "é um prado que não deixa de produzir com abundância todos os anos."

Mestre Gato, que seguia sempre à frente, encontrou um grupo de homens que colhiam e lhes disse: "Boa gente que está colhendo, se não disserem ao rei que todo este trigo pertence ao senhor marquês de Carabá, serão todos picados miudinho como recheio de linguiça."

O rei, que passou instantes depois, quis saber a quem pertencia todo o trigo que via. "Pertence ao marquês de Carabá", responderam os colheiteiros, e mais uma vez o rei se congratulou com o marquês.

O gato, que ia adiante da carruagem, dizia sempre a mesma coisa a todos que encontrava. E o rei estava pasmo com as riquezas do senhor marquês de Carabá. Finalmente Mestre Gato chegou a um belo castelo que pertencia a um ogro, o mais rico que jamais se viu, pois todas as terras por onde o rei passara eram parte de seu domínio. O gato, que tivera o cuidado de se informar sobre quem era esse ogro e do que era capaz, pediu uma audiência, alegando que não quisera passar tão perto de um castelo sem ter a honra de prestar suas homenagens ao castelão.

O ogro o recebeu com a cortesia de que um ogro é capaz e o convidou a sentar.

"Garantiram-me", disse o gato, "que você tem o dom de se transformar em todo tipo de animal, que é capaz, por exemplo, de se transformar num leão ou num elefante."

"É verdade", respondeu o ogro bruscamente. "Para lhe dar uma mostra, vou me transformar num leão."

O gato ficou tão apavorado de ver um leão diante de si que num instante estava nas calhas do telhado – não sem dificuldade e perigo, por causa das botas, que não eram grande coisa para se caminhar sobre telhas.

Gustave Doré, 1861

Algum tempo depois, tendo visto que o ogro voltara à sua primeira forma, o gato desceu e confessou que ficara aterrorizado.

“Garantiram-me ainda,” disse o gato, “mas não pude acreditar, que você também tem o poder de tomar a forma dos animais mais pequeninos, que pode se transformar por exemplo num rato, num camundongo. Confesso que isso me parece totalmente impossível.”

“Impossível?” replicou o ogro. “Veja só.” E no mesmo instante se transformou num camundongo que se pôs a correr pelo assoalho. Quando viu isso, o gato se jogou em cima dele e o comeu.

Nesse meio-tempo o rei, ao passar, viu o belo castelo do ogro e quis visitá-lo. Ao ouvir o ruído da carruagem passando sobre a ponte levadiça, o gato correu para a frente do castelo e disse ao rei:

“Seja bem-vinda, Vossa Majestade, ao castelo do senhor marquês de Carabá.”

“Mas como, senhor marquês!” exclamou o rei. “Também este castelo lhe pertence? Não pode haver nada de mais bonito que este pátio e estas construções que o cercam. Vejamos o interior, por favor.”

O marquês deu a mão à jovem princesa e os dois seguiram o rei escada acima. Quando entraram no grande salão, encontraram servida uma magnífica refeição. O ogro a mandara preparar para uns amigos que deveriam visitá-lo naquele mesmo dia, mas eles, sabendo que o rei estava lá, não haviam ousado entrar.

O rei, encantado com as boas qualidades do senhor marquês de Carabá – qualidades pelas quais sua filha estava perdidamente apaixonada – e vendo as riquezas que ele possuía, disse-lhe, depois de ter tomado cinco ou seis taças:

“Depende somente de ti, marquês, vir a ser meu genro.”

O marquês, fazendo profundas reverências, aceitou a honra que lhe fazia o rei; e naquele dia mesmo casou-se com a princesa.

O gato tornou-se um grande senhor e passou a só correr atrás de camundongos para se divertir.

Harry Clarke, 1922

MORAL

Por mais conveniente que seja
Uma bela herança receber,
Do avô, do pai ou do tio,
E depois de juros viver,
Para os menos bem-nascidos
A habilidade e a perícia
Podem suprir bens recebidos.

OUTRA MORAL

Se o filho de um moleiro com tanta presteza
Arranca tão meigos olhares e suspiros
E ganha o coração de uma rica princesa,
É que a roupa, a beleza e a doçura
São meios que contam com certeza.

O Pequeno Polegar

ERA UMA VEZ um lenhador e uma lenhadora que tinham sete filhos, todos meninos. O mais velho tinha só dez anos e o mais novo só sete. É de espantar que o lenhador tivesse tido tantos filhos em tão poucos anos; mas é que sua mulher não perdia tempo e não fazia menos de dois de cada vez.

Eram muito pobres e seus sete filhos eram uma carga muito pesada, porque nenhum deles ganhava dinheiro ainda. O que os afligia também é que o caçula era muito doentinho e não falava uma palavra. Na verdade, tomavam por burrice o que era uma marca da bondade de seu espírito. Como era muito pequenino e, ao vir ao mundo, não era maior que um polegar, passaram a chamá-lo Pequeno Polegar. Essa pobre criança era o bode expiatório da casa, e sempre o culpavam por tudo. No entanto, era o mais sagaz e o mais prudente de todos os irmãos e, se falava pouco, ouvia muito.

Gustave Doré, 1861

Veio um ano de miséria, e a fome foi tão grande que esse pobre casal resolveu abandonar seus filhos. Uma noite, quando as crianças estavam deitadas e o lenhador estava junto do fogo com a mulher, ele lhe disse, o coração apertado de dor: "Como vê, não podemos mais alimentar nossos filhos. Eu não seria capaz de vê-los morrer de fome diante dos meus olhos, e decidi levá-los amanhã para o bosque e abandoná-los lá, o que será muito fácil, pois, enquanto estiverem se divertindo colhendo gravetos, só teremos de sumir sem que nos vejam."

"Ah!" exclamou a lenhadora, "então seria capaz de abandonar seus filhos?" Foi inútil o marido lhe descrever a extrema pobreza em que estavam: ela não podia consentir naquilo. Era pobre, mas era a mãe das crianças. No entanto, tendo considerado a dor que sentiria vendo-as morrer de fome, concordou e foi se deitar chorando.

O Pequeno Polegar escutou tudo que os pais falaram, pois, tendo percebido da sua cama que estavam discutindo assuntos sérios, se enfiara debaixo do tamborete do pai para escutá-los sem ser visto. Voltou para a cama e não pregou o olho o resto da noite, pensando no que fazer. Levantou-se bem cedo e foi até a beira de um riacho; ali encheu os bolsos de seixos brancos e voltou para casa.

Gustave Doré, 1861

A família partiu, e o Pequeno Polegar não contou aos irmãos nada do que sabia. Foram para uma floresta muito espessa, onde a dez passos de distância uma pessoa não via a outra. O lenhador se pôs a cortar lenha e seus filhos a catar gravetos para fazer feixes. O pai e a mãe, vendo-os ocupados no trabalho, foram se distanciando aos poucos, e depois fugiram de repente por um pequeno atalho.

Quando se viram sozinhas, as crianças começaram a gritar e a chorar a plenos pulmões. O Pequeno Polegar deixou que gritassem, sabendo muito bem por onde voltaria para casa: enquanto andava, tinha deixado cair pelo caminho os seixos brancos que trazia nos bolsos. Disse então:

"Não tenham medo, meus irmãos. Meu pai e minha mãe nos deixaram aqui, mas eu os levarei de volta para casa. Basta me seguirem."

Eles o seguiram, e ele os levou para casa pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo para a floresta. A princípio, sem coragem de entrar, todos se encostaram contra a porta para escutar o que o pai e a mãe diziam. Ora, mal o lenhador e a lenhadora chegaram em casa, o senhor da aldeia lhes enviou dez escudos que estava lhes devendo havia muito tempo e que não esperavam mais. Isso lhes deu novo alento, pois os pobres coitados estavam morrendo de fome.

O lenhador mandou a mulher imediatamente ao açougue. Como fazia muito tempo que não comia, ela comprou três vezes mais carne que o necessário para o jantar de duas pessoas. Quando estavam saciados, a lenhadora disse: "Ai de mim! Onde estarão nossos pobres filhos agora? Eles fariam uma boa refeição com estes nossos restos. O que estarão fazendo agora naquela floresta? Ai, meu Deus, pode ser que o lobo já os tenha comido! Você é bem desumano de ter abandonado assim os seus filhos."

O lenhador acabou perdendo a paciência, pois ela repetiu mais de vinte vezes que eles iriam se arrepender e que ela tinha avisado. Ameaçou dar-lhe uma surra se não calasse a boca. Não é que o lenhador não estivesse ainda mais aflito que sua mulher, é que ela o atazanava, e ele era como muitos outros homens, que gostam muito das mulheres que dizem a coisa certa, mas que acham muito importunas as que querem ter sempre razão. A lenhadora estava em prantos: "Ai de mim! Onde estarão meus filhos, meus pobres filhos?"

Gustave Doré, 1861

Uma hora ela disse isso tão alto que as crianças que estavam à porta, escutando, começaram a gritar todas juntas: "Estamos aqui! Estamos aqui!"

Ela foi correndo abrir a porta, e disse, abraçando-as: "Que alegria revê-los, meus queridos filhos! Estão todos muito cansados e com muita fome; e você, Pierrot, como está enlameado! Venha aqui, deixe-me lavá-lo."

Esse Pierrot era seu filho mais velho, de quem ela gostava mais que dos outros porque ele tinha cabelos vermelhos e ela também.

Sentaram-se à mesa e comeram com um apetite que regalou o pai e a mãe, a quem contaram o medo que tinham sentido na floresta, falando quase sempre todos ao mesmo tempo. Aquele bom casal estava radiante de ver os filhos de novo consigo, e essa alegria durou enquanto os dez escudos duraram. Mas quando o dinheiro acabou, eles recaíram no sofrimento anterior, e resolveram abandonar os filhos de novo, e, por segurança, levá-los muito mais longe que da primeira vez. Mas não conseguiram conversar sobre isso tão baixinho que não fossem ouvidos pelo Pequeno Polegar, que se encarregou de encontrar uma solução, como fizera antes. Mas, embora tenha se levantado de manhã bem cedo, não pôde ir catar seixos, porque encontrou a porta da casa trancada com duas voltas.

Ficou sem saber o que fazer. Mas quando a lenhadora deu um pedaço de pão para cada um para seu almoço, teve a ideia de usar seu pão em vez dos seixos, jogando migalhas pelos caminhos por onde passassem. Assim, guardou o pão bem-guardado no bolso.

O pai e a mãe os levaram ao ponto mais denso e mais escuro da floresta, e, assim que chegaram lá, pegaram um atalho e deixaram os meninos sozinhos.

O Pequeno Polegar não se afligiu muito, porque estava certo de poder reencontrar facilmente seu caminho graças ao pão que semeara por onde passara. Qual não foi sua surpresa, porém, quando não conseguiu achar uma só migalha! Os passarinhos tinham vindo e comido todas.

Estavam em grande apuro agora, pois quanto mais andavam mais se perdiam e se embrenhavam na floresta. A noite caiu e começou a soprar um vento forte que

os deixou apavorados. De todos os lados, tinham a impressão de ouvir uivos de lobos que estavam chegando para comê-los. Quase não ousavam conversar, nem virar a cabeça. Desabou uma chuva grossa que os encharcou até os ossos. A cada passo eles escorregavam e caíam na lama, de onde se levantavam imundos, sem saber o que fazer das mãos.

O Pequeno Polegar subiu no alto de uma árvore para ver se podia descobrir alguma coisa. Virando a cabeça para todos os lados, avistou uma luzinha como a de uma vela, mas ela estava muito longe, do outro lado da floresta. Desceu da árvore e, de novo no chão, para seu desconsolo, não viu mais nada. No entanto, depois de andar algum tempo com os irmãos na direção em que vira a luz, viu-a de novo quando saíam do bosque. Finalmente chegaram à casa onde estava essa vela, não sem muitos sobressaltos, porque a perdiam de vista cada vez que passavam por algum buraco.

Bateram à porta e uma boa mulher veio abrir. Ela perguntou o que queriam. O Pequeno Polegar explicou que eram pobres crianças que tinham se perdido na floresta e que pediam um lugar para dormir, por caridade. Vendo que lindas crianças eles eram, a mulher começou a chorar e lhes disse: "Ai, pobres crianças! Onde vieram parar? Não sabem que esta é a casa de um ogro que come as criancinhas?"

"Ai, senhora!" respondeu-lhe o Pequeno Polegar, que tremia feito vara verde como todos os irmãos. "O que podemos fazer? Com toda certeza os lobos da floresta não deixarão de nos comer esta noite, se a senhora não quiser nos abrigar em sua casa. Sendo assim, preferimos ser comidos pelo senhor seu marido. Pode ser que, a senhora pedindo, ele tenha piedade de nós."

A mulher do ogro, acreditando que conseguiria esconder os meninos do marido até a manhã seguinte, deixou-os entrar e levou-os para se esquentarem junto a um bom fogo, pois havia um carneiro inteiro no espeto para o jantar do ogro.

Quando eles estavam começando a se aquecer, ouviram três ou quatro pancadas fortes à porta. Era o ogro que estava de volta.

Imediatamente a mulher os fez se esconderem debaixo da cama e foi abrir a porta. O ogro perguntou primeiro se o jantar estava pronto, se o vinho fora tirado da pipa, e foi logo se sentar à mesa. O carneiro ainda estava sangrando, mas para ele tanto melhor. Farejou à direita e à esquerda, dizendo estar sentindo cheiro de carne fresca.

"Com certeza", respondeu a mulher, "o que está sentindo é o cheiro desse bezerro que acabo de limpar."

Gustave Doré, 1861

"Sinto cheiro de carne fresca, eu repito", replicou o ogro, olhando de esguelha para a mulher. "E há alguma coisa aqui que não estou entendendo."

Ao dizer estas palavras, levantou-se e rumou direto para a cama.

"Ah!" disse. "Então é assim que você quer me enganar, maldita mulher! Não sei por que cargas-d'água não como você também. Sorte sua ser um bicho velho. Temos aqui uma caça que me vem a calhar, para regalar três ogros amigos meus que devem vir me visitar um dia desses."

Puxou os meninos de debaixo da cama, um depois do outro. Os pobres coitados ajoelharam, pedindo-lhe perdão. Mas estavam tratando com o mais cruel de todos os ogros, que, muito longe de ter piedade, já os devorava com os olhos e comentava com a mulher que dariam verdadeiros pitéus se ela os servisse com um bom molho. Foi pegar uma faca e, aproximando-se das pobres crianças, afiou-a numa pedra comprida que segurava na mão esquerda. Já havia agarrado uma quando sua mulher lhe disse: "Que pretende fazer a esta hora? Não terá tempo de sobra amanhã de manhã?"

"Cale a boca", respondeu o ogro. "Assim ficarão mais tenros."

"Mas você tem ainda tanta carne aí", insistiu a mulher, "tem um bezerro, dois carneiros e a metade de um porco!"

"Tem razão", disse o ogro. "Sirva um jantar para eles, para que não emagreçam, e ponha-os para dormir."

A boa mulher ficou radiante e logo tratou de lhes levar um jantar. Mas eles estavam tão apavorados que não conseguiram comer. Quanto ao ogro, voltou a beber, encantado de ter uma iguaria tão fina para oferecer aos amigos. Bebeu uma dúzia de tragos a mais do que de costume, o que lhe subiu um pouco à cabeça e o obrigou a ir se deitar.

O ogro tinha sete filhas que ainda não passavam de crianças. Essas ogrinhas tinham todas uma cor muito bonita, porque comiam carne fresca como o pai. Mas tinham olhinhos cinzentos e bem redondos, nariz adunco e uma boca muito grande com dentes compridos, bem afiados e muito distantes um do outro. Ainda não eram muito malvadas, mas prometiam se tornar, pois já mordiam criancinhas para lhes chupar o sangue.

Tinham sido mandadas cedo para a cama e estavam todas as sete numa cama grande, todas com uma coroa de ouro na cabeça. No mesmo quarto havia uma outra cama do mesmo tamanho. Foi ali que a mulher do ogro pôs os sete meninos para dormir. Em seguida foi se deitar ao lado do marido.

O Pequeno Polegar, que havia notado que as filhas do ogro tinham coroas de ouro na cabeça, e que temia que o ogro se arrependesse de não os ter degolado naquela noite mesmo, se levantou no meio da noite e, pegando os gorros de seus irmãos e o seu, foi de mansinho enfiá-los na cabeça das sete filhas do ogro, depois de ter tirado as coroas de ouro da cabeça delas e tê-las posto na cabeça de seus irmãos e na sua. Queria que o ogro os tomasse pelas suas filhas, e suas filhas pelos meninos que queria degolar. A coisa funcionou como ele havia pensado. Pois o ogro, acordando à meia-noite, arrependeu-se de ter deixado para o dia seguinte o que teria podido fazer na véspera. Assim, saiu da cama de um estalo, e pegando seu facão:

"Vejamos", disse ele, "como estão passando nossos malandrinhos. Não vamos hesitar de novo!"

Subiu então às apalpadelas até o quarto das filhas e se aproximou da cama onde estavam os meninos. Estavam todos adormecidos, com exceção do Pequeno Polegar, que ficou paralisado de medo quando sentiu a mão do ogro apalpando sua cabeça, como apalpara a de todos os seus irmãos. Tateando as coroas de ouro, o ogro disse:

Gustave Doré, 1861

"Céus, quase faço uma desgraça. Não há dúvida de que bebi demais ontem à noite."

Em seguida foi até a cama das filhas, onde apalpou os gorrinhos dos meninos:

"Ah! Aqui estão eles, os marotos. Não vamos pensar duas vezes."

Dizendo estas palavras, cortou sem vacilar o pescoço das sete filhas. Muito satisfeito, voltou a se deitar ao lado da mulher.

Assim que ouviu o ogro roncar, o Pequeno Polegar acordou os irmãos e mandou que se vestissem rapidamente e o seguissem. Desceram pé ante pé até o jardim e pularam o muro. Correram quase a noite toda, sempre tremendo e sem saber para onde iam.

Ao acordar, o ogro disse à mulher: "Vá lá em cima aprontar aqueles malandrinhos de ontem à noite." A ogra ficou muito espantada com a bondade do

marido, nem desconfiando o que ele queria dizer com aprontar. Certa de que a mandara vesti-los, subiu ao segundo andar onde, horrorizada, viu suas sete filhas degoladas, nadando em seu sangue. Logo desmaiou (pois esse é o primeiro expediente que quase todas as mulheres usam em circunstâncias semelhantes). O ogro, temendo que a mulher pudesse levar tempo demais para fazer o serviço de que a encarregara, subiu ao quarto para ajudá-la. Não ficou menos pasmo que sua mulher quando viu aquela cena medonha.

"Ah! O que eu fiz?!" exclamou. "Eles vão me pagar, aqueles infelizes, e é já."

Tratou logo de jogar a água de um jarro na cara da mulher, e vendo-a voltar a si:

"Traga-me depressa minhas botas de sete léguas", disse, "para eu ir atrás deles."

Pôs o pé na estrada e, depois de correr muito por todos os lados, tomou finalmente o caminho em que seguiam aquelas pobres crianças. Elas não estavam a mais de cem passos da casa de seu pai quando viram o ogro. Ele ia de montanha a montanha numa passada e atravessava rios tão facilmente como se fossem o menor regato. Vendo uma rocha oca perto de onde estavam, o Pequeno Polegar mandou os seis irmãos se esconderem ali e fez o mesmo, sempre espiando os movimentos do ogro.

Acontece que o ogro, que estava muito cansado da longa e inútil caminhada (pois as botas de sete léguas cansam muito quem as usa), quis descansar e, por acaso, foi se sentar sobre a rocha onde os meninos estavam escondidos. Como estava exausto, depois de algum tempo adormeceu e começou a roncar tão pavorosamente que as pobres crianças tiveram tanto medo como quando ele segurava seu facão para degolá-las.

Arthur Rackham, 1933

O Pequeno Polegar teve menos medo e disse aos irmãos que corressem depressa para casa enquanto o ogro dormia a sono solto, e que não se preocupassem com ele. Eles seguiram o conselho e foram rápido para casa.

O Pequeno Polegar, aproximando-se então do ogro, tirou-lhe as botas de mansinho e calçou-as ele mesmo. As botas eram enormes e larguíssimas, mas, como eram encantadas, tinham o dom de aumentar e diminuir segundo o pé de quem as calçava, e assim ficaram tão bem-ajustadas aos seus pés e às suas pernas como se tivessem sido feitas para ele. Em seguida foi direto à casa do ogro, onde encontrou a ogra chorando junto às filhas degoladas.

"Seu marido", disse-lhe o Pequeno Polegar, "está correndo um grande perigo, pois foi capturado por um bando de ladrões que juraram matá-lo se ele não lhes

der todo o ouro e toda a prata que possui. No instante em que eles seguravam o punhal sobre a sua garganta ele me avistou e me suplicou que eu viesse avisá-la da situação em que está. Disse que a senhora deve me dar tudo que ele tem de valor, sem guardar nada, porque do contrário o matarão sem misericórdia. Como o assunto é muito urgente, ele quis que eu usasse estas botas de sete léguas para andar depressa e para que a senhora acreditasse que não sou um impostor."

A boa mulher, muito horrorizada, deu-lhe imediatamente tudo o que tinham, pois esse ogro, embora comesse criancinhas, não deixava de ser um ótimo marido. O Pequeno Polegar, carregando assim todas as riquezas do ogro, voltou para a casa do pai, onde foi recebido com muita alegria.

MUITA GENTE NÃO CONCORDA com esta última circunstância. Segundo eles, o Pequeno Polegar nunca roubou o ogro assim. Na verdade só não tivera escrúpulo de lhe tomar as botas de sete léguas porque ele as usava apenas para correr atrás de criancinhas. Essa gente garante saber disso de boa fonte, e até por ter comido e bebido na casa do lenhador. Afirmam que, depois de calçar as botas do ogro, o Pequeno Polegar foi para a corte, onde sabia que estavam muito preocupados com a sorte de um exército que estava empenhado numa batalha a duzentas léguas dali. Foi, eles garantem, ter com o rei e lhe disse que, se Sua Majestade o desejasse, traria notícias do exército antes do fim do dia. O rei lhe prometeu uma vultosa quantia de dinheiro se conseguisse realizar essa proeza. O Pequeno Polegar trouxe notícias naquela noite mesmo. Ficou famoso com essa primeira missão, e ganhou tudo que queria. Pois o rei o pagava regiamente para levar suas ordens ao exército, e uma infinidade de damas lhe davam tudo que ele queria para ter notícias de seus amantes – e era com elas que ele ganhava mais.

Havia uma ou outra mulher que lhe confiava cartas para os maridos. Mas essas pagavam tão mal, e as cartas eram tão minguadas, que ele não se dignava a levar em conta essa fonte de renda.

Após ter exercido por algum tempo o ofício de mensageiro, e ter amealhado com ele uma boa fortuna, o Pequeno Polegar voltou à casa do pai, onde foi recebido com uma alegria que não se pode imaginar. Assegurou o conforto de toda a família. Comprou cargos recém-criados para o pai e para os irmãos. Com isso deixou todos estabelecidos, sem esquecer ao mesmo tempo de satisfazer seus próprios desejos.

MORAL

Muitos filhos são dádivas que só enobrecem,
Se são altos e fortes, bonitos e graúdos,
Lindos pimpolhos que a todos enternecem.
Mas se um deles é gago, vesgo ou mudo,
Toda gente o maltrata, rejeita, humilha.
Às vezes é esse pirralho, contudo,
Que traz a fortuna para toda a família.

Chapeuzinho Vermelho

Arthur Rackham, 1909

ERA UMA VEZ uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver. Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse: "Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que está doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga."

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia. A pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo, respondeu:

Walter Crane, 1875

"Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando."

"Sua avó mora muito longe?" perguntou o lobo.

"Ah! Mora sim", respondeu Chapeuzinho Vermelho. "Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia."

"Ótimo!" disse o lobo. "Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro."

O lobo pôs-se a correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar castanhas, correr atrás das borboletas e fazer buquês com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito para chegar à casa da avó. Bateu: Toc, toc, toc.

"Quem está aí?"

Gustave Doré, 1861

"É sua neta, Chapeuzinho Vermelho", disse o lobo, disfarçando a voz. "Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou."

A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: "Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá."

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que pouco tempo depois bateu à porta. Toc, toc, toc.

Eugéne Feyen, 1846

"Quem está aí?"

Ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro teve medo, mas, pensando que a avó estava gripada, respondeu:

"É sua neta, Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou."

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: "Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá."

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

"Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo."

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela:

"Minha avó, que braços grandes você tem!"

"É para abraçar você melhor, minha neta."

"Minha avó, que pernas grandes você tem!"

Arpad Schmidhammer, s/d

“É para correr melhor, minha filha.”
“Minha avó, que orelhas grandes você tem!”
“É para escutar melhor, minha filha.”
“Minha avó, que olhos grandes você tem!”
“É para enxergar você melhor, minha filha.”
“Minha avó, que dentes grandes você tem!”
“É para comer você.”
E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

MORAL

Vemos aqui que as meninas,
E sobretudo as mocinhas
Lindas, elegantes e finas,
Não devem a qualquer um escutar.
E se o fazem, não é surpresa
Que do lobo virem o jantar.
Falo “do” lobo, pois nem todos eles
São de fato equiparáveis.
Alguns são até muito amáveis,
Serenos, sem fel nem irritação.
Esses doces lobos, com toda educação,
Acompanham as jovens senhoritas
Pelos becos afora e além do portão.
Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,
São, entre todos, os mais perigosos.

Barba Azul

ERA UMA VEZ um homem que possuía casas magníficas, tanto na cidade quanto no campo. Suas baixelas eram de ouro e prata, as cadeiras, estofadas com tapeçarias, as carruagens, recobertas de ouro. Mas, por desgraça, esse homem tinha também a barba azul. A barba o tornava tão feio e terrível que mulheres e moças fugiam quando batiam os olhos nele.

Uma dama nobre que vivia nas suas vizinhanças tinha duas filhas que eram verdadeiras beldades. O homem pediu a essa senhora a mão de uma das suas filhas e deixou que ela mesma escolhesse qual das duas lhe daria. Nenhuma das moças quis aceitar a proposta, e ficaram empurrando o pedido de uma para a outra, sem conseguirem se convencer de casar com um homem de barba azul. O que aumentava ainda mais aquela aversão é que o homem já se casara com várias mulheres e ninguém sabia o que fora feito delas.

Harry Clarke, 1922

Para criar amizade, Barba Azul levou as moças e a mãe, mai três ou quatro das amigas mais íntimas delas e alguns rapazes da vizinhança, para uma de suas casas de campo. Lá passaram oito dias inteiros. Foi uma sucessão de passeios, caçadas e pescarias, danças, banquetes e ceias. À noite, estavam sempre tão ocupados em pregar peças uns nos outros que nunca dormiam. Enfim, tudo correu tão bem que a irmã caçula começou a pensar que a barba daquele homem não era assim tão azul, e que ele era de fato um perfeito cavalheiro. Assim que voltaram para a cidade, realizou-se o casamento.

Passado um mês, Barba Azul disse à mulher que tinha de partir em viagem para cuidar de um negócio importante na província. Ficaria fora pelo menos seis semanas. Insistiu que ela se divertisse na sua ausência. Poderia, se quisesse, convidar suas melhores amigas e levá-las para a casa de campo. Que as recebesse sempre muito bem.

Deu à mulher uma argola com chaves penduradas e disse: "Estas são as chaves dos dois grandes depósitos, aqui estão as das baixelas de ouro e prata que não são de uso diário, estas são as dos meus cofres-fortes, onde guardo meu ouro e minha prata, estas as dos escrínios onde guardo minhas pedrarias, e aqui está a chave mestra de todos os aposentos da casa. Quanto a esta pequenina aqui, é a chave do gabinete na ponta da longa galeria do térreo. Abra tudo que quiser. Vá aonde bem entender. Mas proíbo-lhe terminantemente de entrar nesse quartinho, e se abrir uma fresta que seja dessa porta nada a protegerá da minha ira."

Gustave Doré, 1861

A esposa prometeu cumprir exatamente as ordens do marido. Barba Azul lhe deu um beijo de despedida, entrou na carruagem e iniciou sua viagem.

As vizinhas e as amigas da jovem recém-casada não esperaram convite para ir visitá-la, tal a impaciência delas em ver os esplendores da casa. Não haviam ousado ir lá enquanto o marido estava em casa, assustadas por sua barba azul. Sem perder tempo, começaram a explorar os quartos, gabinetes, guarda-roupas, cada um mais belo e suntuoso que o outro. Depois subiram para ver os depósitos, e ficaram pasmas diante do número e da beleza das tapeçarias, camas, sofás, cristaleiras, mesas de vários formatos. Havia espelhos em que a pessoa podia se ver da cabeça aos pés. Alguns espelhos tinham moldura de vidro, outros de prata ou de vermeil, mas todos eram os mais belos e os mais magníficos que já se tinha visto.

Arthur Rackham, 1919

As convidadas não paravam de exagerar e invejar a felicidad da amiga. Esta, no entanto, não estava se divertindo nada em ver todo aquele luxo, pois estava ansiosíssima para abrir o gabinete do térreo. Estava tão atormentada por sua curiosidade que, sem lembrar que era grosseiro abandonar suas amigas, desceu por uma escadinha secreta, e tão depressa que por duas ou três vezes achou que fosse cair. Ao chegar à porta do gabinete, parou por um momento, pensando na proibição do marido e considerando que podia lhe ocorrer uma desgraça caso desobedecesse. Mas a tentação era grande demais. Não pôde resistir a ela e, tremendo, pegou a chavezinha e abriu a porta.

Hermann Vogel, 1887

De início não conseguiu ver coisa alguma, pois as janelas estavam fechadas. Após alguns instantes, começou a perceber que o assoalho estava todo coberto de sangue coagulado, e que naquele sangue se refletiam os cadáveres de várias mulheres mortas e penduradas ao longo das paredes (eram todas as mulheres que Barba Azul desposara e degolara, uma depois da outra).

Pensou que ia morrer de pavor e, ao puxar a chave da fechadura, ela caiu da sua mão. Depois de respirar fundo, apanhou a chave, trancou a porta e subiu ao seu quarto para recobrar a calma. Mas seus nervos estavam em frangalhos, não conseguiu se tranquilizar. Notando que a chave do gabinete estava manchada de sangue, esfregou-a duas ou três vezes, mas o sangue não saiu. Tentou lavá-la e esfregá-la com areia e saibro também. Mas o sangue não saía, pois a chave era encantada e não havia meio de remover aquela mancha. Quando se conseguia limpar o sangue de um lado da chave, ele reaparecia no outro.

Barba Azul chegou de sua viagem naquela noite mesmo, dizendo que a caminho recebera cartas lhe informando que o negócio que exigira a sua presença fora concluído de maneira vantajosa para ele. Sua esposa fez tudo que pôde para lhe demonstrar que estava radiante com seu rápido retorno. No dia seguinte, ele pediu as chaves de volta e ela as devolveu, mas com uma mão tão trêmula que ele adivinhou facilmente tudo que acontecera.

"Por que a chave do gabinete não está com as outras?" ele perguntou.

"Com certeza eu a deixei lá em cima, sobre a minha mesa."

"Não deixe de devolvê-la logo mais", disse Barba Azul.

Após várias desculpas, ela teve de trazer a chave. Depois de examiná-la, Barba Azul perguntou à mulher:

"Por que a chave está manchada de sangue?"

"Não tenho a menor ideia", respondeu a pobre mulher, mais pálida que a morte.

"Não tem a menor ideia", replicou Barba Azul, "mas eu tenho. Você quis entrar no gabinete! Muito bem, senhora, entrará nele e tomará seu lugar junto às damas que lá viu."

Ela se jogou aos pés do marido, chorando e pedindo perdão, demonstrando um arrependimento verdadeiro por não ter sido obediente. Teria comovido um rochedo, bela e desesperada como estava. Mas Barba Azul tinha o coração mais duro que um rochedo.

Walter Crane, 1875

"Tem de morrer, senhora", ele lhe disse, "e imediatamente."

"Já que tenho de morrer", ela respondeu, fitando-o com olhos banhados de lágrimas, "dê-me só um tempinho para eu fazer minhas preces."

"Dou-lhe um quarto de hora", disse Barba Azul, "mas nem um segundo a mais."

Quando ficou sozinha, ela chamou sua irmã e lhe disse:

"Minha irmã Ana (pois era assim que ela se chamava), suba no alto da torre, eu lhe peço, e veja se meus irmãos estão chegando. Eles me prometeram que viriam hoje. Se os vir, faça-lhes sinais para que se apressem."

Walter Crane, 1875

A irmã Ana subiu ao alto da torre e de vez em quando a pob desesperada gemia: "Ana, minha irmã Ana, não está vendo chegar ninguém?"

E a irmã Ana respondia: "Só vejo o sol coruscante e o capim verdejante."

Então Barba Azul, com um grande cutelo na mão, gritou para a mulher a plenos pulmões:

"Desça já, ou subirei aí."

"Um momento, senhor, por favor", a mulher lhe respondeu, e logo perguntou baixinho:

"Ana, minha irmã, não está vendo chegar ninguém?"

E a irmã Ana respondeu:

"Só vejo o sol coruscante e o capim verdejante."

"Trate de descer depressa", gritou Barba Azul, "ou subirei aí."

"Já vou!" respondeu a mulher, e implorou:

"Ana, minha irmã, não está vendo chegar ninguém?"

"Estou vendo", ela respondeu, "dois cavaleiros que vêm para este lado, mas ainda estão muito longe... Deus seja louvado!" ela exclamou um instante depois. "São os meus irmãos. Estou fazendo todos os sinais que posso para que se apressem."

Barba Azul se pôs a gritar tão alto que a casa toda tremeu. A pobre mulher

desceu e foi se jogar aos pés dele, debulhando-se em lágrimas, toda descabelada.

"Isso não adianta nada", disse Barba Azul. "Você tem de morrer."

Agarrando-a pelos cabelos com uma das mãos e com a outra erguendo o cutelo no ar, estava pronto para lhe cortar a cabeça. A pobre mulher, voltando-se para ele com olhos moribundos, suplicou que lhe desse um momento para se preparar.

"Não", ele respondeu, "recomende a alma a Deus." E erguendo o braço…

Nesse instante bateram à porta com tanta força que Barba Azul ficou simplesmente paralisado. A porta foi aberta, e logo viram entrar dois cavaleiros que, empunhando a espada, correram diretamente para Barba Azul. Reconhecendo os irmãos de sua mulher, um dragão, o outro mosqueteiro, ele saiu correndo para salvar sua pele. Mas os dois irmãos o perseguiram tão de perto que o agarraram antes que conseguisse chegar à escada. Atravessaram seu corpo com suas espadas e o deixaram cair morto. A pobre mulher, quase tão morta quanto o marido, nem teve forças para se levantar e abraçar os irmãos.

Aconteceu que Barba Azul não tinha herdeiros e que assim sua mulher continuou na posse de todos os seus bens. Ela empregou parte da sua fortuna para casar a irmã Ana com um jovem fidalgo que a amava havia muito tempo. Outra parte na compra de patentes de capitão para seus dois irmãos. E o resto no seu próprio casamento com um homem muito direito que a fez esquecer o que sofrera com Barba Azul.

Moral

A curiosidade, apesar de seus encantos,
Muitas vezes custa sentidos prantos;
É o que vemos todo dia acontecer.
Perdoem-me as mulheres, esse é um frívolo prazer.
Assim que o temos, ele deixa de o ser
E é sempre muito caro de obter.

Outra moral

Basta ter um pouco de bom senso,
E ter vivido da vida um bocado,
Pra ver logo que esta história
É coisa de um tempo passado.
Já não existe esposo tão terrível,
Nem que exija o impossível.

Mesmo sendo ciumento, ou zangado,
Junto da mulher ele sorri, calado.
E quer tenha a barba azul, roxa ou amarela
Quem manda na casa é mesmo sempre ela.

JEANNE-MARIE LEPRINCE DE BEAUMONT
(1711-1780)

Escritora francesa, ex-governanta e mãe de muitos filhos, entre 1750 e 1775 lançou uma série de antologias de histórias, contos de fadas, ensaios e anedotas. Em uma delas, Le Magasin des Enfants (1757), aparece o seu mais conhecido conto: A Bela e a Fera, versão mais enxuta da história publicada em 1740 por Madame de Villeneuve. Autora também de romances, Madame de Beaumont continuou a escrever até o fim de sua vida.

A Bela e a Fera

Era uma vez um rico negociante que vivia com seus seis filhos, três rapazes e três moças. Sendo um homem inteligente, não poupou despesas na educação dos filhos, dando-lhes excelente instrução. Suas filhas eram muito bonitas, mas a caçula principalmente despertava grande admiração. Quando era pequena, só a chamavam "a bela menina". Assim foi que o nome "Bela" pegou – o que deixava suas irmãs muito enciumadas.

Essa caçula, além de mais bela que as irmãs, era também melhor que elas. As duas mais velhas se orgulhavam muito de ser ricas. Davam-se ares de grandes damas e não queriam receber visitas das outras filhas de comerciantes. Só gostavam da companhia de gente da nobreza. Todos os dias iam ao baile, ao teatro, saíam a passeio e zombavam da caçula, que ocupava a maior parte de seu tempo lendo bons livros.

Como se sabia que as moças eram muito ricas, vários negociantes ricos as pediam em casamento. Mas as duas mais velhas respondiam que nunca se casariam, a menos que encontrassem um duque, ou, pelo menos, um conde. Bela (pois já lhes disse que esse era o nome da mais nova), Bela, como eu ia dizendo, agradecia com muita polidez aos que queriam desposá-la, mas dizia que era muito jovem e que desejava fazer companhia ao pai por alguns anos.

De repente, o negociante perdeu sua fortuna. Só lhe restou uma pequena casa no campo, bem longe da cidade. Chorando, disse às filhas que teriam de ir morar lá e trabalhar como camponeses para sobreviver. As duas filhas mais velhas responderam que não queriam deixar a cidade, e que tinham vários admiradores que ficariam felicíssimos em se casar com elas, mesmo que não tivessem mais fortuna. Mas essas gentis senhoritas estavam enganadas. Seus admiradores não queriam mais nem olhar para elas agora que estavam pobres. Como ninguém gostava delas, por causa de seu orgulho, dizia-se: "Que banquem as grandes damas agora, pastoreando carneiros." Mas, ao mesmo tempo, todo mundo repetia: "Quanto a Bela, temos muita pena de sua desgraça. É uma moça tão boa! Fala com os pobres com tanta bondade, é tão meiga, tão virtuosa…"

Houve até vários fidalgos que quiseram se casar com Bela, embora ela não tivesse um tostão. Mas ela lhes explicou que não tinha coragem de abandonar o pai na miséria, que iria com ele para o campo e o ajudaria com o trabalho. No

começo, a pobre Bela ficara muito aflita por perder sua fortuna, mas refletira: "Por mais alto que eu chorasse, isso não me devolveria a minha fortuna. Tenho de tratar de ser feliz sem ela."

Já instalados em sua casa no campo, o negociante e as três filhas se ocuparam lavrando a terra. Bela levantava às quatro horas da madrugada e se apressava em limpar a casa e preparar o café da manhã para a família. No começo foi muito difícil, pois não estava acostumada a trabalhar como uma criada. Passados dois meses, porém, ficou mais forte e o trabalho árduo lhe deu uma saúde perfeita. Quando terminava seus afazeres, lia, tocava cravo ou cantava enquanto fiava. Suas duas irmãs, por outro lado, morriam de tédio. Levantavam-se às dez da manhã, passeavam o dia inteiro e se distraíam lamentando a perda de seus belos vestidos e das antigas companhias.

"Aí está nossa caçula", diziam entre si. "Tem uma alma tão grosseira e é tão idiota que está contente com sua triste situação."

O bom negociante não pensava como as filhas. Sabia que Bela era uma moça especial, ao contrário das irmãs. Admirava a virtude dessa jovem, e sobretudo sua paciência, pois as irmãs, não contentes em deixá-la fazer todo o trabalho doméstico, insultavam-na a todo instante.

Fazia um ano que a família vivia na solidão quando o negociante recebeu uma carta informando que um navio, que trazia mercadorias suas, acabava de atracar com segurança. Essa notícia virou a cabeça das duas irmãs mais velhas, que acharam que finalmente iriam deixar o campo, onde tanto se entediavam. Alcançaram o pai na porta e suplicaram que lhes trouxesse vestidos, golas de pele, perucas e toda sorte de bagatela. Bela não lhe pediu nada, pois pensou consigo mesma que todo o dinheiro ganho com as mercadorias não bastaria para comprar o que as irmãs desejavam.

"Não quer que eu traga nada para você?" perguntou o pai.

"Já que tem a bondade de pensar em mim, poderia me trazer uma rosa, pois essa flor não cresce aqui."

Não é que a Bela fizesse muita questão de uma rosa, mas não queria condenar o comportamento das irmãs. Estas, aliás, teriam dito que era para ser diferente que ela não pedia nada.

O bom negociante partiu. Chegando ao porto, porém, descobriu que havia problemas legais com suas mercadorias e, depois de muita contrariedade, voltou tão pobre como era antes. Só lhe faltavam cinquenta quilômetros para chegar em casa, e ele já sentia o prazer de rever as filhas. Antes de chegar, porém, tinha de atravessar um grande bosque, e ali se perdeu. Nevava horrivelmente, e o vento era tão forte que o derrubou duas vezes do cavalo. Ao cair da noite, pensou que

morreria de fome, ou de frio, ou que seria comido pelos lobos que ouvia uivar à sua volta.

De repente, no fim de um comprido túnel de árvores, viu uma luz forte, mas que parecia muito distante. Seguiu naquela direção e viu que a luz saía de um grande palácio, todo iluminado. O negociante agradeceu a Deus pelo socorro que lhe enviava e tratou de chegar logo àquele castelo. Ficou surpreso ao não ver ninguém nos pátios. Seu cavalo, que o seguia, vendo um grande estábulo vazio, entrou. Encontrando lá feno e aveia, o pobre animal, que estava morto de fome, pôs-se a comer com um apetite voraz. O negociante o amarrou no estábulo e rumou para o castelo. Não havia ninguém à vista, mas, tendo entrado num amplo salão, encontrou um bom fogo e uma mesa repleta de comida, com prato e talheres para uma só pessoa. Como a chuva e a neve o haviam encharcado até os ossos, aproximou-se do fogo para se aquecer, pensando consigo: "O dono da casa ou seus criados me perdoarão a liberdade que tomei. E certamente logo vão aparecer."

Walter Crane, 1875

Esperou um longo tempo mas, como soavam onze horas e ninguém aparecia, não resistiu à fome: pegou um frango e o comeu em duas mordidas, tremendo. Tomou também algumas taças de vinho e, mais animado, saiu da sala e atravessou várias salas grandes e magnificamente mobiliadas. Finalmente, encontrou um quarto onde havia uma boa cama. Como passava da meia-noite e estava exausto, resolveu fechar a porta e se deitar.

Quando se levantou, no dia seguinte, já eram dez horas da manhã. Para sua surpresa, encontrou uma roupa muito limpa no lugar da sua, que estava toda estragada. "Com certeza", disse consigo, "este palácio pertence a uma boa fada que teve piedade da minha situação."

Olhou pela janela e não viu mais neve, mas alamedas de flores que encantavam a vista. Voltou para o salão onde ceara na véspera e percebeu uma mesinha em que havia chocolate quente.

"Muito obrigado, senhora Fada", disse em voz alta, "por ter tido a bondade de pensar em meu café da manhã."

Depois de tomar seu chocolate, o bravo negociante foi à procura de seu cavalo. Ao passar por um canteiro de rosas, lembrou-se do pedido de Bela e colheu um ramo com várias flores. No mesmo instante, um grande barulho ecoou, e ele viu aproximar-se uma fera tão horrorosa que quase desmaiou.

“O senhor é bem ingrato”, disse-lhe a Fera com uma voz terrível. “Salvei sua vida, recebo-o no meu castelo e, para minha decepção, o senhor rouba minhas rosas, que amo mais que tudo no mundo. Só a morte pode reparar essa falta. Dou-lhe quinze minutos para pedir perdão a Deus.”

Lancelot Speed, 1913

O negociante caiu de joelhos e suplicou à Fera:

“Perdoai-me, Vossa Alteza, não tinha intenção de vos ofender colhendo uma rosa para atender o pedido de uma de minhas filhas.”

“Não me chamo Vossa Alteza”, respondeu o monstro, “mas Fera. E, de minha parte, não gosto de elogios, gosto que se diga o que se pensa. Por isso, não tente me comover com bajulação. Mas disse que tem filhas. Disponho-me a perdoá-lo com a condição de que uma de suas filhas se ofereça voluntariamente para morrer no seu lugar. Não me venha com lero-lero. Parte, e se suas filhas se recusarem a morrer por você, jure que você estará de volta dentro de três dias.”

O bom homem não tinha nenhuma intenção de sacrificar uma das filhas àquele monstro malvado, mas pensou: “Pelo menos terei o prazer de abraçar minhas filhas mais uma vez.” Assim, jurou que voltaria, e a Fera lhe disse que podia partir quando quisesse. “Mas não quero que você vá de mãos vazias. Volta ao quarto onde dormiu e lá encontrará um grande cofre vazio. Pode pôr dentro dele tudo que lhe agrade, mandarei levá-lo à sua casa.”

Então a Fera se afastou, e o bom homem pensou: “Se tenho de morrer, terei o consolo de deixar alguma coisa para minhas pobres filhas.”

Voltou ao quarto onde dormira e, encontrando ali grande quantidade de moedas de ouro, encheu com elas o cofre de que a Fera havia falado. Fechou-o, foi buscar seu cavalo no estábulo e deixou o palácio com uma tristeza tão grande quanto a alegria que sentira ao nele entrar. Seu cavalo escolheu instintivamente uma das trilhas da floresta e, em poucas horas, o negociante chegou à sua casinha.

Suas filhas se reuniram em torno dele, mas, em vez de se alegrar com seus carinhos, o negociante pôs-se a chorar ao vê-las. Tinha na mão o ramo de rosas que trazia para Bela. Ao entregá-lo, disse: “Bela, guarde estas rosas. Elas custaram muito caro a seu pobre pai.” E imediatamente contou à família a funesta aventura que vivera. Ao ouvir seu relato, as duas filhas mais velhas gritaram alto e lançaram insultos a Bela, que não chorava. “Vejam o resultado do orgulho desta criatura”, disseram. “Por que não pediu artigos de toalete como nós? Mas não, a senhorita queria ser diferente. Vai causar a morte de nosso pai, e não derrama uma lágrima.”

“Seria totalmente inútil”, insistiu Bela. “Por que eu choraria a morte de meu pai? Ele não vai morrer. Como o monstro está disposto a aceitar uma de suas filhas, vou me entregar à sua fúria. Estou muito feliz, porque, morrendo, terei a alegria de salvar meu pai e lhe provar minha ternura.”

Walter Crane, 1875

“Não, minha irmã”, responderam-lhe seus três irmãos. “Você não vai morrer. Vamos encontrar esse monstro e perecer em suas garras se não conseguirmos matá-lo.”

“Não contem com isso, meus filhos”, disse-lhes o negociante. “A força da Fera é tamanha que não alimento nenhuma esperança de matá-lo. Fico comovido com o bom coração de Bela, mas não quero expô-la à morte. Estou velho e não me resta muito tempo de vida. Perderei apenas alguns anos, o que só lamento por vossa causa, meus queridos filhos.”

“Não irá a esse palácio sem mim”, disse-lhe Bela. Não pode me impedir de segui-lo. Embora seja jovem, não sou muito apegada à vida, e prefiro ser devorada por esse monstro a morrer da dor que sentiria com sua perda.”

Foi inútil argumentar: Bela estava absolutamente decidida a partir para o palácio. A ideia deixou suas irmãs encantadas, pois as virtudes da caçula lhes inspiravam muito ciúme. O negociante estava tão entregue à dor de perder a filha, que não se lembrou do cofre que enchera de ouro. Porém, assim que se fechou em seu quarto para se deitar, ficou muito espantado por encontrá-lo junto à sua cama. Resolveu não contar aos filhos que ficara tão rico, porque as moças teriam desejado voltar para a cidade e ele estava decidido a morrer no campo. Mas confiou o segredo a Bela, que por sua vez lhe contou que, durante a ausência dele, alguns fidalgos lá haviam estado. Dois deles amavam suas irmãs. Ela pediu ao pai que as casasse. E era tão boa que ainda gostava delas, e as perdoava de todo coração pelo mal que lhe haviam feito.

As duas moças malvadas esfregaram cebola nos olhos para chorar quando Bela partiu com o pai. Mas os irmãos choraram de verdade, assim como o negociante. Só Bela não chorou, pois não queria aumentar a dor dos outros.

O cavalo tomou o caminho do palácio e, ao anoitecer, puderam vê-lo, iluminado como da primeira vez. Deixando o cavalo sozinho no estábulo, o negociante entrou com a filha no grande salão, onde encontraram uma mesa magnificamente servida, com talheres para dois. O negociante não tinha estômago para comer, mas Bela, esforçando-se para parecer tranquila, sentou-se à mesa e o serviu. E pensava consigo: “A Fera quer me engordar antes de me comer, visto que me serve esta bela refeição.” Assim que acabaram de cear, ouviram um grande barulho e o negociante disse adeus à filha, chorando, porque sabia que a Fera se aproximava.

Bela não pôde conter um arrepio ao ver aquela figura horrível. Mas controlou-se o melhor que pôde, e quando o monstro lhe perguntou se viera por vontade própria respondeu, tremendo, que sim.

"Você é muito bondosa", disse a Fera, "e sou-lhe muito agradecido. Quanto ao senhor, meu bom homem, parta pela manhã, e nunca mais ouse voltar aqui. Adeus, Bela."

"Adeus, Fera", ela respondeu, e o monstro se retirou no mesmo instante.

"Ah, minha filha!" disse o negociante abraçando Bela, "Estou quase morto de pânico. Acredite no seu pai, deixe eu ficar aqui."

"Não, meu pai", Bela respondeu com firmeza. "O senhor partirá amanhã cedo, e me entregará à misericórdia do céu. Talvez lá no alto tenham piedade de mim."

Os dois se recolheram achando que não dormiriam a noite inteira, porém, mal haviam se deitado, seus olhos se fecharam. Durante seu sono, Bela viu uma dama que lhe disse: "Estou contente com seu bom coração, Bela. Sua boa ação, oferecendo a própria vida para salvar a do seu pai, não ficará sem recompensa."

Ao acordar, Bela contou o sonho ao pai e, embora isso o consolasse um pouco, não o impediu de soluçar alto quando teve de se separar de sua querida filha.

Depois que o pai partiu, Bela sentou-se no grande salão e começou a chorar também. Mas, como era muito corajosa, pôs-se nas mãos de Deus e decidiu não se atormentar durante o pouco tempo de vida que lhe restava, pois acreditava firmemente que a Fera iria devorá-la ao cair da noite.

Enquanto esperava, resolveu visitar o castelo. Não pôde deixar de admirar sua beleza. Qual não foi sua surpresa, porém, quando encontrou uma porta sobre a qual estava escrito: Aposentos de Bela! Abriu-a num impulso e ficou fascinada com a magnificência que ali reinava. O que mais chamou sua atenção, porém, foi um grande armário de livros, um cravo e vários livros de música.

"Não querem que eu me aborreça", murmurou. Mas em seguida pensou: "Se eu tivesse só um dia para passar aqui, não estariam me cobrindo com tantos presentes." Esse pensamento a animou. Abriu o armário e viu um livro em que estava escrito em letras douradas: Vossos desejos são ordens. Aqui, sois a rainha e a senhora.

"Pobre de mim!" pensou, com um suspiro. "Tudo que desejo é rever meu pai e saber o que está fazendo agora." Foi só um pensamento, mas qual não foi sua surpresa quando, ao olhar para um grande espelho, viu nele a sua casa, onde seu pai chegava com um semblante carregado de tristeza. Suas irmãs iam ao encontro dele e, apesar das caretas que faziam para parecer tristes, a alegria que sentiam pela perda da irmã transparecia nos seus rostos. Num instante tudo aquilo desapareceu, e Bela admitiu que a Fera era bem indulgente, e que ela não devia

temê-la.

Ao meio-dia encontrou a mesa posta e, enquanto almoçava, ouviu um excelente concerto, embora não visse ninguém. À noite, ao se sentar à mesa, ouviu o barulho que a Fera fazia e não pôde conter um calafrio.

“Bela”, disse o monstro, “incomodo se a vejo cear?”

“É o senhor quem reina neste castelo”, disse Bela, tremendo.

“Não”, respondeu a Fera, “não há aqui outra senhora além de Bela. Caso a esteja aborrecendo, uma palavra sua e vou-me embora. Diga, a senhorita me acha muito feio?”

“Acho sim”, disse a Bela. “Não sei mentir. Mas acredito que é muito bom.”

“Tem razão”, disse o monstro, “mas, além de feio, não tenho inteligência; afinal não passo de um animal.”

“Não pode ser um animal se acha que não tem inteligência”, replicou Bela. “Um tolo nunca sabe que é tolo.”

“Então coma, Bela”, disse o monstro, “e trate de não se aborrecer na sua casa. Pois tudo isto é seu, e eu ficaria desolado se você não estivesse contente.”

“O senhor é mesmo bondoso”, disse Bela. “Confesso que seu coração me agrada muito. Quando penso nele, o senhor não me parece tão feio.”

“Ah, senhorita, é verdade”, respondeu a Fera. “Tenho um bom coração, mas sou um monstro.”

“Muitos homens são mais monstruosos”, disse Bela, “e gosto mais do senhor com essa aparência que daqueles que, por trás de uma aparência de homens, escondem um coração falso, corrompido, ingrato.”

“Se eu fosse inteligente”, respondeu a Fera, “agradeceria com um grande elogio. Mas sou um idiota, e tudo que posso dizer é que fico muito grato.”

Bela ceou com bom apetite. Quase não sentia mais medo do monstro. Mas esteve a ponto de morrer de susto quando a Fera lhe perguntou:

“Bela, aceita ser minha mulher?”

Ficou algum tempo sem responder. Tinha medo de provocar a cólera do monstro recusando-o. Mesmo assim, disse, tremendo:

“Não, Fera.”

Walter Crane, 1875

Naquele instante o pobre monstro deu um suspiro profundo, e soltou um assobio tão medonho que ressoou pelo palácio todo. Mas Bela logo se tranquilizou, porque a Fera lhe disse tristemente: “Adeus, Bela”, e saiu do salão, virando-se de vez em quando para olhar para ela mais uma vez. Ao se ver sozinha, Bela sentiu grande compaixão por aquela pobre Fera. “Ai”, pensou, “é mesmo pena que seja tão feio. É tão bom!”

Bela passou três meses naquele palácio, em total tranquilidade. Todas as noites, a Fera lhe fazia uma visita, a distraía durante a ceia com uma boa conversa, mas nunca com o que, em sociedade, chamamos de espirituosidade. Sua presença frequente fizera Bela se acostumar com sua feiura e, longe de temer o momento da sua visita, consultava muitas vezes seu relógio para ver se já estava perto de nove horas, pois era a essa hora em que a Fera aparecia. Só uma coisa afligia Bela: é que o monstro, antes de ir se deitar, sempre lhe perguntava se ela queria se casar com ele e parecia profundamente ferido quando a resposta era não.

Um dia, Bela falou: “O senhor está me fazendo sofrer, Fera. Gostaria de poder desposá-lo, mas sou muito sincera para iludi-lo, dizendo que isso um dia vai acontecer. Serei sempre sua amiga, procure se contentar com isso.”

“Não me resta outra coisa”, respondeu a Fera. “Não me engano a meu respeito, sei que sou horrível. Mas a amo muito e, seja como for, fico muito feliz por aceitar permanecer aqui. Prometa que não me deixará.”

Bela ruborizou a essas palavras. Soubera por seu espelho que o pai estava doente de tristeza por tê-la perdido, e desejava revê-lo.

“Posso prometer nunca deixá-lo para sempre”, disse Bela, “mas tenho tanta vontade de rever meu pai que morreria de dor se me recusasse esse prazer.”

“Preferiria morrer a fazê-la sofrer”, respondeu a Fera. “Vou enviá-la à casa de seu pai. Mas se a senhorita não voltar, sua pobre Fera morrerá de dor.”

“Não”, disse Bela, chorando. “Meu amor é muito grande para causar sua morte. Prometo voltar em oito dias. O senhor me permitiu saber que minhas irmãs estão casadas e meus irmãos partiram para o exército. Meu pai está sozinho, permita que eu passe uma semana com ele.”

“Estará lá amanhã cedo”, disse a Fera. “Mas lembre-se da sua promessa. Quando quiser voltar, só precisa pôr seu anel sobre uma mesa ao se deitar.”

Ao dizer estas palavras, a Fera suspirou como era do seu costume e Bela foi se deitar triste por tê-lo feito sofrer. De manhã, ao despertar, estava na casa do pai. Ao tocar uma sineta que estava ao lado da cama, viu entrar uma criada, que deu um grande grito ao vê-la. A esse grito o negociante acorreu, quase morrendo de alegria ao rever sua querida filha. Ficaram abraçados por um bom quarto de hora. Bela, após o alvoroço do reencontro, lembrou que não teria nada para vestir, mas a criada lhe contou que acabara de encontrar num quarto vizinho um grande baú, cheio de vestidos dourados enfeitados com diamantes. Em pensamento, Bela agradeceu à Fera por suas atenções. Pegou o menos rico daqueles vestidos e disse à criada que trancasse os outros, pois ia dá-los de presente às irmãs. Mal pronunciara essas palavras, porém, o baú desapareceu. Seu pai então lhe disse que a Fera queria que ela guardasse tudo aquilo para si e, imediatamente, os vestidos e o baú voltaram para o mesmo lugar.

Enquanto Bela se vestia, foram avisar suas irmãs, que vieram com seus maridos. Todas as duas estavam muito infelizes. A mais velha se casara com um fidalgo, belo como o amor. Mas ele estava tão apaixonado por sua própria imagem que não pensava em outra coisa da manhã à noite, e desprezava a beleza da esposa. A segunda se casara com um homem muito inteligente. Mas ele só usava sua inteligência para espicaçar todo mundo, a começar por sua mulher. As irmãs de Bela quase morreram de desgosto ao vê-la vestida como uma princesa e mais bela que o dia. Em vão Bela tentou confortá-las, nada podia diminuir sua inveja, que aliás aumentou muito quando Bela lhes contou como era feliz. As duas invejosas desceram ao jardim para chorar à vontade, e pensaram: “Por que essa criatura insignificante é mais feliz que nós? Não somos mais encantadoras que ela?”

“Minha irmã”, disse a mais velha, “tive uma ideia. Vamos segurar Bela aqui por mais de oito dias. Aquela Fera idiota ficará furiosa por ela lhe ter faltado com a palavra e talvez a devore.”

“Está certo, minha irmã”, respondeu a outra. “Para isso, vamos precisar lhe fazer mil agrados.” Tendo tomado essa decisão elas entraram em casa e foram tão afetuosas com Bela que esta chorou de alegria. Quando os oito dias tinham se passado, as duas irmãs quase arrancaram os cabelos, fingindo tal desespero com a sua partida que Bela prometeu ficar mais oito dias. Ao mesmo tempo, ela se recriminava pela dor que causaria à sua pobre Fera, a quem amava de todo o coração, e de quem sentia muita falta. Na décima noite que passou na casa do pai, Bela sonhou que

Arthur Rackham, 1915

estava no jardim do palácio e que via a Fera, deitada na grama e quase morrendo, censurando-a por sua ingratidão. Bela acordou num sobressalto e caiu em prantos.

"Não é muita maldade minha", disse ela consigo mesma, "fazer sofrer a Fera que é só bondade para mim? É culpa dele se é tão feio, se não é muito inteligente? Ele é bom, e isso vale mais que todo o resto. Por que não quis me casar com ele? Seria mais feliz ao lado dele que minhas irmãs com seus maridos. Não é nem a beleza, nem a inteligência de um marido que fazem uma mulher feliz. É o caráter, a virtude, a bondade. A Fera tem todas essas boas qualidades. Não o amo; mas tenho por ele estima, amizade e gratidão. Vamos, é errado fazê-lo infeliz. Eu me condenaria o resto da vida."

A essas palavras, Bela se levantou, pôs seu anel sobre a mesa e voltou para a cama. Adormeceu assim que se deitou e, ao acordar de manhã, viu com alegria que estava no palácio da Fera. Vestiu-se magnificamente para lhe agradar e morreu de tédio o dia inteiro esperando dar nove horas da noite. Mas quando o relógio por fim soou nove horas, a Fera não apareceu.

Walter Crane, 1875

Bela temeu então ter causado a sua morte. Correu por todo palácio, gritando alto. Estava desesperada. Após ter procurado em toda parte, lembrou-se do seu sonho e correu para o jardim, na direção do canal, onde o tinha visto. Encontrou a pobre Fera caída no chão, inconsciente, e pensou que tinha morrido.

Atirou-se sobre seu corpo, sem sentir horror por sua aparência, e ao perceber que o coração ainda batia pegou água no canal e jogou-a sobre seu rosto. A Fera abriu os olhos e disse a Bela: "Você esqueceu sua promessa. A dor de perdê-la me fez decidir morrer de fome. Mas morro contente, pois tive o prazer de revê-la mais uma vez."

"Não, meu caro, não vai morrer", respondeu Bela. "Vai viver para se tornar meu esposo. Desde já lhe concedo minha mão, e juro que pertencerei somente a você. Ai de mim, acreditava que era só amizade, mas a dor que sinto demonstra que não poderia viver sem a sua presença."

Mal pronunciara essas palavras, Bela viu o castelo resplandecer de luz, os fogos de artifício, a música, tudo anunciava uma festa, mas aqueles esplendores não prenderam sua atenção. Voltou-se para sua Fera, cujo estado a inquietava. Que surpresa teve! A Fera desaparecera e tudo que a Bela viu a seus pés foi um príncipe mais belo que o amor, que a agradeceu por ter desfeito seu encantamento. Embora o príncipe merecesse toda a sua atenção, Bela não pôde deixar de perguntar onde estava a Fera.

"Está a seus pés", disse-lhe o príncipe. "Uma fada má condenou-me a viver sob

essa forma até que uma bela moça consentisse em me desposar. Proibiu-me também de deixar minha inteligência aparecer. Você foi a única pessoa no mundo boa o bastante para se deixar tocar pela bondade do meu caráter. Nem lhe oferecendo minha coroa posso saldar toda a dívida de gratidão que tenho com você."

Bela, feliz com a surpresa, deu a mão a esse belo príncipe para se erguer. Foram juntos para o castelo, e ela quase morreu de alegria ao encontrar no salão o pai e toda a família, que a bela dama do sonho havia transportado para lá.

Walter Crane, 1875

"Bela", disse-lhe essa dama, que era uma fada, "venha receber a recompensa por sua boa escolha: você preferiu a virtude à beleza e à inteligência, portanto merece encontrar todas essas qualidades reunidas numa mesma pessoa. Vai se tornar uma grande rainha. Espero que o trono não destrua suas virtudes. Quanto às senhoritas", disse a fada para as duas irmãs da Bela, "conheço seus corações, e toda a malícia que encerram. Vou transformá-las em duas estátuas. Mas conservarão toda a sua razão sob a pedra que as recobrirá. Permanecerão na porta do palácio de sua irmã e não lhes imponho outro castigo a não ser testemunhar a felicidade dela. Só poderão retornar a seu estado anterior no momento em que reconhecerem seus erros, mas acho que serão estátuas para sempre. Podemos nos corrigir do orgulho, da cólera, da gula e da preguiça. Mas a conversão de um coração mau e invejoso é uma espécie de milagre."

No mesmo instante a fada moveu sua varinha, que transportou todos os que ali estavam para o reino do príncipe. Seus súditos o receberam com alegria, e ele se casou com Bela, que viveu com ele por muitos e muitos anos, numa felicidade perfeita, pois era fundada na virtude.

JACOB GRIMM & WILHELM GRIMM
(1785-1863) & (1786-1859)

Com seu irmão Wilhelm, o linguista e escritor Jacob Grimm, fundador da filologia alemã, dedicou-se a recolher contos populares de regiões de língua alemã. Publicada em dois volumes, em 1812 e 1815, a coletânea Contos da infância e do lar trazia piadas, lendas, fábulas, anedotas e narrativas tradicionais de toda sorte. Além, é claro, dos contos de fadas que associamos aos irmãos Grimm – como A Bela Adormecida, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e João e Maria. De início, o projeto dos irmãos era erudito: queriam preservar impressa a cultura oral "pura" do povo alemão, ameaçada pela urbanização e industrialização. Mas, ao longo dos anos e das várias edições que a compilação teve, o público-alvo foi mudando: a edição compacta, publicada em 1825, reunindo apenas cinquenta das histórias, já era voltada para as crianças, e tinha cunho educativo.

A Bela Adormecida

HÁ MUITOS E MUITOS ANOS viviam um rei e uma rainha. Dia após dia eles diziam um para o outro: "Oh, se pelo menos pudéssemos ter um filho!" Mas nada acontecia. Um dia, quando a rainha estava se banhando, uma rã saiu da água, rastejou para a borda e lhe disse: "Seu desejo será realizado. Antes que se passe um ano, dará à luz uma filha."

A previsão da rã se realizou, e a rainha deu à luz uma menina tão bonita que o rei ficou fora de si de contentamento e preparou um grande banquete. Convidou parentes, amigos e conhecidos, e mandou chamar também as feiticeiras do reino, pois esperava que viessem a ser bondosas e generosas para com sua filha. Havia treze feiticeiras ao todo, mas como o rei só tinha doze pratos de ouro para servir o jantar, uma das mulheres teve de ficar em casa.

O banquete foi celebrado com grande esplendor e, quando se aproximava do fim, as feiticeiras concederam suas dádivas mágicas à menina. A primeira lhe conferiu virtude, a segunda lhe deu beleza, a terceira fortuna, e assim por diante, até que a menina tivesse tudo que se pode desejar deste mundo. No exato momento em que a décima primeira mulher estava concedendo sua dádiva, a décima terceira do grupo surgiu. Não fora convidada e agora desejava se vingar. Sem olhar para ninguém ou dizer uma palavra a quem quer que fosse, gritou bem alto: "Quando a filha do rei fizer quinze anos, espetará o dedo num fuso e cairá morta." E, sem mais uma palavra, virou as costas a todos e deixou o salão.

Todos ficaram apavorados, mas no mesmo instante a décima segunda do grupo de mulheres se levantou. Ainda restava um desejo a conceder para a menina, e, embora a feiticeira não pudesse suspender o feitiço maligno, podia abrandá-lo. Assim, ela disse: "A filha do rei não morrerá, cairá num sono profundo que durará cem anos." O rei, que queria fazer o possível e o impossível para preservar a filha da desgraça, ordenou que todos os fusos do reino inteiro fossem reduzidos a cinzas.

Quanto à menina, todos os desejos proferidos pelas feiticeiras se realizaram, pois ela era tão bonita, bondosa, encantadora e ajuizada que não havia um que nela pusesse os olhos e não passasse a amá-la. Exatamente no dia em que a menina completou quinze anos, o rei e a rainha saíram e ela ficou sozinha em casa. Vagou pelo castelo, espionando um cômodo após o outro, e acabou ao pé de uma velha torre. Depois de subir uma estreita escada em caracol dentro da torre, viu-se diante de uma portinha com uma chave velha e enferrujada na fechadura. Quando rodou a chave, a porta girou e revelou um quartinho minúsculo. Nele estava uma velha com seu fuso, muito ocupada em fiar linho.

Gustave Doré, 1861

"Boa tarde, vovó", disse a princesa. "Que está fazendo aqui?"

"Estou fiando linho", respondeu a velha, cumprimentando a menina com a cabeça.

"O que é isso bamboleando assim tão esquisito?" a menina perguntou. E pôs a mão no fuso, pois também queria fiar. O feitiço começou a fazer efeito imediatamente, pois espetara o dedo no fuso.

Assim que tocou a ponta do fuso, a menina caiu prostrada numa cama que havia ali perto e caiu num sono profundo. Seu torpor espalhou-se por todo o castelo. O rei e a rainha, que acabavam de voltar para casa e estavam entrando no grande salão, adormeceram, e com eles toda a corte.

Edward Burne-Jones, 1870-90

Os cavalos adormeceram nos estábulos, os cães no quintal, os pombos no telhado e as moscas na parede. Até o fogo que crepitava na lareira morreu e adormeceu. O assado parou de chiar, e o cozinheiro, que estava a ponto de puxar o cabelo do auxiliar de cozinha porque ele fizera uma tolice, deixou-o escapar e adormeceu. O vento também amainou, e nem mais uma folha balançou nas árvores fora do castelo.

Logo uma cerca viva de urzes começou a crescer em volta do castelo. A cada ano ficava mais alta, até que um dia encobria o castelo inteiro. Ficara tão espessa que não deixava ver nem a flâmula no alto do torreão do castelo. Por todo o reino,

circularam histórias sobre a bela Rosa da Urze, alcunha dada à princesa adormecida. De vez em quando um príncipe tentava abrir caminho através da cerca viva para chegar ao castelo. Mas nenhum jamais conseguia, porque as urzes se entrelaçavam umas às outras como se estivessem de mãos dadas, e os jovens que se enredavam nelas e não conseguiam se desprender morriam. Era uma morte terrível.

Edward Burne-Jones, 1870-90

Passados muitos e muitos anos, um outro príncipe apareceu no reino. Ouviu um velho falar sobre uma cerca viva de urze que, ao que se dizia, escondia um castelo. Nele, segundo o velho, uma princesa fabulosamente bela, chamada Rosa da Urze, estava dormindo havia cem anos, junto com o rei, a rainha e toda a corte. O velho ouvira de seu avô que muitos outros príncipes haviam tentado romper a cerca viva de urze, mas haviam ficado presos pela planta e tido mortes horríveis. O jovem disse: “Eu não tenho medo. Vou encontrar esse castelo para poder ver a bela Rosa da Urze.” O bondoso velho fez o que podia para dissuadir o príncipe, mas ele não lhe deu ouvidos.

Walter Crane, 1876

Aconteceu que o prazo de cem anos acabara de se esgotar, chegara o dia em que a Rosa da Urze iria acordar. Quando se aproximou da cerca viva de urzes, o príncipe não encontrou nada senão grandes e lindas flores. Elas se afastaram para lhe abrir caminho e o deixaram passar são e salvo; depois se fecharam atrás dele, formando uma cerca.

No pátio, os cavalos e os cães de caça malhados estavam deitados no mesmo lugar, profundamente adormecidos, e os pombos permaneciam empoleirados com as cabecinhas metidas debaixo das asas. O príncipe avançou até o castelo e viu que até as moscas dormiam a sono solto nas paredes. O cozinheiro ainda estava na cozinha, com a mão erguida no ar como se estivesse a ponto de agarrar o auxiliar de cozinha, e a criada continuava sentada à mesa, com uma galinha preta que estava prestes a depenar.

Indo um pouco adiante, o príncipe chegou ao salão, onde viu a corte inteira dormindo profundamente, com o rei e a rainha deitados bem junto de seus tronos. Seguiu em frente, e tudo estava tão silencioso que podia ouvir sua própria respiração.

Gustave Doré, 1861

Finalmente chegou à torre e abriu a porta do quartinho em que a Rosa da Urze dormia. Lá estava a princesa deitada, tão bonita que ele não conseguia tirar os olhos dela. Então, curvou-se e beijou-a.

Mal o príncipe lhe roçara os lábios, a Rosa da Urze despertou, abriu os olhos e sorriu docemente para ele. Desceram juntos a escada. O rei, a rainha e toda a corte haviam despertado e olhavam uns para os outros com grande espanto. Os cavalos no pátio se levantaram e se sacudiram. Os cães de caça se ergueram de um salto e abanaram os rabos. Os pombos botaram as cabeças para fora das asas, olharam em volta e revoaram para os campos. As moscas começaram a se arrastar pelas paredes. O fogo na cozinha crepitou, rebentou em chamas e começou a cozinhar a comida de novo. O assado voltou a chiar. O cozinheiro deu uma palmada tão forte no auxiliar de cozinha que ele berrou. A criada terminou de depenar a galinha.

O casamento da Rosa da Urze e do príncipe foi celebrado com grande esplendor, e os dois viveram felizes para sempre.

Walter Crane, 1876

Branca de Neve

ERA UMA VEZ uma rainha. Um dia, no meio do inverno, quando flocos de neve grandes como plumas caíam do céu, ela estava sentada a costurar, junto de uma janela com uma moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve e espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram sobre a neve. O vermelho pareceu tão bonito contra a neve branca que ela pensou: "Ah, se eu tivesse um filhinho branco como a neve, vermelho como o sangue e tão negro como a madeira da moldura da janela." Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Chamaram-na Branca de Neve. A rainha morreu depois do nascimento da criança.

Arthur Rackham, 1909

Um ano mais tarde seu marido, o rei, casou-se com outra mulher. Era uma dama belíssima, mas orgulhosa e arrogante, e não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se olhar, dizia:

"Espelho, espelho meu,
Existe outra mulher mais bela do que eu?"

E o espelho sempre respondia:

"Não, minha Rainha, sois de todas a mais bela."

Então ela ficava feliz, pois sabia que o espelho sempre dizia a verdade.

Branca de Neve estava crescendo e, a cada dia que passava, ficava mais bonita. Quando chegou aos sete anos, havia se tornado tão bonita quanto o dia e mais bonita que a própria rainha. Um dia a rainha perguntou ao espelho:

"Espelho, espelho meu,
Existe outra mulher mais bela do que eu?"

O espelho respondeu:

"Ó minha Rainha, sois muito bela ainda,
Mas Branca de Neve é mil vezes mais linda."

Ao ouvir estas palavras a rainha pôs-se a tremer, e seu rosto ficou verde de inveja. Desse momento em diante, odiou Branca de Neve. Sempre que batia os olhos nela, seu coração ficava frio como uma pedra. A inveja e o orgulho medraram como pragas em seu coração. Dia ou noite, ela não tinha um momento de paz.

Theodor Roseman, 1847

Um dia chamou um caçador e disse: "Leve a criança para a floresta. Nunca mais quero ver a cara dela. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou."

O caçador obedeceu e levou a menina para a mata, mas no momento exato em que estava puxando sua faca de caça e prestes a mirar seu coração inocente, ela começou a chorar e a suplicar: "Misericórdia, meu bom caçador, poupe minha vida. Prometo correr para dentro da mata e nunca mais voltar."

Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse: "Então vá, fuja, pobre criança!"

Franz Jüttner, 1905

"Os animais selvagens não tardarão a devorá-la", pensou, mas lhe pareceu que seu coração estava aliviado de um grande peso, pois pelo menos não teria de matar a menina. Naquele instante um filhote de javali passou correndo, e o caçador matou-o a estocadas. Retirou os pulmões e o fígado e os levou para a rainha como prova de que matara a criança. O cozinheiro recebeu instruções de fervê-los na salmoura, e a perversa mulher os comeu, pensando que estava comendo os pulmões e o fígado de Branca de Neve.

A pobre menina foi deixada sozinha na vasta floresta. Estava tão assustada que ficou a olhar para cada folha de cada árvore, sem saber o que fazer. Depois começou a correr, passando sobre pedras pontudas e entre espinheiros. De vez em quando, feras passavam por ela, mas não lhe faziam mal. Ela correu enquanto suas pernas aguentaram. Ao cair da noite, avistou uma cabaninha e entrou para descansar. Todas as coisas na casa eram minúsculas, mas tão caprichadas e limpas que não se podia acreditar. Havia uma mesinha, com sete pratinhos sobre uma

toalha branca. Sobre cada pratinho havia uma colher; além disso, havia sete faquinhas e garfinhos e sete canequinhas. Contra a parede, sete caminhas lado a lado, todas arrumadas com lençóis brancos como a neve. Branca de Neve estava com tanta fome e com tanta sede que comeu um pouquinho de salada e um bocadinho de pão de cada pratinho e tomou uma gota de vinho de cada canequinha. Não queria tirar tudo de um só. Mais tarde, sentiu-se tão cansada que tentou se deitar numa das camas, mas nenhuma parecia lhe servir. A primeira era comprida demais, a segunda, curta demais, mas a sétima tinha o tamanho certo, e ali ela ficou. Rezou suas orações e adormeceu profundamente.

Era noite fechada lá fora quando os proprietários da cabana retornaram. Eram sete anões que trabalhavam o dia inteiro nas montanhas, garimpando a terra e escavando em busca de minérios. Eles acenderam sete lanterninhas e, quando a cabana se iluminou, viram que alguém passara por ali, pois nem tudo estava como haviam deixado.

O primeiro anão perguntou: "Quem se sentou na minha cadeirinha?"

O segundo perguntou: "Quem comeu do meu pratinho?"

O terceiro perguntou: "Quem comeu o meu pãozinho?"

O quarto perguntou: "Quem comeu minha saladinha?"

O quinto perguntou: "Quem usou o meu garfinho?"

O sexto anão perguntou: "Quem cortou com a minha faquinha?"

E por último o sétimo perguntou: "Quem bebeu da minha canequinha?"

O primeiro anão olhou em volta e viu que seus lençóis estavam amassados e disse: "Quem se deitou na minha caminha?"

Os outros vieram correndo e todos gritaram: "Alguém andou dormindo na minha cama também!"

Quando o sétimo anão olhou para sua caminha, viu Branca de Neve deitada nela, dormindo a sono solto. Gritou para os outros, que foram correndo e ficaram tão assombrados que todos ergueram suas sete lanterninhas para iluminar Branca de Neve.

"Ó céus, ó céus!" todos exclamaram. "Que bela menina!"

Os anões ficaram tão encantados com aquela visão que resolveram não acordá-la e deixá-la continuar dormindo em sua caminha. O sétimo anão dormiu uma hora com cada um dos companheiros, até que a noite chegou ao fim.

De manhã Branca de Neve acordou. Quando viu os anões, ficou amedrontada, mas eles foram amáveis, e perguntaram: "Qual é o seu nome?"

Arthur Rackham, 1909

"Meu nome é Branca de Neve", ela respondeu.

"Como conseguiu chegar a esta casa?" eles quiseram saber.

Branca de Neve contou-lhes como sua madrasta havia tentado matá-la e como o caçador poupara sua vida. Contou que correra o dia inteiro até chegar à cabana deles.

Os anões lhe disseram: "Se quiser cuidar da casa para nós, cozinhar, fazer as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e arrumadinho, pode ficar conosco, e nada lhe faltará."

"Sim, quero ficar, não desejo outra coisa", Branca de Neve respondeu, e ficou com eles.

Branca de Neve cuidava da casa para os anões. De manhã eles iam para o alto das montanhas em busca de minérios e ouro. Ao cair da noite voltavam, e o jantar estava pronto à sua espera. Como a menina passava os dias sozinha, os anões a advertiram seriamente: "Tome cuidado com sua madrasta. Ela não vai demorar a saber que está aqui. Não deixe ninguém entrar na casa."

Mas a rainha, acreditando que havia comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, estava certa de que era novamente a mais bela de todas. Foi até o espelho e perguntou:

"Espelho, espelho meu,
Existe outra mulher mais bela do que eu?"

O espelho respondeu:

"És sempre bela, minha cara rainha
Mas na colina distante, por sete anões cercada,
Branca de Neve ainda vive e floresce,
E sua beleza jamais foi superada."

Ao ouvir estas palavras a rainha ficou pasma, pois sabia que o espelho nunca dizia uma mentira. Compreendeu que o caçador certamente a enganara e que Branca de Neve estava viva. E pôs-se a maquinar uma maneira de se livrar dela. Se não fosse a mais bela de todo o reino, nunca seria capaz de sentir outra coisa senão inveja. Finalmente concebeu um plano. Pintou o rosto e vestiu-se como uma velha vendedora ambulante, tornando-se completamente irreconhecível. Assim disfarçada, viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando, bateu à porta e anunciou: "Mercadorias bonitas a precinho camarada."

Branca de Neve espiou pela janela e disse: "Bom dia, minha boa mulher. O que a senhora tem para vender?"

“Coisas boas, coisas bonitas”, ela respondeu. “Cordões multicoloridos para o corpete”, e puxou um cadarço de seda tecido de muitas cores.

“Posso deixar esta boa mulher entrar”, Branca de Neve pensou, e, correndo o ferrolho da porta, comprou o bonito cadarço.

“Oh, minha filha, como você está desarrumada. Venha, deixe que eu arrume o cadarço como convém.”

Branca de Neve não estava nem um pouquinho desconfiada. Postou-se diante da velha e deixou que ela arrumasse o cadarço novo. A velha apertou o cadarço tanto e tão depressa que Branca de Neve ficou sem ar e caiu no chão como se estivesse morta.

“Agora quero ver quem é a mais bela de todas”, disse a velha, afastando-se depressa.

Não muito depois, ao anoitecer, os sete anões voltaram para casa. Quando viram sua amada Branca de Neve estendida no chão, ficaram horrorizados. Como não se mexia, nem um pouquinho, não tiveram dúvida de que estava morta. Ergueram-na e, percebendo que o cadarço de seu corpete estava apertado demais, cortaram-no em dois. Branca de Neve então começou a respirar, e pouco a pouco voltou à vida. Quando os anões souberam do que tinha acontecido, disseram: “A velha vendedora ambulante não era outra senão a rainha má. Tome cuidado e não deixe ninguém entrar, a menos que estejamos em casa.”

Ao chegar de volta em casa, a rainha foi até o espelho e perguntou:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?”

O espelho respondeu como de costume:

“És sempre bela, minha cara rainha

Mas na colina distante, por sete anões cercada,

Branca de Neve ainda vive e floresce,

E sua beleza jamais foi superada.”

Quando a rainha ouviu essas palavras, o sangue gelou em suas veias. Ficou horrorizada ao saber que Branca de Neve continuava viva. “Mas desta vez”, disse ela, “inventarei alguma coisa para destruí-la.”

Usando toda a bruxaria que conhecia, fabricou um pente envenenado. Depois trocou de roupa e se disfarçou de velha mais uma vez. E novamente viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões, bateu à porta e anunciou: “Mercadorias bonitas a precinho camarada.”

Branca de Neve espiou pela janela e disse: “Vá embora, não posso deixar ninguém entrar.”

“Mas pode ao menos dar uma olhada”, disse a velha, e, pegando um pente

envenenado, segurou-o no ar. A menina gostou tanto daquele pente que caiu como um patinho e abriu a porta. Quando chegaram a um acordo sobre o preço, a velha disse: "Agora vou pentear seu cabelo como ele merece."

A pobre Branca de Neve não desconfiou de nada e deixou a mulher fazer como queria. Mal o pente tocou no seu cabelo, porém, o veneno fez efeito e a menina tombou no chão, sem sentidos.

"Pronto, minha bela", disse a perversa mulher. "Está liquidada."

E partiu a toda pressa.

Felizmente, os anões já estavam a caminho de casa, pois já era quase noite. Quando viram Branca de Neve caída no chão como morta, desconfiaram imediatamente da madrasta. Ao examiná-la, descobriram o pente venenoso. Assim que o desemaranharam de seu cabelo, Branca de Neve voltou à vida e lhes contou o que havia acontecido. Mais uma vez eles lhe recomendaram que tivesse cuidado e nunca mais abrisse a porta para ninguém.

Em casa, a rainha se dirigiu ao espelho e perguntou:

"Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?"

O espelho respondeu como de costume:

"És sempre bela, minha cara rainha

Mas na colina distante, por sete anões cercada,

Branca de Neve ainda vive e floresce,

E sua beleza jamais foi superada."

Ao ouvir as palavras pronunciadas pelo espelho, a rainha começou a tremer de raiva. "Branca de Neve tem de morrer!" exclamou. "Mesmo que isso custe a minha vida."

Foi para uma câmara secreta, onde ninguém jamais pisava, e confeccionou uma maçã cheia de veneno. Do lado de fora, era bonita – branca com as faces vermelhas –, vê-la era desejá-la. Mas quem lhe desse a menor das mordidas, morreria. Quando a maçã ficou pronta, a rainha pintou o rosto de novo, vestiu-se como uma camponesa e viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões.

Bateu à porta, e Branca de Neve pôs a cabeça pela janela para dizer: "Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões proibiram."

"Não faz mal", a camponesa respondeu. "Logo vou me livrar das minhas maçãs. Tome, dou-lhe esta."

"Não", disse Branca de Neve. "Estou proibida de aceitar qualquer coisa."

"Está com medo de que esteja envenenada?", perguntou a mulher. "Veja, vou partir a maçã ao meio. Você come a parte vermelha, eu como a branca."

A maçã fora feita com tanta perícia que só a parte vermelha tinha veneno. Branca de Neve sentiu um ardente desejo pela linda maçã e, quando viu a camponesa dar uma mordida, não pôde resistir mais. Enfiou a mão pela janela e pegou a metade envenenada. Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha contemplou-a com olhos furiosos e explodiu numa gargalhada: "Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano! Desta vez os anões não conseguirão trazê-la de volta à vida!"

Arthur Rackham, 1909

Em casa, ela perguntou ao espelho:

"Espelho, espelho meu,

Quem é de todas a mais bela?"

E ele finalmente respondeu:

"Sois vós, minha rainha, do reino a mais bela."

Finalmente o coração invejoso da rainha ficou em paz (tanto quanto um coração invejoso pode ficar em paz).

Quando os anões voltaram para casa ao cair da noite, encontraram Branca de Neve estendida no chão. Nem um sopro exalava de seus lábios. Estava morta. Ergueram-na e procuraram em volta algo que pudesse ser venenoso. Desataram seu corpete, pentearam seu cabelo, banharam-na com água e vinho, mas foi tudo em vão. A querida menina se fora, e nada podia trazê-la de volta. Depois de colocarem Branca de Neve num caixão, todos os sete se sentaram em volta dele e a velaram. Choraram por três dias. Estavam prontos para enterrá-la, mas ela ainda parecia viva, com bonitas faces vermelhas.

Os anões disseram: "Não podemos enterrá-la na terra escura." Assim, mandaram fazer um caixão de vidro transparente que permitia ver Branca de Neve de todos os lados. Colocaram-na dentro dele, escreveram seu nome nele com letras douradas e acrescentaram que se tratava da filha de um rei. Levaram o caixão até o topo de uma montanha, e um dos anões ficava sempre junto dele, montando guarda. Animais também foram chorar Branca de Neve, primeiro uma coruja, depois um corvo e por último um pombo.

Branca de Neve ficou no caixão por muito, muito tempo. Mas não se decompôs, e dava a impressão de estar dormindo, pois continuava branca como a neve, vermelha como o sangue, e com os cabelos tão negros como o ébano.

Um dia o filho de um rei atravessava a floresta quando chegou à cabana dos anões. Esperava poder passar a noite ali. Quando subiu no alto da montanha, viu o caixão com a linda Branca de Neve deitada dentro dele e leu as palavras escritas com letras douradas. Disse então aos anões: "Deixai-me levar este caixão. Eu lhes

darei o que quiserem em troca.”

Os anões responderam: “Não o venderíamos nem por todo o ouro do mundo.”

Ele disse: “Deem-me então como um presente, pois não posso viver sem ver Branca de Neve. Vou honrá-la e tratá-la como se fosse a minha amada.”

Ao ouvirem estas palavras, os bons anões se apiedaram e lhe entregaram o caixão. O príncipe ordenou a seus criados que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que eles tropeçaram num arbusto e o solavanco soltou o pedaço de maçã envenenado que estava entalado na garganta de Branca de Neve. Ela voltou à vida e exclamou: “Céus, onde estou?”

O príncipe ficou emocionado e disse: “Você vai ficar comigo”, e contou-lhe o que acontecera. “Eu te amo mais que tudo no mundo”, ele disse. “Venha comigo para o castelo do meu pai, seja minha noiva.” Branca de Neve sentiu afeição pelo príncipe, e partiu com ele. As núpcias foram celebradas com enorme esplendor.

A madrasta perversa de Branca de Neve também foi convidada para a festa de casamento. Vestiu belas roupas, plantou-se diante do espelho e disse:

“Espelho, espelho meu,
Quem é de todas a mais bela?”

“Ó minha rainha, sois muito bela ainda,
Mas a jovem rainha é mil vezes mais linda.”

A malvada mulher lançou uma praga e ficou tão paralisada de medo que não soube o que fazer. Primeiro resolveu não ir à festa de casamento. Como isso não a acalmou nem um pouco, viu-se obrigada a ver a jovem rainha. Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A rainha ficou tão aterrorizada que estacou ali, sem conseguir se mexer um centímetro. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre um fogo de carvões. Foram levados com tenazes e postos bem na sua frente. Ela teve de calçar os sapatos de ferro incandescentes e dançar com eles até cair morta no chão.

Chapeuzinho Vermelho

Walter Crane, 1875

ERA UMA VEZ uma menininha encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Jessie Willcox Smith, 1919

Um dia, a mãe da menina lhe disse: "Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho. Leve-os para sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para a frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrará nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom-dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa."

"Farei tudo que está dizendo", Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava lá no meio da mata, a mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo. Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingo de medo.

"Bom dia, Chapeuzinho Vermelho", disse o lobo.

"Bom dia, senhor Lobo", ela respondeu.

"Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?"

"À casa da vovó."

"O que é isso debaixo do seu avental?"

"Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos ontem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la", ela respondeu.

“Onde fica a casa da sua vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

Walter Crane, 1875

O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.”

O lobo caminhou ao lado de Chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu como os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou: “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a trilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para outro à cata de flores. Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou para a trilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e, ao entrar na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Rosa Petherick, s/d

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

"Ó avó, que orelhas grandes você tem!"

"É para melhor te escutar!"

"Ó avó, que olhos grandes você tem!"

"É para melhor te enxergar!"

"Ó avó, que mãos grandes você tem!"

"É para melhor te agarrar!"

"Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!"

"É para melhor te comer!"

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: "Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema." Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

Anônimo, 1865

"Finalmente te encontrei, seu velhaco", disse. "Faz muito tempo que ando à sua procura."

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: "Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo."

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a

barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levara, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: "Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir."

Walter Crane, 1875

HÁ UMA HISTÓRIA sobre uma outra vez em que Chapeuzinho Vermelho encontrou um lobo quando ia para a casa da avó, levando-lhe uns bolinhos. O lobo tentou fazê-la desviar-se da trilha, mas Chapeuzinho Vermelho estava alerta e seguiu em frente. Contou à avó que encontrara um lobo e que ele a cumprimentara. Mas tinha olhado para ela de um jeito tão mau que "se não estivéssemos num descampado, teria me devorado inteira".

"Pois bem", disse a avó. "Basta trancar a porta e ele não poderá entrar."

Alguns instantes depois o lobo bateu à porta e gritou: "Abra a porta, vovó. É Chapeuzinho Vermelho, vim lhe trazer uns bolinhos."

As duas não abriram a boca e se recusaram a atender a porta. Então o espertalhão rodeou a casa algumas vezes e pulou para cima do telhado. Estava planejando esperar até que Chapeuzinho Vermelho fosse para casa. Pretendia rastejar atrás dela e devorá-la na escuridão. Mas a avó descobriu suas intenções. Havia um grande cocho de pedra na frente da casa. A avó disse à menina: "Pegue este balde, Chapeuzinho Vermelho. Ontem cozinhei umas salsichas. Jogue a água da fervura no cocho."

Chapeuzinho Vermelho levou vários baldes d'água ao cocho, até deixá-lo completamente cheio. O cheiro daquelas salsichas chegou até as narinas do lobo. Ele esticou tanto o pescoço para farejar e olhar em volta que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar telhado abaixo. Caiu bem dentro do cocho e se afogou. Chapeuzinho Vermelho voltou para casa alegremente e ninguém lhe fez mal algum.

Rapunzel

Era uma vez um homem e uma mulher que desejavam um filho havia muitos anos, mas sem sucesso. Um dia a mulher pressentiu que Deus ia satisfazer seu desejo. Nos fundos da casa em que moravam havia uma janelinha que dava para um esplêndido jardim, cheio de lindas flores e verduras. Era cercado por um muro alto, e ninguém ousava entrar ali porque pertencia a uma poderosa feiticeira temida por todos nas redondezas. Um dia a mulher estava à janela, olhando para o jardim. Seus olhos foram atraídos para um certo canteiro, que estava plantado com o mais viçoso rapunzel, um tipo de alface. Parecia tão fresco e verde que ela foi tomada pela ânsia de colhê-lo. Simplesmente tinha de conseguir um pouco para sua próxima refeição. A cada dia seu desejo crescia, e ela começou a se consumir, pois sabia que nunca conseguiria um pouco daquele rapunzel. Vendo o quanto estava pálida e infeliz, seu marido lhe perguntou: "O que está acontecendo, querida esposa?"

Arthur Rackham, 1916

"Se eu não conseguir um pouco daquele rapunzel do jardim atrás da nossa casa, vou morrer", ela respondeu.

O marido, que a amava muito, pensou: "Em vez de deixar minha mulher morrer, é melhor ir buscar um pouco daquele rapunzel, custe o que custar."

Ao cair da noite, ele subiu no muro e pulou no jardim da feiticeira, arrancou correndo um punhado de rapunzel e levou-o para a mulher. No mesmo instante ela fez uma salada, que comeu com voracidade. O rapunzel era tão gostoso, mas tão gostoso, que no dia seguinte seu apetite por ele ficou três vezes maior. O homem não viu outro jeito de sossegar a mulher senão voltar ao jardim para pegar mais.

Ao cair da noite lá estava ele de novo, mas depois que pulou o muro o pavor tomou conta dele, pois ali estava a feiticeira, bem à sua frente. "Como ousa entrar

no meu jardim às escondidas e pegar meu rapunzel como um ladrão barato?" ela perguntou com um olhar furioso. "Ainda se arrependerá por isso."

"Oh, por favor", ele respondeu, "tenha misericórdia! Só fiz isso porque fui obrigado. Minha mulher avistou seu rapunzel pela janela. Seu desejo de comê-lo foi tão grande que ela disse que morreria se eu não lhe conseguisse um pouco."

A raiva da feiticeira arrefeceu e ela disse ao homem: "Se o que disse é verdade, vou deixá-lo levar tanto rapunzel quanto quiser. Mas com uma condição: terá de me entregar a criança quando sua mulher der à luz. Cuidarei dela como uma mãe, e não lhe faltará nada."

Como estava apavorado, o homem concordou com tudo. Quando chegou o momento da entrega, a feiticeira apareceu pontualmente, deu à criança o nome Rapunzel e a levou embora.

Rapunzel era a menina mais bonita do mundo. Ao completar doze anos, a feiticeira a levou para a floresta e a trancou numa torre que não tinha escadas nem porta. Lá no alto da torre havia uma janelinha minúscula. Sempre que queria entrar, a feiticeira se plantava no pé da torre e chamava:

Otto Ubbelohde, 1907

"Rapunzel, Rapunzel!
Jogue as suas tranças."

Rapunzel tinha cabelos longos, tão finos e bonitos como ouro fiado. Sempre que ouvia a voz da feiticeira, ela desenrolava as tranças, amarrava-as no trinco da janela e as deixava cair até o chão. A feiticeira subia então por elas para entrar na torre.

Alguns anos mais tarde, aconteceu que o filho de um rei estava atravessando a floresta a cavalo. Passou bem junto à torre e ouviu uma voz tão bela que parou para escutar. Era Rapunzel, que, inteiramente sozinha na torre, passava seus dias a cantar doces melodias para si mesma. O príncipe quis subir para vê-la e deu a volta na torre à procura de uma porta, mas não achou nenhuma. Voltou para casa em seu cavalo, mas a voz de Rapunzel comovera seu coração tão intensamente que ele passou a ir à floresta todos os dias para ouvi-la. Certa vez, quando estava escondido atrás de uma árvore, viu a feiticeira chegar à torre e ouviu-a chamando:

"Rapunzel, Rapunzel!
Jogue as suas tranças."

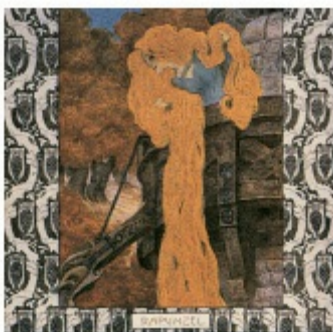
Rapunzel jogou as tranças e a feiticeira subiu até ela.

"Se é por essa escada que se sobe até o alto da torre, gostaria de tentar a minha sorte nela também". E no dia seguinte, quando mal começava a escurecer, o príncipe foi até a torre e chamou:

Arthur Rackham, 1917

"Rapunzel, Rapunzel!
Jogue as suas tranças."

As tranças caíram, e o príncipe subiu por elas.

A princípio, ao ver um homem entrar pela janela, Rapunzel ficou apavorada, especialmente porque nunca tinha visto um. Mas o príncipe começou a falar de uma maneira gentil e lhe contou que ficara tão comovido com sua voz que não teria tido paz se não pusesse os olhos nela. Logo Rapunzel perdeu o medo, e quando o príncipe, que era jovem e bonito, perguntou se ela queria se casar com ele, pensou consigo mesma: "Ele vai gostar mais de mim que a velha Mãe Gothel." E assim aceitou, deu-lhe a mão e disse: "Quero ir embora daqui com você, mas não sei como sair desta torre. Cada vez que vier me visitar, traga uma meada de seda, e trançarei uma escada. Quando estiver pronta, descerei e poderá me levar em seu cavalo."

Heinrich Lefler, 1905

Os dois combinaram que ele viria visitá-la toda noite, pois durante o dia a velha estava lá. A feiticeira não notou nada até que, um dia, Rapunzel lhe disse: "Diga-me, Mãe Gothel, por que é tão mais difícil içar a senhora do que o jovem príncipe? Ele sobe até aqui num piscar de olhos."

"Menina malvada!" gritou a feiticeira. "O que fez? Achei que a tinha isolado do resto do mundo, mas você me traiu."

Num ataque de fúria, agarrou o belo cabelo de Rapunzel, enrolou as tranças na sua mão esquerda e passou-lhes uma tesoura com a direita. Rápidas tesouradas, zip, zap, e as tranças caíram no chão. A feiticeira era tão cruel que levou a pobre Rapunzel para um deserto, onde ela teve de viver uma vida miserável e infeliz.

No mesmo dia em que mandara Rapunzel embora, a feiticeira amarrou as

tranças cortadas ao trinco da janela e, quando o príncipe chegou e chamou:

“Rapunzel, Rapunzel! Jogue as suas tranças”, ela deixou as tranças tombarem.

O príncipe subiu, mas em vez de sua preciosa Rapunzel quem esperava por ele era a feiticeira, com um olhar irado e venenoso. “Arrá!” ela gritou, triunfante. “Veio à procura da esposa queridinha, mas a bela ave já não está no seu ninho, cantando. A gata a pegou e, antes de terminar o serviço, vai arranhar os seus olhos também. Você perdeu Rapunzel para sempre. Nunca a verá de novo.”

O príncipe ficou transtornado de dor e, em seu desespero, saltou do alto da torre. Sobreviveu, mas seus olhos foram arranhados pela sarça que crescia no pedaço de chão em que caiu. Vagou pela floresta, incapaz de ver as coisas. Só encontrou raízes e bagas para comer, e passava seu tempo a chorar e a lastimar a perda de sua querida esposa.

O príncipe vagou de um lado para outro em sua desgraça por muitos anos e finalmente chegou ao deserto onde Rapunzel mal conseguia sobreviver com os gêmeos – um menino e uma menina – que dera à luz. Ouvindo uma voz que lhe soou familiar, o príncipe a seguiu. Quando se aproximou o bastante da pessoa que cantava, Rapunzel o reconheceu. Enlaçou-o com os braços, e chorou. Duas dessas lágrimas caíram nos olhos do príncipe, e de repente ele passou a ver como antes, claramente.

O príncipe voltou para seu reino com Rapunzel e lá houve grande comemoração. Viveram felizes e alegres por muitos e muitos anos.

João e Maria

PERTO DE UMA GRANDE FLORESTA, vivia um pobre lenhador com sua mulher e dois filhos. O menininho chamava-se João e a menina chamava-se Maria. Nunca havia muito o que comer na casa deles, e, durante um período de fome, o lenhador não conseguiu mais levar pão para casa. À noite ele ficava na cama aflito, remexendo-se e revirando-se em seu desespero. Com um suspiro, disse para sua mulher: "O que vai ser de nós? Como podemos cuidar de nossos pobres filhinhos quando não há comida bastante nem para nós dois?"

"Ouça-me", sua mulher respondeu. "Amanhã, ao romper da aurora, vamos levar as crianças até a parte mais profunda da floresta. Faremos uma fogueira para elas e daremos uma crosta de pão para cada uma. Depois vamos tratar dos nossos afazeres, deixando-as lá sozinhas. Nunca encontrarão o caminho de volta para casa e ficaremos livres delas."

Ludwig Richter, 1842

"Oh, não!" disse o marido. "Não posso fazer isso. Quem teria coragem de deixar essas crianças sozinhas na mata quando animais selvagens vão com certeza encontrá-las e estraçalhá-las?"

"Seu bobo", ela respondeu. "Nesse caso vamos os quatro morrer de fome. É melhor você começar a lixar as tábuas para os nossos caixões."

A mulher não deu ao marido um minuto de sossego até que ele consentiu no plano dela. "Mesmo assim, sinto pena das pobres crianças", ele disse.

As crianças também não tinham conseguido dormir, porque estavam famintas, e ouviram tudo que a madrasta dizia ao pai. Maria chorou inconsolavelmente e disse a João: "Bem, agora estamos mortos."

"Fique sossegada, Maria", disse João. "Pare de se preocupar. Vou descobrir uma saída."

Depois que os dois adultos tinham adormecido, João se levantou, vestiu seu paletozinho, abriu a parte de baixo da porta e escapuliu. A lua resplandecia e os seixos brancos em frente à casa cintilavam como moedas de prata. João se abaixou e pôs tantos quanto pôde no bolso do paletó. Foi então até Maria e disse: "Não se aflija, irmãzinha. Vá dormir. Deus não haverá de nos abandonar." E voltou para a

cama.

Ao raiar do dia, pouco antes do nascer do sol, a madrasta se aproximou e acordou as duas crianças. "Levantem, seus preguiçosos, vamos à floresta apanhar um pouco de lenha."

A madrasta deu a cada criança um pedaço de pão dormido e disse: "Aqui está alguma coisa para o almoço. Mas não comam antes da hora, porque não terão mais nada."

Maria pôs o pão no avental, porque João tinha o bolso do paletó cheio de seixos. Partiram todos juntos pela trilha que penetrava na floresta. Depois que tinham caminhado um pouco, João parou e olhou para trás na direção da casa, e vez por outra fazia isso de novo. Seu pai disse: "João, porque a toda hora você para e olha? Preste atenção e não se esqueça de que tem pernas para andar."

"Ah, pai", João respondeu. "Estou olhando para trás para ver meu gatinho branco, que está sentado no telhado tentando me dizer adeus."

A mulher disse: "Seu bobo, aquilo não é o seu gatinho. São os raios do sol refletindo na chaminé."

Mas João não tinha olhado para nenhum gatinho. Tinha pegado os seixos cintilantes de seu bolso e deixado-os cair no chão. Ao chegarem no meio da floresta, o pai falou: "Vão catar um pouco de lenha, crianças. Vou fazer uma fogueira para vocês não sentirem frio."

João e Maria juntaram uma pequena pilha de gravetos e fizeram fogo. Quando as chamas estavam altas o bastante, a mulher disse: "Deitem-se junto do fogo, crianças, e procurem descansar um pouco. Vamos voltar à floresta para cortar alguma lenha. Assim que acabarmos, viremos buscá-los."

João e Maria sentaram-se perto do fogo. Ao meio-dia comeram suas crostas de pão. Como podiam ouvir os golpes de um machado, estavam certos de que o pai andava por perto. Mas não era um machado que estavam ouvindo, era um galho que o pai prendera numa árvore morta e que o vento fazia bater para cá e para lá. Ficaram sentados ali por tanto tempo que seus olhos se fecharam de exaustão, e adormeceram profundamente. Quando acordaram, estava escuro como breu. Maria começou a chorar, dizendo: "Nunca vamos conseguir sair desta floresta!"

João a consolou: "Espere um pouquinho, a lua vai nos ajudar. Então vamos encontrar o caminho de volta."

Sob a luz do luar, João pegou a irmã pela mão e foi seguindo os seixos, que tremeluziam como moedas novas e apontavam o caminho de casa para eles. Caminharam a noite inteira e chegaram à casa do pai exatamente ao romper da aurora. Bateram à porta, e quando a mulher abriu e viu que eram João e Maria, disse: "Suas crianças malvadas! Por que ficaram dormindo esse tempo todo na

mata? Pensamos que nunca voltariam.”

O pai ficou radiante, porque não gostara nada de ter abandonado os filhos na floresta.

Pouco tempo depois, cada cantinho do país foi castigado pela fome, e uma noite as crianças ouviram o que a mãe dizia a seu pai quando já estavam na cama. “Já comemos tudo que tínhamos de novo. Só sobrou a metade de um pão, e quando isso acabar estamos liquidados. As crianças têm que ir embora. Desta vez, vamos levá-las para o coração da floresta, de modo que não consigam encontrar uma saída. Caso contrário, não há esperança para nós.”

Tudo aquilo deixou o coração do marido apertado, e ele pensou: “Seria melhor que você partilhasse a última côdea de pão com as crianças.” Mas a mulher não dava ouvidos a nada que ele dizia. Não fazia outra coisa senão ralhar e censurar. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento, e como ele cedera na primeira vez, teve de ceder também numa segunda vez.

As crianças ainda estavam acordadas e ouviram a conversa toda. Depois que os pais adormeceram, João se levantou e quis ir catar uns seixos como fizera antes, mas a mulher tinha trancado a porta e ele não pôde sair. João consolou a irmã, dizendo: “Não chore, Maria. Trate só de dormir um pouco. O bom Deus vai nos proteger.”

Bem cedo na manhã seguinte a mulher veio e acordou as crianças. Cada uma ganhou um pedaço de pão, desta vez menor ainda que da outra. No caminho para a mata, João amassou o pão em seu bolso e, volta e meia, parava para espalhar migalhas no chão.

“João, por que está parando tanto?” perguntou o pai. “Não pare de caminhar.”

“Estava olhando para o meu pombinho, aquele que está pousado no telhado e tentando me dizer adeus”, João respondeu.

“Seu bobo”, disse a mulher. “Aquilo não é o seu pombinho. São os raios do sol da manhã refletindo na chaminé.”

Aos pouquinhos, João havia espalhado todas as migalhas pelo caminho.

A mulher levou as crianças ainda mais para o fundo da floresta, para um lugar onde nunca tinham estado antes. Mais uma vez fez-se uma grande fogueira, e a madrasta disse: “Não se afastem daqui, meninos. Se ficarem cansados, podem dormir um pouco. Vamos entrar na floresta para cortar um pouco de lenha. À tarde, quando tivermos acabado, viremos pegá-los.”

Era meio-dia e Maria dividiu seu pão com João, que havia espalhado as migalhas do dele pelo caminho. Depois adormeceram. A tarde passou, mas ninguém foi buscar as pobres crianças. Acordaram quando estava escuro como breu, e João consolou a irmã dizendo: “Espere um pouquinho, Maria, a lua vai nos ajudar. Então

vamos poder ver as migalhas de pão que espalhei pelo caminho. Elas vão apontar o caminho de casa para nós."

Sob a luz do luar, os dois partiram, mas não conseguiram encontrar as migalhas porque os milhares de pássaros que voam por toda parte na floresta e pelos campos as tinham comido. João disse a Maria: "Vamos encontrar o caminho de casa." Mas não conseguiram encontrá-lo. Caminharam a noite inteira e depois o dia seguinte inteiro, desde a manhãzinha até tarde da noite. Tudo em vão: não acharam um caminho para sair da floresta e foram ficando cada vez com mais fome, pois não encontraram nada para comer além de umas amoras espalhadas pelo chão. Como suas pernas estavam bambas de tanto cansaço, deitaram-se embaixo de uma árvore e adormeceram.

Anônimo, s/d

Fazia três dias que tinham deixado a casa do pai. Começara a andar de novo, mas só faziam se embrenhar cada vez mais na mata. Se não conseguissem uma ajuda logo, com certeza morreriam. Ao meio-dia, viram um lindo pássaro, branco como a neve, empoleirado num galho. Cantava tão docemente que pararam para ouvi-lo. Terminado seu canto, o pássaro bateu asas e foi voando à frente de João e Maria. Eles o seguiram até que chegaram a uma casinha, e o pássaro foi pousar lá no alto do telhado. Quando chegaram mais perto da casa, perceberam que era feita de pão, e que o telhado era de bolo e as janelas de açúcar cintilante.

"Vamos ver que gosto tem", disse João. "Que o Senhor abençoe nossa refeição. Vou provar um pedacinho do telhado, Maria, e você pode experimentar a janela. Só pode ser doce." João ergueu o braço e quebrou um pedacinho do telhado para ver que gosto tinha. Maria debruçou-se sobre a janela e deu uma mordidinha. De repente, uma voz suave chamou lá de dentro:

"Ouço um barulhinho engraçado.
Quem está roendo o meu telhado?"

As crianças responderam:

"É o vento, leve e ligeiro,
Que sopra no seu terreiro."

Continuaram comendo, sem a menor cerimônia. João, que gostou do sabor do telhado, arrancou um grande pedaço dele, e Maria derrubou uma vidraça inteira e sentou-se no chão para saboreá-la. De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém, apoiada numa muleta, saiu coxeando da casa. João e Maria ficaram tão apavorados que deixaram cair tudo que tinham nas mãos. A velha sacudiu a cabeça e disse: "Olá, queridas crianças. Digam-me, como

conseguiram chegar até aqui? Mas, entrem, entrem, poderão ficar comigo. Nada de mal vai lhes acontecer na minha casa."

Pegou-os pela mão e levou-os para dentro de sua casinha. Uma bela refeição de leite e panquecas, com açúcar, maçãs e castanhas, foi posta diante deles. Um pouco mais tarde, duas bonitas caminhas, com lençóis brancos, foram arrumadas para eles. João e Maria se deitaram e tiveram a impressão de estar no céu.

Jessie Willcox Smith, 1919

A velha estava só fingindo ser bondosa. Na verdade, era uma bruxa malvada, que atacava criancinhas e tinha construído a casa de pão só para atraí-las. Assim que uma criança caía nas suas mãos, ela a matava, cozinhava e comia. Para ela, isso era um verdadeiro banquete. As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar muito longe, mas, como os animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto. Quando sentiu João e Maria se aproximando, a velha riu cruelmente e ciciou: "Estão no papo! Desta vez não vão escapar!" De manhã bem cedo, antes de as crianças se levantarem, ela saiu da cama e contemplou os dois a dormir tranquilamente com suas macias bochechas vermelhas. Murmurou baixinho consigo: "Vão dar um petisco muito gostoso."

Hermann Vogel, 1894

Agarrou João com seu braço magricela, levou-o para um pequeno galpão e o trancou atrás da porta gradeada. João poderia gritar o quanto quisesse que não adiantaria nada. Depois foi até Maria, sacudiu-a até que acordasse, e gritou: "De pé, sua preguiçosa. Vá buscar água e cozinhar alguma coisa gostosa para seu irmão. Ele ficará lá fora no telheiro até ganhar um pouco de peso. Quando estiver gordo e bonito, vou comê-lo."

Maria começou a chorar o mais alto que pôde, mas não adiantou nada. Teve de fazer tudo que a bruxa lhe mandava. A comida mais deliciosa foi preparada para o pobre João; para Maria, só sobraram as cascas dos caranguejos. Toda manhã a velha ia furtivamente até o pequeno galpão e gritava: "Mostre o dedo, João, para eu ver se você já está gorducho!"

Arthur Rackham, 1909

João então enfiava um ossinho por entre as grades, e a velha, que tinha a vista fraca, acreditava que era o dedo do menino e não conseguia entender por que ele não estava engordando. Depois de quatro semanas e João continuando

magrelo como sempre, ela perdeu a paciência e resolveu que não podia esperar mais. "Maria!" gritou para a menina. "Vá apanhar água, e depressa. Pouco se me dá se o João está magro ou gordo. Amanhã vou acabar com ele e depois vou cozinhá-lo."

Arthur Rackham, 1909

A pobre irmãzinha soluçou de aflição, as lágrimas correndo pelas faces. "Ó meu Deus, ajude-nos!" exclamou. "Se pelo menos os animais selvagens da floresta nos tivessem comido, teríamos morrido juntos."

"Poupe-me da sua choradeira!" disse a velha. "Nada pode ajudá-la agora."

De manhã cedo, Maria teve de ir encher o caldeirão e acender o fogo. "Primeiro tenho que assar pão", a velha disse. "Já aqueci o forno e sovei a massa."

Então empurrou Maria na direção do forno, que cuspia labaredas. "Engatinhe até lá dentro", disse a bruxa, "e veja se está quente o bastante para eu enfiar o pão."

O que a bruxa estava planejando era fechar a porta assim que Maria se metesse dentro do forno. Depois iria assá-la e comê-la também. Maria percebeu o que ela estava tramando e disse: "Não sei como fazer para entrar ali. Como vou conseguir?"

"Sua pateta", disse a velha. "Há espaço de sobra. Veja, até eu consigo entrar", e ela trepou no forno e enfiou a cabeça dentro dele. Maria lhe deu um grande empurrão que a fez cair estatelada. Então fechou e aferrolhou a porta de ferro. Ufa! A bruxa começou a soltar guinchos medonhos. Mas Maria fugiu e a bruxa perversa morreu queimada de uma maneira horrível.

Maria correu para junto de João, abriu a porta do pequeno galpão e gritou: "João, estamos salvos! A bruxa velha morreu."

Como um passarinho fugindo da gaiola, João voou porta afora, assim que ela se abriu. Que emoção os dois sentiram: abraçaram-se e beijaram-se e pularam de alegria! Como não havia mais nada a temer, foram direto para a casa da bruxa. Em todos os cantos havia baús cheios de pérolas e joias. "Estas aqui são melhores ainda que seixos", disse João e meteu nos bolsos o que podia.

Maria juntou-se a ele: "Vou levar alguma coisa para casa também." E encheu

seu aventalzinho.

"Vamos embora agora mesmo", disse João. "Temos que sair desta floresta de bruxa."

Após andar por várias horas, deram com um rio muito largo. "Não vamos conseguir atravessar", disse João. "Não estou vendo nenhuma ponte."

"Também não há nenhum barco por aqui", notou Maria, "mas ali vem uma pata branca. Ela vai nos ajudar a atravessar, se eu pedir."

Gritou:

"Ajude-nos, ajude-nos, patinha,
Que a sorte nos abandonou.
Não vemos ponte nem canoinha,
Só o seu socorro nos sobrou."

Lá veio a pata, patinhando. João subiu nas suas costas e chamou a irmã para se sentar na garupa. "Não", disse Maria, "seria uma carga pesada demais para a patinha. Ela pode nos levar um de cada vez."

Foi exatamente o que a boa criaturinha fez. Depois que chegaram sãos e salvos do outro lado e caminharam por algum tempo, a mata começou a lhes parecer cada vez mais familiar. Finalmente avistaram a casa do pai lá longe. Começaram a correr e entraram em casa numa disparada, abraçando o pai. O homem tinha passado maus momentos desde que abandonara os filhos na floresta. Sua mulher tinha morrido. Maria esvaziou seu avental, e pérolas e joias rolaram por todo o piso. João enfiou as mãos nos bolsos e tirou um punhado de joias depois do outro. Suas aflições tinham terminado e eles viveram juntos em perfeita felicidade.

Minha história terminou. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra.

Hans Christian Andersen
(1805-1875)

Escritor dinamarquês famoso sobretudo por seus Contos (1835-1872), considerados obras-primas da literatura infantil. Filho de um sapateiro e de uma lavadeira, seu primeiro contato com contos populares dinamarqueses deu-se no quarto de fiar do asilo onde sua avó trabalhava. Ao contrário de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, Andersen reivindicava a autoria das histórias que contava, mesmo admitindo que algumas eram inspiradas pelos contos que ouvira na infância. Entre suas mais de cento e cinquenta histórias estão A roupa nova do imperador, O Patinho Feio, A pequena vendedora de fósforos, A Pequena Sereia e A princesa e a ervilha. Escreveu também relatos de viagem, poesia, romances e uma autobiografia ficcional.

A roupa nova do imperador

HÁ MUITOS E MUITOS ANOS vivia um imperador que gostava tanto de roupas novas e bonitas que gastava todo o dinheiro que tinha com a sua elegância. Não tinha o menor interesse pelo exército, nem dava importância a ir ao teatro ou fazer passeios de carruagem pelo campo, a menos, é claro, que isso lhe desse oportunidade para exibir roupas novas. Tinha trajes diferentes para cada hora do dia, e, assim como se costuma dizer que um rei está na sala do conselho, desse imperador o que sempre se dizia era: "No momento ele está no seu quarto de vestir."

Não faltavam diversões na cidade onde o imperador morava. Estrangeiros estavam sempre chegando e partindo, e um dia lá chegaram dois vigaristas. Afirmaram ser tecelões e disseram saber como tecer o tecido mais deslumbrante que se podia imaginar. Não só as cores e os padrões que criavam eram extraordinariamente atraentes, como as roupas feitas com seus tecidos tinham também a característica singular de se tornarem invisíveis a todos que eram inaptos para sua ocupação ou irremediavelmente burros.

"Mas que ótimo! Devem ser roupas maravilhosas", pensou o imperador. "Se eu tivesse algumas dessas, poderia dizer quais funcionários não servem para seus cargos, e seria capaz também de distinguir os sensatos dos tolos. Sim, preciso mandar que teçam um pouco desse tecido para mim imediatamente." E pagou aos vigaristas uma grande soma de dinheiro para que pusessem mãos à obra no mesmo instante.

Os vigaristas montaram um par de teares e fingiram estar trabalhando, embora não houvesse coisíssima nenhuma nas máquinas. Astutamente, pediram a seda mais delicada e o mais fino fio de ouro, que prontamente guardaram em suas próprias bolsas. Depois trabalharam até altas horas com os teares vazios.

"Como os tecelões estarão se saindo com seu trabalho?" pensava o imperador com seus botões. Mas um detalhe estava começando a deixá-lo aflito: o fato de que toda pessoa estúpida ou inapta para seu cargo jamais seria capaz de ver o que estava sendo tecido. Não que ele tivesse qualquer temor a seu próprio respeito – sentia-se absolutamente confiante sob esses aspectos – mas, mesmo assim, talvez fosse melhor mandar alguém lá para ver como as coisas estavam progredindo. Todos na cidade tinham ouvido falar do misterioso poder do tecido e estavam

sôfregos para determinar a incompetência ou a burrice dos seus vizinhos.

"Vou mandar lá o meu eficiente primeiro-ministro", pensou o imperador. "Ele é escolha óbvia para inspecionar a fazenda, pois tem bom senso de sobra e ninguém é mais qualificado para seu posto que ele."

Assim lá foi o eficiente ministro para a oficina onde os dois vigaristas estavam trabalhando com todo afinco junto a seus teares vazios. "Que o Senhor me abençoe", pensou o ministro, os olhos esbugalhados. "A verdade é que não estou vendo patavina!" Mas teve o cuidado de não deixar isso transparecer.

Os dois vigaristas pediram que olhasse a fazenda mais de perto – não achava as cores e os padrões atraentes? Apontaram os caixilhos vazios, e, por mais que arregalasse os olhos, o pobre ministro não conseguiu ver nada, pois não havia nada ali. "Misericórdia!" pensou. "Será possível que eu seja um idiota? Nunca desconfiei disso e não posso admitir essa possibilidade. Será então que sou inadequado para o meu cargo? Não, não convém em absoluto confessar que não consigo enxergar o tecido."

"Oh, mas é encantador! Tão lindamente elaborado!" disse o velho ministro, espiando por sobre os óculos. "Que padrão e que colorido! Comunicarei sem demora ao imperador o quanto ele me agrada."

"Ah, nós lhe ficaremos muito agradecidos", disseram os impostores, e descreveram tim-tim por tim-tim as cores e os extraordinários padrões. O velho ministro escutou atentamente para ser capaz de repetir todos os detalhes para o imperador – o que fez muito bem.

Os vigaristas pediram mais dinheiro, mais seda e mais fio de ouro, de que disseram precisar para continuar tecendo. Meteram tudo no bolso – nem um fio foi posto no tear – e continuaram trabalhando com os caixilhos vazios.

Passado algum tempo o imperador mandou um segundo alto funcionário para ver como a tecelagem estava caminhando e saber se o tecido ficaria logo pronto. O que tinha acontecido com o primeiro-ministro também aconteceu com este. Por mais que olhasse, não conseguiu ver nada, já que ali não havia nada além de um tear vazio.

"Veja! Não é um trabalho primoroso?" perguntaram os vigaristas, apontando a beleza do padrão, que nem sequer existia.

"Sei que não sou burro", pensou o homem. "Isto só pode querer dizer que não sou apto para a minha posição. Algumas pessoas vão se divertir com isso, o melhor que eu faço é não demonstrar nada." E assim elogiou o tecido que não podia enxergar e declarou-se maravilhado com suas nuances fascinantes e o belo padrão.

"Sim, é simplesmente maravilhoso", disse ao imperador ao retornar.

O esplêndido tecido tornou-se o assunto da cidade. E agora o imperador queria

vê-lo ele próprio, ainda no tear. Acompanhado de um grupo seleto de pessoas, entre as quais os dois velhos funcionários que já tinham estado lá, saiu para ver o tear. Os dois astutos vigaristas estavam tecendo freneticamente sem usar um centímetro de fio.

“Vejam, não é magnífico?” disseram os dois honrados funcionários. “Vossa Majestade por favor dê uma espiada! Que padrão esplêndido! Que cores gloriosas!” E apontavam o tear vazio, certos de que todos os outros eram capazes de ver a fazenda.

“Mas o que é isto?” pensou o imperador. “Não vejo coisa nenhuma! Isto é assustador. Serei um idiota? Serei incompetente para ser imperador? Essa é a pior coisa que podia me acontecer…”

“Oh, é simplesmente encantador!” disse aos outros. “Tem nossa mais benévola aprovação.” E sacudiu a cabeça com satisfação, enquanto inspecionava o tear vazio. Nem lhe passava pela cabeça dizer que não estava vendo nada. Os cortesãos que o haviam acompanhado olhavam o mais atentamente que podiam, mas foram tão incapazes de ver alguma coisa quanto os outros. Apesar disso, todos repetiram exatamente o que o imperador dissera: “Oh, é simplesmente encantador!” Aconselharam-no a mandar fazer algumas roupas para si daquele esplêndido tecido novo e estreá-las na grande parada que estava prestes a se realizar. “Magnífico!”, “Maravilhoso!”, “Esplêndido!” foram as palavras pronunciadas. Todos estavam encantadíssimos com a tessitura. O imperador outorgou o título de cavaleiro aos dois vigaristas e deu-lhes insígnias para usarem na lapela, juntamente com o título de “Tecelão Imperial”.

Na véspera da parada, os trapaceiros passaram a noite em claro, trabalhando, à luz de mais ou menos dezesseis velas. As pessoas puderam ver como estavam atarefados, terminando a roupa nova do imperador. Eles fingiram retirar o tecido do tear, deram tesouradas no ar com tesouras enormes e alinhavaram com agulhas sem linha. Por fim anunciaram: “A roupa do imperador está pronta!”

O imperador, com seus cortesãos mais eminentes, foi em pessoa até os tecelões. Os dois estenderam um braço, como se carregando alguma coisa, e disseram. “Veja só estas calças! Aqui está o paletó! Este é o manto.” E assim por diante. “São todas leves como teias de aranha. A pessoa tem a impressão de não estar usando nada – esta é a virtude deste tecido delicado.”

“Realmente”, declararam os cortesãos. Mas não conseguiram ver nada, pois não havia absolutamente nada ali.

Arthur Rackham, 1911

"Bem, poderia Vossa Majestade Imperial ter a bondade de tirar a roupa?" perguntaram os vigaristas. "Então poderá experimentar suas novas roupas ali diante do espelho alto."

Assim o imperador tirou as roupas que estava usando e os vigaristas fingiram lhe entregar cada uma das peças novas que afirmavam ter feito, e fingiram suspender alguma coisa… era a sua cauda. E o imperador virou-se e revirou-se diante do espelho.

"Céus! Que esplêndido, o imperador em suas roupas novas. Que caimento perfeito!" todos exclamaram. "Que corte! Que cores! Que traje suntuoso!"

O mestre de cerimônias chegou com um aviso: "O baldaquim para a parada está preparado, à espera de Vossa Majestade."

"Estou inteiramente pronto", disse o imperador. "Como estas roupas me assentam bem!", e deu uma última voltinha diante do espelho, pois precisava realmente fazer todos acreditarem que estava contemplando suas belas roupas.

Arthur Rackham, 1925

Os camareiros que deviam segurar a cauda tatearam pelo chão como se a estivessem pegando. Ao andar, mantinham as mãos esticadas, não ousando deixar transparecer que não estavam vendo nada.

O imperador entrou na parada sob o belo dossel e todos nas ruas e nas janelas disseram: "Céus! A roupa nova do imperador é a mais bela que ele já usou. Que cauda maravilhosa! Que caimento perfeito!" Não admitiriam que não havia coisa nenhuma para ver, porque isso teria significado que eram incapazes ou muito burros. Nunca as roupas do imperador haviam causado tanta impressão.

"Mas o imperador está nu!" uma criancinha falou.

"Valha-me Deus! Você ouviu a voz daquela criança inocente?" exclamou o pai. E a observação da criança foi sendo cochichada de uma pessoa para outra.

"Na verdade ele não está vestindo nada! Há uma criança aqui que diz que ele está nu."

Arthur Rackham, 1932

"Sim, ele não está vestindo nada!" o povo gritou finalmente. E o imperador se sentiu muito embaraçado, pois teve a impressão de que o povo estava certo. Mas, por uma razão ou por outra, pensou: "Agora tenho de levar isto até o fim, com parada e tudo." E se empertigou ainda mais altivamente, enquanto seus camareiros caminhavam atrás dele segurando uma cauda que não estava lá.

O Patinho Feio

MANHÃ DE VERÃO! O campo estava esplendoroso, com o milho dourado, a aveia verde e as medas de feno espalhadas nos prados atapetados de capim. Lá estava uma cegonha, com suas compridas pernas vermelhas, tagarelando em egípcio, língua que aprendera com a mãe. Os campos e os prados eram cercados por vastas matas, pontilhadas por lagos profundos.

Ah, sem dúvida era adorável andar pelo campo. Uma velha casa de fazenda perto de um rio caudaloso estava banhada de sol, e enormes folhas de bardana cobriam o trecho entre a casa e a água. As maiores eram tão grandes que crianças pequenas podiam ficar de pé debaixo delas. A folhagem era tão emaranhada e retorcida como uma densa floresta. Era ali que uma pata estava instalada em seu ninho. Chegara a hora, tinha de chocar seus patinhos, mas era um trabalho tão lento que ela estava à beira da exaustão. Praticamente nunca recebia uma visita. Os outros patos preferiam nadar para cá e para lá no rio a subir a ladeira escorregadia para ir até o ninho e se sentar sob uma bardana só pelo prazer de um "quen" com ela.

Finalmente os ovos racharam, um a um – crec, crec – e todas as gemas tinham ganhado vida e estavam apontando a cabeça para fora.

"Quen, quen!" disse a mãe pata, e os pequeninos saíram a toda pressa com seus passinhos curtos, para bisbilhotar sob as folhas verdes. A mãe deixou que olhassem à vontade, pois o verde é sempre bom para os olhos.

"Oh, como o mundo é grande!" disseram os patinhos, percebendo que agora tinham muito mais espaço do que quando estavam enroscados num ovo.

"Estão pensando que este lugar é o mundo inteiro?" disse a mãe. "Ah, ele vai muito além do outro lado do jardim, até o campo do vigário. Mas nunca me aventurei tão longe. Bem, agora estão todos chocados, eu espero..." – e levantou-se do ninho – "não, não todos. O maior ovo ainda está aqui. Gostaria de saber quanto tempo isto vai levar. Não posso ficar aqui a vida toda." E voltou a se acomodar no ninho.

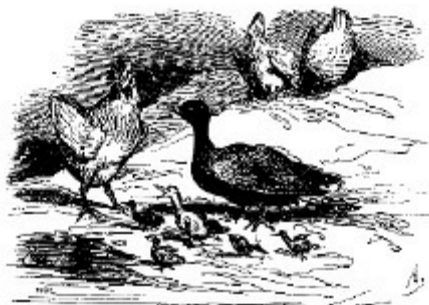
"Olá, como vai passando?" perguntou uma pata velha que viera fazer uma visita.

"Um ovo ainda não rachou", disse a pata. "Simplesmente não quer se abrir. Mas dê uma olhada nos outros – os patinhos mais encantadores que já vi. Todos puxaram ao pai – o patife! Não aparece nem para fazer uma visita."

“Deixe-me dar uma olhada nesse ovo que não quer rachar”, disse a pata velha. “Aposto que é um ovo de peru. Foi assim que me enganei uma vez. Os filhotinhos me deram uma trabalheira sem fim, porque tinham medo da água – imagine você! Eu simplesmente não conseguia fazê-los entrar. Por mais quens e quacs que eu fizesse, não adiantava nada. Deixe-me dar uma espiada nesse ovo. Ah, mas isto é um ovo de peru, pode ter certeza! Deixe-o de lado e vá ensinar os outros a nadar.”

“Acho que vou chocá-lo só mais um pouco”, disse a pata. “Já o choquei por tanto tempo que não custa chocar mais um bocadinho.”

“Como queira!” disse a pata velha, e foi-se embora gingando.

Finalmente o ovo grande começou a rachar. Ouviu-se um piadinho vindo do filhote quando levou um trambolhão, parecendo muito feio e muito grande. A pata deu uma olhada e disse: “Misericórdia! Mas que patinho enorme! Nenhum dos outros se parece nada com ele. Mesmo assim, filhote de peru ele não é, disto eu tenho certeza… Bem, veremos daqui a pouco. Ele vai entrar na água, nem que eu mesma tenha de empurrá-lo!”

Bertall, c.1876

No dia seguinte o tempo estava glorioso e o sol resplandecia sobre todas as folhas verdes de bardana. A mãe pata desceu com a família toda até a água e saltou, espadanando a água. “Quac, quac”, ela disse e, um depois do outro, os patinhos saltaram atrás dela. Eles afundavam mas num instante vinham à tona de novo e avançavam flutuando lindamente. Suas patas iam batendo por si mesmas e agora todo o grupo estava na água – até o patinho cinzento e feio participava daquele exercício de natação.

“Não é um peru, disto não resta dúvida”, disse a pata. “Veja como usa as patas com perfeição e como se mantém aprumado. É meu filhotinho, sim senhor, e, reparando bem, até que é bem jeitoso. Quen, quen! Agora venham comigo e deixem que eu mostre o mundo para vocês e os apresente a todos no terreiro. Mas prestem atenção e fiquem bem junto de mim, ou alguém pode pisar em vocês. E fiquem de olho no gato.”

Foram todos para o terreiro. Havia uma algazarra medonha lá, porque duas

famílias estavam disputando uma cabeça de enguia. No fim, foi o gato que ficou com ela. "Vocês estão vendo? É assim que são as coisas no mundo", disse a mãe pata, e ficou com o bico cheio d'água porque também tivera a esperança de abocanhar a cabeça de enguia. "Vamos, usem as pernas e façam cara de espertos", ela disse. "Façam uma mesura gentil para aquela pata velha ali. Ela é mais distinta que qualquer um por aqui. Tem sangue espanhol; é por isso que é tão rechonchuda. Estão vendo aquela bandeira carmesim que está usando numa pata? É coisa finíssima. É a mais alta distinção que qualquer pato pode ganhar. Significa praticamente que ninguém pensa em se ver livre dela. Isso vale para homens e animais! Façam uma cara alegre e não andem com as patas para dentro! Um patinho bem-educado anda com as patas para fora, como o papai e a mamãe… Muito bem. Agora abaixem a cabeça e digam 'quac'."

Todos obedeceram. Mas os outros patos que estavam por lá olhavam para eles e diziam, alto: "Vejam só! Agora vamos ter essa corja por aqui também – como se já não bastássemos nós. Que figura é aquele patinho! Não vamos conseguir suportá-lo." E um dos patos imediatamente voou para cima dele e lhe bicou o pescoço.

"Deixe-o em paz", disse a mãe. "Não está fazendo mal nenhum."

"Pode ser, mas é tão desajeitado e estranho", disse o pato que o bicara. "Simplesmente vai ter de ser expulso."

"Que lindos filhos você tem, minha querida!" disse a pata velha com a bandeira na perna. "Menos aquele ali, que parece ter alguma coisa de errado. Só espero que você possa fazer alguma coisa para melhorá-lo."

"Isso é impossível, cara senhora", disse a mãe dos patinhos. "Ele não é atraente, mas tem um gênio ótimo e nada tão bem quanto os outros – eu diria que até melhor. Acho que a aparência dele vai melhorar quando crescer, ou talvez com o tempo ele encolha um pouco. Ficou no ovo tempo demais – é por isso que é um pouco esquisito." Então deu uma batidinha no pescoço dele e alisou suas penas. "De todo modo, como é um macho, isso não tem muita importância", ela acrescentou. "Tenho certeza de que vai ficar bastante forte e ser capaz de cuidar de si mesmo."

"Os outros patinhos são encantadores", disse a pata velha. "Sintam-se em casa, meus queridos, e se encontrarem alguma coisa parecida com uma cabeça de enguia, podem trazê-la para mim." E assim eles ficaram à vontade, mas o pobre patinho que tinha sido o último a se safar do ovo e parecia tão feio levou bicadas, empurrões e caçoadas tanto de patos quanto de galinhas. "O grande paspalhão!" todos cacarejavam. E o peru, que nascera de esporas e se julgava um imperador, enfunou-se como um navio com todas as velas desfraldadas e rumou direto para ele. Então grugulejou, grugulejou, até ficar com a cabeça bem vermelha. O pobre

patinho não sabia para onde se virar. Estava realmente perturbado por ser tão feio e se tornar o alvo das chacotas do terreiro.

Assim foi o primeiro dia, e a partir de então as coisas só pioraram. Todo o mundo passou a maltratar o pobre patinho. Até seus próprios irmãos e irmãs o tratavam mal e diziam: "Oh, sua criatura feia, o gato podia pegar você!" Sua mãe dizia que preferia que ele não existisse. Os patos o mordiam, as galinhas o bicavam e a criada que vinha dar comida às aves o chutava.

Finalmente ele fugiu, assustando as aves pequenas na cerca quando saiu voando. "Têm medo de mim porque sou feio", ele pensou. E fechou os olhos e continuou voando até chegar a uns vastos charcos habitados por patos selvagens. Passou a noite toda lá, sentindo-se exausto e desanimado.

De manhã, ao levantarem voo, os patos selvagens observaram seu novo companheiro. "Que espécie de pato você poderia ser?" todos perguntaram, olhando-o de alto a baixo. Ele os cumprimentou e foi o mais polido que pôde, mas não respondeu à pergunta que lhe faziam.

"Você é extremamente feio", disseram os patos selvagens, "mas isso não tem importância, desde que não tente se casar com alguém de nossa família." Coitadinho! Não estava nem sonhando com casamento. Tudo que queria era uma chance de ficar deitado em paz entre os juncos e desfrutar de um pouco d'água nos charcos.

Quando já tinha passado dois dias inteiros lá, apareceu um par de gansos selvagens, ou melhor, dois gansos machos. Fazia pouco tempo que tinham saído do ovo e eram muito brincalhões. "Olhe aqui, meu chapa", disse um deles ao patinho. "Você é tão feio que vamos com sua cara. Topa ir conosco e virar uma ave migratória? Num outro charco, não muito longe daqui, há umas gansas selvagens muito bem-apanhadas, todas são solteiras e todas grasnam lindamente. É uma chance para você fisgar alguém, feio como é."

Bang! Bang! Tiros ecoaram de repente acima deles, e os dois gansos selvagens tombaram mortos entre os juncos. A água ficou vermelha com seu sangue. Bang! Bang! Ouviram-se tiros mais uma vez, e bandos de gansos selvagens saíram dos juncos em revoada. Os sons vinham de todas as direções, pois estava acontecendo uma grande caçada. Os caçadores tinham cercado a área pantanosa. Alguns homens estavam até sentados em galhos de árvores, inspecionando os charcos. A fumaça azul das armas subia como nuvens sobre as árvores escuras e descia sobre a água. Cães de caça passavam espadanando a lama, curvando caniços e juncos ao saltar. Como aterrorizaram o pobre patinho! Ele virou a cabeça e estava prestes a escondê-la debaixo da asa quando, de repente, percebeu um cachorro apavorantemente grande, com a língua pendurada e olhos ferozes, penetrantes.

Ele baixou o focinho bem em cima do patinho, mostrou seus dentes afiados e – chape-chape – foi embora sem tocar nele.

O patinho deu um suspiro de alívio. "Sou tão feio que nem o cachorro está interessado em me morder." E ficou ali deitado bem quietinho, enquanto balas zuniam entre os caniços e os juncos, um tiro depois do outro.

Quando os barulhos cessaram, o dia já ia longe. Mas o pobre patinho ainda não ousou se levantar. Esperou quieto por várias horas e então, depois de uma olhada cuidadosa à sua volta, levantou voo do charco o mais depressa que pôde. Voou sobre prados e campos, mas o vento estava tão forte que ele tinha dificuldade em avançar.

Ao anoitecer chegou a uma cabaninha pobre que estava em tão mau estado que só continuava de pé porque não conseguia decidir para que lado cair. O vento soprava com tanta força em volta do patinho que ele teve de se sentar em cima do rabo para não ser levado pelos ares. Logo o vento ficou ainda mais furioso. O patinho notou que a porta saíra de um de seus gonzos e estava pendurada de maneira tão enviesada que ele poderia se enfiar na casa através da fenda. Foi exatamente o que fez.

Na cabana vivia uma velha, com um gato e uma galinha. O gato, que ela chamava de Filhote, sabia arquear as costas e ronronar. Era capaz até de faiscar, se alguém alisasse seu pelo ao contrário. A galinha tinha pernas tão curtas que era chamada Garnisé Cotó. Era uma boa poedeira e a mulher gostava dela como de uma filha.

Mal o dia raiou, o gato e a galinha perceberam o estranho patinho, e o gato pôs-se a ronronar e a galinha a cacarejar. "Qual é a razão deste alarido todo?" perguntou a velha, passando os olhos pelo cômodo. Mas, como não tinha a vista muito boa, confundiu o patinho feio com um pato gorducho que se perdera de casa. "Vejam só! Que descoberta!", ela exclamou. "Vou poder ter alguns ovos de pato, contanto que não seja um macho! É só uma questão de esperar e ver."

Assim o patinho foi admitido em caráter de experiência por três semanas; mas nem sinal de ovo. Acontece que o gato era o dono da casa, e a galinha a dona, e eles sempre diziam "Nós e o mundo", porque imaginavam que compunham a metade do mundo, e, mais que isso, a metade melhor. O patinho pensava que isso talvez fosse questão de opinião, mas a galinha não admitia nem discutir esse assunto.

"Você é capaz de pôr ovos?" ela perguntou.

"Não."

"Então trate de ficar de bico calado!"

O gato perguntou: "Você é capaz de arquear as costas, de ronronar ou de

faiscar?”

“Não.”

“Então não meta o bedelho quando pessoas sensatas estão falando.”

O patinho se sentou num canto, sentindo um grande desalento. Então, de repente, lembrou-se do ar fresco e do sol e começou a sentir uma saudade tão imensa de nadar que não conseguiu não falar com a galinha sobre o assunto.

“Que ideia absurda”, disse a galinha. “Você vive de papo para o ar. É por isso que essas ideias malucas lhe vêm à cabeça. Elas sumiriam se você fosse capaz de pôr ovos ou ronronar.”

“Mas é tão delicioso nadar para cima e para baixo”, disse o patinho, “e é tão refrescante mergulhar de cabeça e ir até o fundo.”

“Delicioso, sem dúvida!” disse a galinha. “Ora, você deve estar maluco! Pergunte ao gato; ele é o animal mais inteligente que eu conheço. Pergunte o que ele acha de nadar ou mergulhar. Nem vou dar minha opinião. Pergunte à sua dona, a velha – não há ninguém no mundo mais sensato do que ela. Acha que ela gosta de nadar e mergulhar?”

“Ah, você não me entende”, disse o patinho.

“Bem, se nós não o entendemos, gostaria de saber quem entende. Certamente você não vai tentar dizer que é mais sensato que o gato e a dona, para não falar de mim. Não seja tolo, garoto! Seja grato à boa sorte que o trouxe aqui. Não é verdade que encontrou um cômodo agradável, quentinho, com um grupo de amigos com quem pode aprender alguma coisa? Mas você é um burro, e não é nada divertido tê-lo aqui. Acredite-me, se digo coisas desagradáveis, é para o seu próprio bem e como prova de verdadeira amizade. Mas siga o meu conselho. Dê um jeito de pôr ovos ou de aprender a ronronar e soltar faíscas.”

“Acho que vou voltar para o mundo lá de fora”, disse o patinho.

“Já vai tarde”, a galinha respondeu.

E assim o patinho partiu. Mergulhou fundo na água e nadou para cá e para lá, mas ninguém queria saber dele, porque era muito feio. O outono chegou, e as folhas na floresta ficaram amarelas e castanhas. Quando caíam no chão, o vento as apanhava e as fazia girar. O céu lá no alto tinha um aspecto gélido. As nuvens pendiam pesadas com granizo e neve, e um corvo empoleirado numa cerca gritava: “Crou! Crou!” Era de dar calafrios. Sim, o pobre patinho estava sem dúvida em apuros.

Certa tarde houve um lindo poente e um majestoso bando de aves emergiu de repente dos arbustos. O patinho nunca vira aves tão bonitas, de um branco deslumbrante e com longos, graciosos pescoços. Eram cisnes. Emitiam gritos extraordinários, abriam suas magníficas asas e voavam para longe daquelas

regiões frias rumo a países mais quentes do outro lado do mar.

Ao vê-los subirem cada vez mais alto no ar, o patinho teve uma sensação estranha. Deu vários rodopios na água e esticou o pescoço na direção deles, soltando um grito tão estridente e estranho que ele mesmo ficou assustado ao ouvi-lo. Jamais poderia esquecer aquelas belas aves que eram tão felizes! Quando as perdeu de vista, mergulhou até o fundo das águas e, quando emergiu, estava quase fora de si de entusiasmo. Não tinha a menor ideia de que aves eram aquelas, nem sabia coisa alguma sobre o seu destino. No entanto, eram mais preciosas para ele que qualquer ave que já tivesse conhecido. Não sentia nenhuma inveja delas. Afinal, como poderia jamais aspirar a tanta beleza? Ficaria muito satisfeito se os patos pelo menos o tolerassem – criatura infeliz e desajeitada que era.

Que inverno frio foi aquele! O patinho tinha de ficar nadando sem parar para evitar que a água congelasse à sua volta. A cada noite, a área em que nadava ia ficando cada vez menor. Passado algum tempo a água congelou tão solidamente que o gelo rangia quando ele andava, e o patinho tinha de manter as patas em movimento constante para impedir que o espaço se fechasse completamente. Por fim ele desmaiou de exaustão e tombou totalmente imóvel e desamparado, e acabou ficando profundamente encravado no gelo.

Na manhã do dia seguinte, um camponês que estava passando por ali viu o que acontecera. Quebrou o gelo com seu tamanco de madeira e levou o patinho para sua mulher, em casa. As crianças quiseram brincar com ele, mas o patinho tinha medo de que lhe fizessem mal. Em pânico, esvoaçou direto para a tigela de leite, borrifando leite pelo cômodo todo. Quando a mulher gritou com ele e bateu palmas, voou para a tina de manteiga e de lá para a cumbuca de farinha e logo escapou de lá. Ai, Senhor, em que estado ele estava! A mulher gritou com ele e lhe bateu com a pá da lareira, e as crianças se atropelavam tentando agarrá-lo. Como riam e gritavam! Por sorte a porta estava aberta. O patinho disparou para os arbustos e se afundou, zonzo, na neve fofa, recém-caída.

Seria melancólico se eu fosse descrever todo o tormento e as agruras que o patinho sofreu ao longo daquele duro inverno... Ele continuou abrigado entre os caniços e os juncos. Um dia, o sol voltou a brilhar de novo e as cotovias começaram a cantar. A primavera chegara em toda a sua beleza.

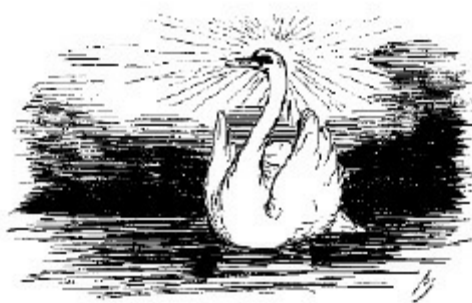
Então, de repente, ele resolveu experimentar as suas asas. Elas ruflaram muito mais alto que antes, e o levaram embora velozmente. Antes que ele desse por si, viu-se num grande jardim. As macieiras estavam carregadas de flores e os lilases perfumados curvavam seus longos galhos verdes sobre um regato que cortava um gramado macio. Era tão agradável estar ali, em meio a todo o frescor do início da

primavera! De uma moita próxima surgiram três lindos cisnes, levantando as asas e flutuando levemente sobre as águas calmas. O patinho reconheceu as esplêndidas aves e foi dominado por um estranho sentimento de melancolia.

"Vou voar até aquelas aves. Talvez me matem a bicadas por ousar me aproximar delas, feio como sou. Mas não faz mal. Melhor ser morto por elas que mordido pelos patos, bicado pelas galinhas, chutado pela criada que dá comida às aves, ou sofrer penúria no inverno."

Voou até a água e nadou em direção aos belos cisnes. Quando o avistaram, eles foram depressa a seu encontro com as asas estendidas. "Sim, matem-me, matem-me", gritou a pobre ave, e abaixou a cabeça, esperando a morte. Mas o que descobriu ele na clara superfície da água, sob si? Viu sua própria imagem, e não era mais uma ave desengonçada, cinzenta e desagradável de se ver – não, ele também era um cisne!

Não há nada de errado em nascer num terreiro de patos, contanto que você tenha sido chocado de um ovo de cisne. Agora ele se sentia realmente satisfeito por ter passado por tanto sofrimento e adversidade. Isso o ajudava a valorizar toda a felicidade e beleza que o envolviam... Os três grandes cisnes nadaram em torno do recém-chegado e lhe deram batidinhas no pescoço com seus bicos.

Algumas criancinhas chegaram ao jardim e jogaram pão e grãos na água. A mais nova exclamou: "Há um cisne novo!" As outras crianças ficaram encantadas e gritaram: "Sim, há um cisne novo!" E todas bateram palmas, dançaram e saíram correndo para buscar seus pais. Migalhas de pão e bolo foram jogadas na água, e todos diziam: "O novo é o mais bonito de todos. É tão jovem e elegante." E os cisnes velhos faziam mesuras para ele.

Bertall, c.1876

Ele se sentiu muito humilde, e enfiou a cabeça sob a asa – ele mesmo mal sabia por quê. Estava muito feliz, mas nem um pouquinho orgulhoso, pois um bom coração nunca é orgulhoso. Pensou no quanto fora desprezado e perseguido, e agora todos diziam que era a mais bonita de todas as aves. E os lilases curvavam seus ramos para ele, baixando-os até a água. O sol era cálido e resplandecente.

Então ele encrespou as penas, ergueu o pescoço esguio e deleitou-se do fundo de seu coração. “Nunca sonhei com tal felicidade quando era um patinho feio.”

A pequena vendedora de fósforos

FAZIA UM FRIO TERRÍVEL. A neve caía e dali a pouco ficaria escuro. Era o último dia do ano: véspera de ano-novo. Nas ruas frias, escuras, você poderia ver uma pobre menininha sem nada para lhe cobrir a cabeça, e descalça. Bem, é verdade que estava usando chinelos quando saiu de casa. Mas de que adiantavam? Eram chinelos enormes, que pertenciam à sua mãe, o que lhe dá uma ideia de como eram grandes. A menina os perdera ao atravessar correndo uma estrada no instante em que duas carruagens avançavam ruidosamente e numa velocidade apavorante. Não conseguiu achar um pé dos chinelos em lugar nenhum, e um menino fugiu com o outro, dizendo que um dia, quando tivesse filhos, poderia usá-lo como berço.

A menina caminhava com seus pezinhos descalços, que estavam rachados e ficando azuis de frio. Levava um molho de fósforos na mão e mais no avental. Não vendera nada o dia inteiro e ninguém lhe dera um níquel sequer. Pobre criaturinha, parecia a imagem da miséria a se arrastar, faminta e tiritando de frio. Flocos de neve se aninhavam em seu cabelo claro, comprido, que ondulava suavemente em volta do pescoço. Mas você pode ter certeza de que ela não estava pensando em sua aparência. Em cada janela, luzes reluziam e um delicioso cheiro de ganso assado se espalhava pelas ruas. Veja bem, era véspera de ano-novo. Era nisso que ela pensava.

Num canto entre duas casas, uma das quais se projetava sobre a rua, ela se agachou e se encolheu no frio, as pernas dobradas sob si. Mas isso só a fez sentir mais e mais frio. Não tinha coragem de voltar para casa, pois não vendera fósforo nenhum e não tinha um níquel para levar. Seu pai com certeza iria surrá-la, e depois era quase tão frio em casa quanto aqui. Só tinham o telhado para protegê-los, e o vento sibilava através dele, embora as fendas maiores tivessem sido vedadas com palha e trapos. O frio era tanto que as mãos da menina estavam quase dormentes. Ah! Talvez acender um fósforo ajudasse um pouco. Se pelo menos se atrevesse a tirar um do pacote e riscá-lo na parede, só para aquecer os dedos. Puxou um – rrrec! –, como ele espirrava enquanto queimava! Surgiu uma luz clara e tépida, como uma vela, quando pôs a mão sobre ele. Sim, que luz estranha era aquela! A menina imaginou que estava sentada junto de uma grande estufa de ferro, com lustrosos puxadores de cobre e pés de latão. Que calor o fogo

desprendia! No instante em que ia esticando os dedos dos pés para aquecê-los também – a chama apagou e a estufa desapareceu. Lá ficou ela, com o toco de um fósforo queimado na mão.

Arthur Rackham, 1932

Riscou outro fósforo contra a parede. Ele explodiu em chama e a parede que iluminava ficou transparente como um véu. Ela pôde ver direitinho dentro da sala, onde, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca como a neve, estava posta uma porcelana delicada. Bem ali, podia-se ver um ganso assado fumegante, recheado com maçãs e ameixas. E, o que foi ainda mais espantoso, o ganso saltou do prato e saiu gingando pelo piso, com uma faca de trinchar e um garfo ainda espetados nas costas. Rumou diretamente para a pobre menininha. Mas naquele instante o fósforo apagou e só sobrou a parede úmida e fria diante dela.

Acendeu um outro fósforo. Agora estava sentada sob uma árvore de Natal. Era ainda maior e mais bonita do que uma que vira no Natal passado através da porta de vidro da casa de um comerciante rico. Milhares de velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que já vira em vitrines, contemplavam aquilo tudo. A menina esticou ambas as mãos no ar… e o fósforo se apagou. As velas de Natal foram subindo, subindo, até que ela viu que eram estrelas cintilantes. Uma delas se transformou numa estrela cadente, deixando atrás de si uma risca de fogo coruscante.

"Alguém está morrendo", pensou a menina, pois sua avó, a única pessoa que fora boa para ela e que agora estava morta, lhe contara que, quando a gente vê uma estrela cadente, é um sinal de que uma alma está subindo para Deus.

Riscou mais um fósforo contra a parede. Fez-se um clarão à sua volta, e bem ali, no centro dele, estava sua velha avó, parecendo radiante, e suave e amorosa. "Oh, vovó!" a menina exclamou. "Leve-me com você! Sei que vai desaparecer quando o fósforo apagar – como aconteceu com a estufa quentinha, com o delicioso ganso assado e com a alta e bela árvore de Natal." Mais que depressa ela acendeu todo o molho de fósforos, tal era o desejo de conservar sua avó exatamente ali onde estava. Os fósforos chamejaram com tanto vigor que de repente ficou mais claro que a clara luz do dia. Nunca sua avó parecera tão alta e bonita. Ela tomou a menina nos braços e juntas as duas voaram em esplendor e alegria, cada vez mais alto, acima da terra, para onde não há frio, nem fome, nem dor. Estavam com Deus.

Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano

velho. O ano-novo despontou sobre o corpo congelado da menina, que ainda segurava fósforos na mão, um molho já usado. “Ela estava tentando se aquecer”, disseram as pessoas. Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com sua velha avó para a felicidade do ano-novo.

A Pequena Sereia

BEM LONGE NO MAR a água é azul como as pétalas da mais linda hortênsia e clara como o vidro mais puro. Mas é muito fundo, mais fundo do que qualquer âncora pode atingir. Seria preciso empilhar muitas torres de igreja, uma em cima da outra, para chegar do fundo do mar até a superfície. Lá embaixo mora a gente do mar.

Mas não pense nem por um instante que não há nada lá além de areia nua, branca. Oh, não! As mais maravilhosas árvores e plantas crescem no fundo do mar. Seus talos e folhas são tão maleáveis que se agitam ao mais ligeiro movimento da água, como se fossem gente. Todos os peixes, grandes e pequenos, deslizam por entre os galhos, tal como os pássaros voejam entre as árvores aqui em cima. Lá embaixo, no ponto mais profundo de todos, fica o castelo do rei do mar. Suas paredes são feitas de coral, e as janelas compridas, pontudas, são feitas do mais claro âmbar. O telhado é formado de conchas que se abrem e fecham ao sabor da corrente. É uma linda visão, pois cada concha tem uma pérola deslumbrante, qualquer uma das quais seria um esplêndido ornamento para a coroa de uma rainha.

O rei do mar era viúvo havia alguns anos e sua mãe idosa tomava conta da casa para ele. Era uma mulher inteligente, mas orgulhosa no que dizia respeito a seu nobre berço. Era por isso que usava doze ostras em sua cauda, enquanto todos os outros de alta posição tinham de se contentar com seis. Sob outros aspectos, era digna de grande louvor, pois era muito devotada às netas, as princesinhas do mar. Eram seis lindas crianças, e a mais nova era a mais encantadora. Sua pele era clara e delicada como uma pétala de rosa. Os olhos eram azuis como o mar mais profundo. Como todas as outras, porém, não tinha pés e seu corpo terminava numa cauda de peixe.

O dia inteiro as princesas do mar brincavam nos grandes salões do castelo, em que flores cresciam direto das paredes. As grandes janelas de âmbar ficavam abertas, e os peixes entravam por elas nadando, exatamente como andorinhas entram voando nas nossas casas quando deixamos as janelas abertas. Os peixes deslizavam até onde estavam as princesas, comiam em suas mãos e esperavam um afago.

Arthur Rackham, 1932

Fora do castelo havia um bonito jardim com árvores de um azul profundo e de um vermelho flamejante. Seus frutos rutilavam como ouro e suas flores eram como labaredas, com folhas e talos que nunca ficavam imóveis. O próprio solo era da mais fina areia, mas azul como uma chama de enxofre. Um estranho fulgor azulado envolvia tudo que estava à vista. Se você estivesse lá embaixo, não saberia que estava no fundo do mar, poderia imaginar que estava suspenso lá em cima no ar, sem nada além do céu acima e abaixo de você. Quando havia uma calmaria, era possível vislumbrar o sol, que parecia uma flor púrpura de cujo cálice jorrava luz.

Cada uma das princesinhas tinha o seu próprio pedaço de terra no jardim, onde podia cavar e plantar a seu bel-prazer. Uma arranjou seu canteiro de flores na forma de uma baleia; outra achou mais interessante moldar o seu como uma pequena sereia; mas a caçula fez o seu bem redondo como o sol, e só quis flores que tivessem um brilho vermelho como o dele.

Era uma criança curiosa, sossegada e pensativa. Enquanto as irmãs decoravam seus jardins com as coisas maravilhosas que conseguiam de navios naufragados, ela não admitia nada além de flores rosa-avermelhadas que eram como o sol lá no alto, e uma bela estátua de mármore. A estátua era de um bonito menino, cinzelada na pura pedra branca, e aparecera no fundo do mar depois de um naufrágio. Perto dela a princesinha havia plantado um salgueiro-chorão cor-de-rosa, que cresceu esplendidamente e deixava sua fresca folhagem cair em dobras sobre a estátua e até o solo azul, arenoso, do oceano. Sua sombra ganhava um matiz violeta e, como os galhos, nunca ficava parada. As raízes e a copa da árvore pareciam estar sempre brincando, tentando se beijar.

Arthur Rackham, 1932

Não havia nada de que as princesas gostassem mais do que de ouvir sobre o mundo dos humanos acima do mar. Sua velha avó tinha de lhes contar tudo que sabia sobre navios e cidades, pessoas e animais. Uma coisa em especial as assombrava com sua beleza: saber que as flores tinham uma fragrância – no fundo do mar não tinham nenhuma – e também que as árvores na floresta eram verdes e que os peixes que voavam nas árvores sabiam cantar tão docemente que era um prazer ouvi-los. (A avó chamava os passarinhos de peixes. De outro modo, as princesinhas do mar, que nunca tinham visto um passarinho, não a teriam entendido.)

"Quando vocês fizerem quinze anos", disse-lhes a avó, "vamos deixá-las subir até a superfície e se sentar nos rochedos ao luar, vendo passar os grandes navios. Verão florestas e também cidades." No ano seguinte uma das irmãs completaria quinze anos, mas as outras – bem, cada uma era um ano mais nova que a outra, de modo que a mais nova de todas teria de esperar nada menos que cinco anos antes de poder subir das profundezas para a superfície e ver como são as coisas por aqui. Mas cada uma prometia contar às outras tudo que vira e o que lhe parecera mais interessante naquela primeira visita. Nunca estavam satisfeitas com o que a avó contava. Havia um sem-número de coisas sobre as quais ansiavam por ouvir.

Nenhuma das sereias era mais curiosa que a caçula, e era também ela, tão quieta e pensativa, a que tinha de suportar a mais longa espera. Em muitas noites ela se postava junto à janela aberta e fitava através das águas azul-escuras, onde peixes espadanavam a água com suas nadadeiras e caudas. Podia ver a lua e as estrelas, embora sua luz fosse muito pálida. Através da água, pareciam muito maiores que aos nossos olhos. Se uma nuvem escura passava acima dela, sabia que era ou uma baleia que nadava sobre a sua cabeça ou um navio cheio de passageiros. Aquelas pessoas nem sonhavam que sob eles havia uma linda pequena sereia, estendendo os braços brancos para a quilha do barco.

Assim que fez quinze anos, a mais velha das princesas ganhou permissão para subir à superfície do oceano. Quando voltou, tinha dúzias de coisas para contar. O mais delicioso, ela disse, foi ficar deitada num banco de areia perto da praia numa noite de lua, com o mar calmo. Então foi possível contemplar a grande cidade onde as luzes tremeluziam como uma centena de estrelas. Podiam-se ouvir sons de música e o estrépito de carros e pessoas. Podiam-se ver todas as torres das igrejas e ouvir os sinos tocando. E exatamente por não ter chegado perto de todas essas maravilhas, ansiava por todas elas ainda mais. Oh, como a irmã caçula bebia

aquelas palavras! E mais tarde naquela noite, quando ficou junto à janela aberta fitando através das águas azul-escuras, ela pensou na grande cidade com todo seu ruído e estrépito, e até imaginou que podia ouvir os sinos das igrejas tocando para ela.

Um ano depois, a segunda irmã teve permissão para subir mar acima e nadar para onde quisesse. Chegou à superfície bem na hora do pôr do sol e essa, ela contou, foi a visão mais bela de todas. Todo o céu parecia ouro, disse, e as nuvens – bem, simplesmente não era capaz de descrever como eram lindas ao passar, em tons de carmesim e violeta, sobre sua cabeça. Mais veloz ainda que as nuvens, um bando de cisnes selvagens voou como um longo e branco véu por sobre a água rumo ao sol poente. Ela nadou nessa direção, mas o sol se pôs, e sua luz rósea foi engolida por mar e nuvem.

Mais um ano se passou, e a terceira irmã foi à tona. Era a mais ousada de todas, e nadou até um rio largo que desaguava no mar. Viu bonitos morros verdes cobertos de parreiras; solares e granjas espiavam de matas magníficas; ouviu os passarinhos cantando; e o sol era tão quente que teve de mergulhar muitas vezes na água para refrescar o rosto abrasado. Numa pequena enseada, topou com um bando de crianças humanas, divertindo-se, completamente nuas, na água. Quis brincar com elas, mas ficaram apavoradas e fugiram. Depois um animalzinho preto foi até a água. Era um cachorro, mas ela nunca tinha visto um. O animal latiu tanto para ela que ela ficou amedrontada e nadou para o mar aberto. Mas disse que nunca esqueceria a magnífica floresta, os morros verdes, e as lindas criancinhas, que eram capazes de nadar, embora não tivessem caudas.

A quarta irmã não foi tão ousada. Permaneceu muito distante da terra, nas vastidões desertas do oceano, mas foi exatamente isso, ela lhes contou, que tornou sua visita tão maravilhosa. Podia ver por quilômetros e quilômetros à sua volta, e o céu pairava sobre ela como um grande sino de vidro. Vira navios, mas tão ao longe que pareciam gaivotas. Os golfinhos brincavam nas ondas e baleias imensas esguichavam água com tanta força que pareciam estar cercadas por uma centena de chafarizes.

Agora era a vez da quinta irmã. Como seu aniversário caía no inverno, ela viu coisas que as outras não tinham visto da primeira vez. O mar parecia inteiramente verde e sobre ele flutuavam grandes icebergs. Cada um parecia uma pérola, ela disse, mas eram mais altos que as torres de igreja construídas pelos seres humanos. Apareciam nas formas mais fantásticas, e brilhavam como diamantes. Ela se sentara num dos maiores, e todos os navios pareciam ter medo dele, pois passavam navegando rapidamente e muito ao largo do lugar onde ela estava sentada, com o vento brincando em seus longos cabelos.

Mais tarde naquela noite o céu se fechou. Trovões estrondeavam, relâmpagos chispavam e as ondas escuras erguiam os enormes blocos de gelo tão alto que os tiravam da água, fazendo-os reluzir na intensa luz vermelha. Todos os navios recolheram as velas, e em meio ao horror e ao alarme geral, a sereia permaneceu sentada tranquilamente no iceberg flutuante, vendo os relâmpagos azuis ziguezaguearem rumo ao mar resplandecente.

Na primeira vez que as irmãs subiram à superfície, ficaram encantadas de ver tantas coisas novas e bonitas. Mais tarde, porém, quando ficaram mais velhas e podiam emergir sempre que queriam, mostravam-se menos entusiasmadas. Tinham saudade do fundo do mar. E depois de um mês diziam que, afinal de contas, era muito mais agradável lá embaixo – era tão reconfortante estar em casa. Mesmo assim, muitas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam-se os braços e emergiam juntas. Suas vozes eram lindas, mais bonitas que a de qualquer ser humano.

Antes da aproximação de uma tempestade, quando esperavam o naufrágio de um navio, as irmãs costumavam nadar diante do barco e cantar docemente as delícias das profundezas do mar. Diziam aos marinheiros para não terem medo de mergulhar até o fundo, mas eles nunca entendiam suas canções. Pensavam estar ouvindo os uivos da tempestade. Nunca viam, também, nenhuma das delícias que as sereias prometiam, pois se o navio afundava, os homens se afogavam, e era só como homens mortos que alcançavam o palácio do rei do mar.

Quando as irmãs subiam assim de braços dados pela água, a caçula sempre ficava para trás, sozinha, acompanhando-as com os olhos. Teria chorado, mas as sereias não têm lágrimas e sofrem ainda mais que nós. "Oh, se pelo menos eu tivesse quinze anos", ela dizia. "Sei que vou gostar muito do mundo lá de cima e de todas as pessoas que vivem nele."

Então finalmente ela fez quinze anos. "Bem, agora você logo escapará das nossas mãos", disse a velha rainha-mãe, sua avó. "Venha, deixe-me vesti-la como suas outras irmãs", e pôs no seu cabelo uma grinalda de lírios brancos em que cada pétala de flor era metade de uma pérola. Depois a velha senhora mandou trazer oito grandes ostras para prender firmemente na cauda da princesa e mostrar sua alta posição.

"Ai! Está doendo", disse a Pequena Sereia.

"Sim, a beleza tem seu preço", respondeu a avó. Como a Pequena Sereia teria gostado de se livrar de todos aqueles enfeites e pôr de lado aquela pesada grinalda! As flores vermelhas de seu jardim assentavam-lhe muito melhor, mas não ousou fazer nenhuma modificação. "Adeus", disse, ao subir pela água tão leve e limpidamente quanto as bolhas se elevam à superfície.

O sol acabara de se pôr quando ela ergueu a cabeça sobre as ondas, mas as nuvens ainda estavam tingidas de carmesim e ouro. No alto do céu pálido, rosado, a estrela vespertina luzia clara e vívida. O ar estava ameno e fresco. Um grande navio de três mastros deslizava na água, com apenas uma vela hasteada porque não soprava nenhuma aragem. Os marinheiros estavam refestelados no cordame ou nas vergas. Havia música e canto a bordo, e quando escureceu uma centena de lanternas foi acesa. Com suas muitas cores, tinha-se a impressão de que as bandeiras de todas as nações estavam drapejando no ar.

A Pequena Sereia nadou até a vigia da cabine e, cada vez que uma onda a levantava, podia ver uma multidão de pessoas bem-vestidas através do vidro claro. Entre elas estava um jovem príncipe, a mais bonita daquelas pessoas, com grandes olhos escuros. Não podia ter mais de dezesseis anos. Era seu aniversário, e era por isso que havia tanto alvoroço. Quando o jovem príncipe saiu para o convés, onde os marinheiros estavam dançando, mais de uma centena de foguetes zuniram rumo ao céu e espocaram num esplendor, tornando o céu claro como o dia. A Pequena Sereia ficou tão surpresa que mergulhou, se escondendo sob a água. Mas depressa pôs a cabeça para fora de novo. E veja! Parecia que as estrelas lá do céu estavam caindo sobre ela. Nunca vira fogos de artifício assim. Grandes sóis rodopiavam à sua volta; peixes de fogo refulgentes lançavam-se no ar azul, e todo esse fulgor se refletia nas águas claras e calmas embaixo. O próprio navio estava tão feericamente iluminado que se podiam ver não só todas as pessoas que lá estavam como a corda mais fina. Que garboso parecia o jovem príncipe quando apertava as mãos dos marinheiros! Ele ria e sorria enquanto a música ressoava pelo delicioso ar da noite.

Ficou tarde, mas a Pequena Sereia não conseguia tirar os olhos do navio ou do belo príncipe. As lanternas coloridas haviam sido apagadas; os foguetes não mais subiam no ar; e o canhão cessara de dar tiros. Mas ela estava desassossegada e era possível ouvir um som queixoso, zangado, sob as ondas. Mesmo assim a Pequena Sereia continuou sobre a água, balançando-se para cima e para baixo para poder olhar a cabine. O navio ganhou velocidade; uma após outra as suas velas foram desfraldadas. As ondas cresciam, nuvens pesadas escureciam o céu e relâmpagos faiscavam a distância. Uma tempestade pavorosa estava se armando. Por isso os marinheiros recolheram as velas, enquanto o vento sacudia o grande navio e o arrastava pelo mar furioso. As ondas subiam cada vez mais alto, até se assemelharem a enormes montanhas negras, ameaçando derrubar o mastro. Mas o navio mergulhava como um cisne entre elas e voltava a subir em cristas arrogantes e espumosas. A Pequena Sereia pensou que devia ser divertido para um navio navegar daquele jeito, mas a tripulação pensava diferente. O barco gemia e

estalava; suas pranchas sólidas rompiam-se sob as violentas pancadas do mar. Então o mastro partiu-se ruidosamente em dois, como um caniço. O navio adernou quando a água se precipitou no porão.

De repente a Pequena Sereia compreendeu que o navio estava em perigo. Ela mesma tinha de ter cuidado com as vigas e pedaços de destroços à deriva. Em certos momentos ficava tão escuro que não conseguia ver nada, mas depois o clarão de um relâmpago iluminava todas as pessoas a bordo. Agora era cada um por si. Ela estava à procura do jovem príncipe e, no momento mesmo em que o navio estava se partindo, viu-o desaparecer nas profundezas do mar.

Por um instante, ficou encantada, pois pensou que agora ele viveria na sua parte do mundo. Mas logo se lembrou que criaturas humanas não vivem debaixo d'água e que ele só chegaria ao palácio de seu pai como um homem morto. Não, não, ele não podia morrer. Assim ela nadou entre as vigas e pranchas que o mar arrastava, indiferente ao perigo de ser esmagada. Mergulhava profundamente e emergia das ondas, e finalmente encontrou o jovem príncipe. Ele mal conseguia seguir nadando no mar tempestuoso. Seus membros fraquejavam; seus olhos bonitos estavam fechados; e teria certamente se afogado se a Pequena Sereia não tivesse ido em seu socorro. Ela segurou-lhe a cabeça sobre a água e deixou que as ondas a carregassem com ele.

Quando amanheceu a tempestade cessara e não havia vestígio do navio. O sol despontou da água, vermelho e candente, e pareceu devolver a cor às faces do príncipe; mas os olhos dele continuavam fechados. A sereia beijou-lhe a fronte alta e delicada, e ajeitou-lhe para trás o cabelo molhado. Aos seus olhos, ele parecia a estátua de mármore que tinha em seu jardinzinho. Beijou-o de novo e fez um pedido para que ele pudesse viver.

Bertall, c.1876

Logo a sereia viu diante de si terra firme, com suas majestosas montanhas azuis cobertas de neve branca cintilante, parecendo cisnes aninhados. Perto da costa havia lindas florestas verdes e junto a uma delas erguia-se um prédio alto; se era uma igreja ou um convento ela não sabia dizer. Limoeiros e laranjeiras cresciam no jardim e ao lado da porta havia três palmeiras altas. O mar formava uma angra nesse ponto e a água aí era perfeitamente calma, embora muito profunda. A sereia nadou com o belo príncipe até a praia, coberta de areia fina e branca. Ali depositou o príncipe sob o sol morno, fazendo um travesseiro de areia para sua cabeça.

Sinos repicaram no grande prédio branco, e várias meninas apareceram no jardim. A Pequena Sereia nadou para bem longe da praia e escondeu-se atrás de

uns penedos grandes que se elevavam acima da água. Cobriu o cabelo e o peito com espuma do mar para que ninguém a pudesse ver. Depois ficou espiando para ver quem ajudaria o pobre príncipe.

Não demorou muito e surgiu uma menina. Pareceu muito assustada, mas só por um momento, e correu para buscar ajuda de outros. A sereia viu o príncipe voltar a si, e ele sorriu para todos que o cercavam. Mas não houve sorriso para ela, pois ele não tinha a mais pálida ideia de quem o salvara. Depois que o levaram para o grande prédio, a Pequena Sereia se sentiu tão infeliz que mergulhou de volta para o palácio do pai.

Sempre fora silenciosa e pensativa, mas agora estava mais que nunca. Suas irmãs lhe perguntavam o que vira durante sua visita à superfície, mas ela não lhes contava nada. Em muitas manhãs e entardeceres ela subia até o ponto onde deixara o príncipe. Viu as frutas do jardim amadurecerem e observou-as quando foram colhidas. Viu a neve derreter nos picos. Mas nunca via o príncipe e por isso sempre voltava para casa ainda mais cheia de dor do que antes. Seu único consolo era ficar em seu jardinzinho, os braços em torno da bela estátua de mármore, tão parecida com o príncipe. Nunca mais cuidou das suas flores, e elas se espalhavam selvagemente pelas trilhas, enroscando seus longos talos e folhas em torno dos galhos das árvores até barrar completamente a luz.

Por fim ela não conseguiu mais guardar aquilo consigo e contou tudo a uma das irmãs. Logo as outras ficaram sabendo, mas ninguém mais, exceto algumas outras sereias que não diriam nada a ninguém a não ser suas melhores amigas. Uma delas pôde lhe dar notícias do príncipe. Ela também vira os festejos realizados a bordo e contou mais sobre o príncipe e a localização de seu reino.

“Vamos, irmãzinha”, disseram as outras princesas. E com os braços nos ombros umas das outras, subiram numa longa fileira até a superfície, bem diante do lugar onde se erguia o castelo do príncipe. O castelo, construído de uma pedra amarelo-clara brilhante, tinha longos lances de degraus de mármore, um dos quais levava diretamente ao mar. Esplêndidos domos dourados elevavam-se acima do telhado, e entre as colunas que cercavam toda a construção havia esculturas de mármore que pareciam vivas. Através do vidro claro das altas janelas era possível ver salões magníficos ornados com suntuosas cortinas de seda e tapeçarias. As paredes eram cobertas com grandes pinturas, e era um prazer contemplá-las. No centro do maior salão havia uma fonte que lançava seus jorros espumantes até o domo de vidro do teto, e através deste o sol brilhava sobre a água e as belas plantas que cresciam no grande tanque.

Agora que sabia onde o príncipe vivia, a Pequena Sereia passava muitos ocasos e muitas noites naquele ponto. Nadava até muito mais perto da costa do que as

outras ousavam. Chegou a avançar pelo estreito canal para ir até o belo balcão de mármore que projetava suas longas sombras sobre a água. Ali ela se sentava e contemplava o jovem príncipe, que supunha estar completamente só ao clarão da lua.

Muitas vezes, à noite, a Pequena Sereia o via sair ao mar em seu esplêndido barco, com bandeiras hasteadas aos acordes de música. Espiava do meio dos juncos verdes, e, quando o vento levantava o longo véu branco e prateado do seu cabelo, e pessoas o viam, imaginavam apenas que era um cisne, estendendo as asas.

Muitas noites, quando os pescadores saíam para o mar com suas tochas, ela os ouvia louvando o jovem príncipe, e suas palavras a deixavam ainda mais feliz por lhe ter salvado a vida. E ela lembrava como aninhara a cabeça dele em seu peito e com que carinho o beijara. Mas ele não sabia nada de nada disso e nunca sequer sonhara que ela existia.

A Pequena Sereia foi gostando cada vez mais dos seres humanos e ansiava profundamente pela companhia deles. O mundo em que viviam parecia tão maior que o seu próprio. Veja, eles podiam varar os oceanos em navios, e escalar montanhas íngremes mais altas que as nuvens. E as terras que possuíam, suas matas e seus campos, se estendiam muito além de onde a vista alcançava. Havia uma porção de outras coisas que ela teria gostado de saber, e suas irmãs não eram capazes de responder a todas as suas perguntas. Por isso foi visitar sua velha avó, que sabia tudo sobre o mundo superior, como chamava tão apropriadamente os países acima do mar.

"Quando não se afogam", perguntou a Pequena Sereia, "os seres humanos podem continuar vivendo para sempre? Não morrem como nós, aqui embaixo no mar?"

"Sim, sim", respondeu a velha senhora. "Eles também têm de morrer, e seu tempo de vida é até mais curto que o nosso. Nós por vezes alcançamos a idade de trezentos anos, mas quando nossa vida aqui chega ao fim, simplesmente nos transformamos em espuma na água. Aqui não temos sepultura daqueles que amamos. Não temos uma alma imortal e nunca teremos outra vida. Somos como o junco verde. Uma vez cortado, cessa de crescer. Mas os seres humanos têm almas que vivem para sempre, mesmo depois que seus corpos se transformaram em pó. Elas sobem através do ar puro até alcançarem as estrelas brilhantes. Assim como nós subimos à flor da água e contemplamos as terras dos seres humanos, assim eles atingem reinos belos, desconhecidos – regiões que nunca veremos."

"Por que não podemos ter uma alma imortal?" a Pequena Sereia perguntou, pesarosa. "Eu daria de boa vontade todos os trezentos anos que tenho para viver

se pudesse me tornar um ser humano por um só dia e partilhar daquele mundo celestial.”

“Você não deveria se apoquentar com isso”, disse a avó. “Somos muito mais felizes e vivemos melhor aqui do que os seres humanos lá em cima.”

“Então estou condenada a morrer e flutuar como espuma no mar, a nunca ouvir a música das ondas ou ver as lindas flores e o sol vermelho. Não há mesmo nada que eu possa fazer para conseguir uma alma imortal?”

“Não” disse a velha senhora. “Só se um ser humano a amasse tanto que você importasse mais para ele que pai e mãe. Se ele a amasse de todo o coração e deixasse o padre pôr a mão direita sobre a sua como uma promessa de ser fiel agora e por toda a eternidade – nesse caso a alma dele deslizaria para dentro do seu corpo e você, também, obteria uma parcela da felicidade humana. Ele lhe daria uma alma, e no entanto conservaria a dele próprio. Mas isso nunca pode acontecer. Sua cauda de peixe, que achamos tão bonita, parece repulsiva à gente da terra. Sabem tão pouco sobre isso que acreditam realmente que as duas desajeitadas escoras que chamam de pernas são bonitas.”

A Pequena Sereia deu um suspiro e olhou pesarosamente para sua cauda de peixe.

“Devemos ficar satisfeitos com o que temos”, disse a velha senhora. “Vamos dançar e nos alegrar pelos trezentos anos que temos para viver – é bastante tempo, não é? Depois da morte, poderemos descansar e pôr o sono em dia. Hoje teremos um baile na corte.”

Esse baile era algo mais esplêndido que tudo que já vimos na terra. As paredes e o teto do grande salão eram feitos de cristal espesso, mas transparente. Várias centenas de conchas enormes, vermelho-rosa e verde-relva, estavam dispostas de cada lado, cada uma com uma chama azul que iluminava o salão inteiro, e, luzindo através das paredes, iluminavam também o mar. Um sem-número de peixes, grandes e pequenos, podia ser visto nadando rumo às paredes de cristal. As escamas de alguns fulgiam com um brilho púrpura avermelhado e as de outros como prata e ouro. Cortando o salão pelo meio corria uma larga torrente, e nela homens e mulheres de cauda dançavam ao seu próprio som dolente. Nenhum ser humano tem voz tão bela. Ninguém cantava mais docemente que a Pequena Sereia, e todos a aplaudiram. Por um instante houve alegria em seu coração, pois ela sabia que ninguém tinha uma voz mais bela que a sua em terra ou no mar. Mas em seguida seus pensamentos se voltaram para o mundo acima dela. Não conseguia esquecer o belo príncipe e a grande dor de não ter a alma imortal que ele possuía. Assim, saiu furtivamente do palácio do pai, e enquanto todos lá dentro cantavam e se divertiam, foi se sentar em seu jardinzinho, desolada.

De repente ouviu o som de uma buzina ecoando através da água, e pensou: "Ah, lá vai ele, navegando lá em cima – ele que eu amo mais que a meu pai ou a minha mãe, ele que está sempre em meus pensamentos e em cujas mãos eu depositaria alegremente minha felicidade. Arriscaria qualquer coisa para tê-lo e a uma alma imortal. Enquanto minhas irmãs dançam lá no castelo de meu pai, vou à procura da bruxa do mar. Sempre tive um medo terrível dela, mas talvez possa me ajudar e me dizer o que fazer."

Assim a Pequena Sereia partiu para onde a bruxa morava, no lado mais distante dos remoinhos espumantes. Nunca estivera lá antes. Naquele lugar não cresciam flores nem relva do mar. Não havia nada além do fundo arenoso cinzento que se estendia até os turbilhões, onde a água rodopiava com o estrondo de rodas de moinho e sugava para as profundezas tudo que podia agarrar. Tinha de passar pelo meio desses furiosos torvelinhos para chegar ao domínio da bruxa do mar. Por um longo trecho não havia outro caminho senão pela lama quente, borbulhante – que a bruxa chamava de seu charco.

A casa da bruxa ficava atrás do charco, no meio de uma floresta fantástica. Todas as árvores e arbustos eram pólipos, metade animal e metade planta. Pareciam serpentes de cem cabeças crescendo do chão. Tinham ramos que pareciam braços longos e viscosos, com dedos flexíveis semelhantes a vermes. Nó por nó, desde a raiz até a crista, estavam em constante movimento, e se enroscavam com força em torno de qualquer coisa que conseguissem agarrar no mar, e não a soltavam mais. A Pequena Sereia ficou apavorada e se deteve à beira da mata. Seu coração saltava de medo e ela esteve prestes a dar meia-volta. Mas então lembrou-se do príncipe e da alma humana, e recobrou a coragem. Prendeu firmemente em torno da cabeça seu longo e flutuante cabelo para que os pólipos não o pudessem agarrar. Depois dobrou os braços sobre o peito e arremessou-se para a frente como um peixe disparado através da água, por entre os pólipos repelentes, que tentavam agarrá-la com seus braços e dedos ágeis. Notou como cada um deles havia agarrado alguma coisa e a retinha firmemente, com uma centena de pequenos braços que pareciam argolas de ferro. Esqueletos brancos de seres humanos que haviam morrido no mar e afundado até as águas profundas olhavam dos braços dos pólipos. Lemes e arcas de navios estavam fortemente apertados em seus braços, junto com esqueletos de animais da terra e – o mais horripilante de tudo – uma sereiazinha, que eles haviam agarrado e estrangulado.

Chegou então a um grande charco lodoso na mata, onde enormes e gordas cobras-d'água revolviam-se no lamaçal, mostrando suas horrendas barrigas de um amarelo-esbranquiçado. No meio do charco erguia-se uma casa, construída com os ossos de humanos naufragados. Lá estava a bruxa do mar, deixando um sapo comer da sua boca, como as pessoas alimentam às vezes um canário com um torrão de açúcar. Ela chamava as repelentes cobras-d'água de seus pintinhos e deixava-as rastejar sobre o seu peito.

Bertall, c.1876

"Sei exatamente o que você procura", disse a bruxa do mar. "Que idiota você é! Mas sua vontade vai ser atendida, e vai lhe trazer desventura, minha linda princesa. Você quer se livrar de sua cauda de peixe e ter no lugar dela um par de tocos para andar como um ser humano, de modo que o jovem príncipe se apaixone por você e lhe dê uma alma imortal." E ao dizer isso a bruxa soltou uma gargalhada tão alta e repulsiva que o sapo e as cobras caíram estatelados no chão. "Você veio na hora certa", disse a bruxa. "A partir de amanhã, assim que o sol se levantar, e por um ano inteiro, eu não seria mais capaz de ajudá-la. Vou preparar uma bebida para você. Terá de nadar para a terra com ela antes do nascer do sol, sentar-se na praia e tomá-la. Sua cauda se dividirá então em duas e encolherá para virar o que os seres humanos chamam de 'bonitas pernas'. Mas vai doer. Você sentirá como se uma espada afiada a cortasse. Todos que a virem dirão que você é o ser humano mais encantador que já encontraram. Vai conservar seus movimentos graciosos – nenhuma dançarina jamais deslizará com tanta leveza –, mas cada passo que der a fará sentir como se estivesse pisando numa faca afiada, o bastante para fazer seus pés sangrarem. Se está disposta a enfrentar tudo isso, posso ajudá-la."

"Estou", disse a pequena princesa, e sua voz tremia. Mas voltou seus pensamentos para o príncipe e o prêmio de uma alma imortal.

"Pense sobre isso com cuidado", disse a bruxa. "Depois que assumir a forma de um ser humano, nunca mais poderá ser uma sereia. Não será capaz de descer nadando através da água ao encontro de suas irmãs e do palácio de seu pai. Só conseguirá uma alma imortal se conquistar o amor do príncipe e fizer com que ele se disponha a esquecer o pai e a mãe por amor a você. Ele deve tê-la sempre em seus pensamentos e permitir que o padre junte suas mãos para que se tornem marido e mulher. Se o príncipe se casar com alguma outra pessoa, na manhã seguinte seu coração se partirá, e você virará espuma na crista das ondas."

"Estou pronta", disse a Pequena Sereia, e ficou pálida como a morte.

"Mas terá que me pagar", disse a bruxa. "Não vai receber minha ajuda a troco de

nada. Você tem a voz mais adorável entre todos que habitam aqui no fundo do mar. Provavelmente pensa que poderá encantar o príncipe com ela, mas terá que dá-la para mim. Vou lhe pedir o que possui de melhor como paga por minha poção. Você entende, tenho de misturar nela um pouco do meu próprio sangue, para que a bebida seja afiada como uma espada de dois gumes."

"Mas se me tira a minha voz", disse a Pequena Sereia, "o que me sobrará?"

"Sua linda figura", disse a bruxa, "seus movimentos graciosos e seus olhos expressivos. Com eles pode encantar facilmente um coração humano... Bem, onde está a sua coragem? Estique a linguinha e deixe-me cortá-la fora como meu pagamento. Depois receberá sua poderosa poção."

"Assim seja", disse a Pequena Sereia, e a bruxa pôs seu caldeirão no fogo para cozinhar a poção mágica.

"Limpeza antes de mais nada", ela disse, enquanto esfregava a panela com um feixe de cobras que tinha amarrado juntas numa grande laçada. Depois deu uma picada no seio e deixou que o sangue preto caísse no caldeirão. O vapor que se ergueu criava formas estranhas, apavorantes de se ver. A bruxa continuava a jogar novas coisas no caldeirão, e quando a mistura começou a ferver, soava como um crocodilo chorando. Finalmente a poção mágica ficou pronta, e era cristalina como água.

"Pronto!", disse a bruxa ao cortar fora a língua da Pequena Sereia. Agora ela estava muda e não podia falar nem cantar.

"Se os pólipos a agarrarem quando você voltar pela mata", disse a bruxa, "basta jogar sobre eles uma única gota desta poção, e os braços e dedos deles se romperão em mil pedaços." Mas a Pequena Sereia não precisou disso. Os pólipos se encolheram aterrorizados quando avistaram a poção cintilante que tremeluzia em sua mão como uma estrela. Assim, passou rapidamente pela mata, o charco e os redemoinhos atroadores.

A Pequena Sereia pôde contemplar o palácio do pai. As luzes do salão de baile estavam apagadas. Certamente todos lá estavam dormindo a essa hora. Mas não ousou entrar para vê-los, pois agora estava muda e prestes a deixá-los para sempre. Tinha a impressão de que seu coração ia se partir de tanta dor. Entrou furtivamente no jardim, arrancou uma flor do canteiro de cada uma das irmãs, soprou mil beijos na direção do palácio e depois subiu à superfície através das águas azul-escuras.

O sol ainda não raiara quando ela avistou o palácio do príncipe e subiu os degraus de mármore. O luar era claro e vívido. A Pequena Sereia tomou a poção cortante, causticante, e teve a impressão de que uma espada estava trespassando seu corpo delicado. Desmaiou e tombou, como morta.

O sol se levantou e, luzindo através do mar, acordou-a. Ela sentiu uma dor aguda. Mas bem ali, na sua frente, estava o belo príncipe. Os olhos dele, negros como carvão, a fitavam tão intensamente que ela baixou os seus, e percebeu que sua cauda de peixe desaparecera e que tinha um bonito par de pernas brancas como as que qualquer menina desejaria ter. Mas estava inteiramente nua e por isso envolveu-se em seu longo cabelo, que caía delicadamente. O príncipe perguntou-lhe quem era e como chegara até ali, e ela só pôde olhar de volta para ele com seus olhos de um azul profundo, doce e tristemente, pois, é claro, não podia falar. Então ele a tomou pela mão e a levou para o palácio. Cada passo que ela dava, como a bruxa predissera, a fazia sentir como se estivesse pisando em facas e agulhas afiadas, mas suportou isso firmemente. Caminhou com a leveza de uma bolha ao lado do príncipe. Este e todos que a viram ficaram maravilhados ante a graça de seus movimentos.

Deram-lhe vestidos suntuosos de seda e musselina. Ela era a mais bela criatura no palácio, mas era muda, não podia falar nem cantar. Lindas moças escravas vestidas de seda e ouro apareceram e dançaram diante do príncipe e de seus parentes reais. Uma cantou mais lindamente que todas as outras, e o príncipe bateu palmas e sorriu para ela. Isso deixou triste a Pequena Sereia, que sabia que ela própria podia cantar ainda mais lindamente. E pensou: “Oh, se pelo menos ele soubesse que abri mão de minha voz para sempre para estar com ele.”

As moças escravas dançaram uma dança graciosa, deslizando ao som da mais encantadora das músicas. E a Pequena Sereia ergueu seus belos braços brancos, ficou na ponta dos pés e deslizou pelo piso, dançando como ninguém dançara antes. A cada passo, parecia mais e mais encantadora, e seus olhos falavam mais profundamente ao coração que o canto das moças escravas.

Todos ficaram encantados, especialmente o príncipe, que a chamou de sua criancinha enjeitada. Ela continuou dançando, apesar da sensação de estar pisando em facas afiadas cada vez que seu pé tocava o chão. O príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo, e ela ganhou permissão para dormir do lado de fora de sua porta, numa almofada de veludo.

O príncipe mandou fazer para ela um traje de pajem para que pudesse sair a cavalo com ele. Cavalgavam juntos pelas matas fragrantes, onde os ramos verdes roçavam seus ombros e os passarinhos cantavam em meio às folhas frescas. Ela subia com o príncipe ao topo de montanhas altas e, embora seus pés delicados sangrassem e todos pudessem ver o sangue, ela apenas ria e acompanhava o príncipe até onde podiam ver as nuvens abaixo deles, parecendo um bando de aves a viajar para terras distantes.

No palácio do príncipe, quando todos na casa dormiam, ela costumava ir para os

largos degraus de mármore e refrescar os pés ferventes na água fria do mar. E naqueles momentos pensava nos que estavam lá embaixo nas profundezas. Uma noite suas irmãs subiram de braços dados, cantando melancolicamente enquanto flutuavam na água. Acenou para elas e elas a reconheceram e lhe disseram o quanto as fizera, a todas, infelizes. Depois disso, passaram a visitá-la todas as noites, e uma vez ela viu a distância sua velha avó, que não vinha à superfície havia muitos anos, e também o velho rei do mar com sua coroa na cabeça. Ambos estenderam as mãos para ela, mas não se aventuraram tão perto da costa quanto as irmãs.

Com o tempo, ela foi se tornando mais preciosa para o príncipe. Ele a amava como se ama uma criancinha, mas jamais lhe passara pela cabeça fazer dela sua rainha. E no entanto ela precisava se tornar sua esposa, pois do contrário nunca receberia uma alma imortal e, na manhã do casamento dele, se dissolveria em espuma no mar.

"É de mim que você gosta mais?", os olhos da Pequena Sereia pareciam perguntar quando ele a tomava nos braços e beijava sua linda testa.

"Sim, você é muito preciosa para mim", dizia o príncipe, "pois ninguém tem um coração tão bondoso. E você é mais devotada a mim que qualquer outra pessoa. Você me lembra uma menina que conheci uma vez, mas que provavelmente nunca verei de novo. O navio em que eu viajava naufragou, e as ondas me jogaram na costa, perto de um templo sagrado, onde várias meninas estavam cumprindo suas obrigações. A mais nova delas me encontrou na praia e salvou minha vida. Só a vi duas vezes. Ela é a única no mundo que eu poderia amar. Mas você é tão parecida com ela que quase tirei a imagem dela da minha mente. Ela pertence ao templo sagrado, e minha boa fortuna enviou você para mim. Nunca nos separaremos."

"Ah, mal sabe ele que fui eu que lhe salvei a vida", pensou a Pequena Sereia. "Carreguei-o pelo mar até o templo na mata e esperei na espuma que alguém viesse socorrê-lo. Vi a menininha que ele ama mais do que a mim" – e a Pequena Sereia suspirou profundamente, pois não sabia derramar lágrimas. "Ele diz que a menina pertence ao templo sagrado e que por isso nunca retornará ao mundo. Eles nunca voltarão a se encontrar. Eu estou ao lado dele, vejo-o todo dia. Vou cuidar dele e amá-lo e dar minha vida por ele."

Não muito tempo depois, correu o rumor de que o príncipe iria se casar, que a esposa seria a bonita filha de um rei vizinho e que era por isso que ele estava equipando um navio tão esplêndido. O príncipe ia fazer uma visita a um reino vizinho – era assim que falavam, dando a entender que estava indo ver a noiva. A roda que o cercava era grande, mas a Pequena Sereia sacudia a cabeça e ria. Conhecia os pensamentos do príncipe muito melhor que ninguém.

“Tenho que ir”, ele disse a ela. “Tenho de visitar essa bonita princesa porque meus pais insistem nisso. Mas eles não podem me forçar a trazê-la para cá como minha esposa. Nunca fui capaz de amá-la. Ela não tem nenhuma semelhança com a menina bonita do templo, com quem você se parece. Se eu fosse obrigado a escolher uma noiva, preferiria escolher você, minha mudinha rejeitada, com seus olhos expressivos.” E beijava a boca rosada da sereia, brincava com o longo cabelo dela, e pousava a cabeça contra o peito dela de tal maneira que o coração da sereia sonhava com a felicidade humana e uma alma imortal.

“Você não tem medo do mar, não é, minha mudinha?”, ele perguntou quando se viram no convés do esplêndido navio que iria transportá-los ao reino vizinho. E ele lhe falou de tempestades violentas e de calmarias, dos estranhos peixes que nadam nas profundezas e do que os mergulhadores tinham visto lá. Ela sorria às histórias dele, pois sabia mais do que ninguém das maravilhas do fundo do mar.

À noite, quando havia lua num céu sem nuvens e todos estavam dormindo, exceto pelo timoneiro em seu leme, a Pequena Sereia sentava-se junto à amurada, os olhos espreitando a água clara. Tinha a impressão de poder ver o palácio do pai, com sua velha avó postada no alto dele com a coroa de prata na cabeça, tentando enxergar por entre a rápida corrente na quilha do navio. Depois suas irmãs surgiam das ondas e a fitavam com olhos cheios de aflição, torcendo as mãos brancas. Acenava e sorria para elas, e teria gostado de lhes dizer que estava feliz e que tudo ia bem para ela. Mas o camareiro apareceu exatamente nesse instante, e as irmãs mergulharam, deixando o rapaz convencido de que a coisa branca que vira era apenas espuma sobre a água.

Na manhã seguinte o navio entrou no porto da magnífica capital do rei vizinho. Os sinos das igrejas estavam tocando e podia-se ouvir um som de clarim, vindo das torres. Soldados faziam continência, com baionetas fulgurantes e bandeiras desfraldadas. Cada dia houve um festejo. Bailes e entretenimentos se seguiam uns aos outros, mas a princesa ainda não aparecera. As pessoas diziam que ela estava sendo criada e educada num templo sagrado, onde estava aprendendo todas as virtudes régias. Finalmente ela chegou.

A Pequena Sereia, que estava ansiosa para ver a beleza dela, teve de admitir que nunca vira pessoa mais encantadora. Sua pele era clara e delicada e, por trás de cílios longos e escuros, seus olhos azuis sorridentes brilhavam com profunda sinceridade.

“É você”, disse o príncipe. “Você é aquela que me salvou quando eu estava estendido na praia, semimorto.” E estreitou nos braços sua noiva, de faces afogueadas. “Oh, estou tão feliz”, ele disse à Pequena Sereia. “Meu desejo mais caro – mais do que eu ousava esperar – foi satisfeito. Minha felicidade lhe dará

prazer, porque você é mais devotada a mim do que ninguém." A Pequena Sereia beijou a mão dele e sentiu como se seu coração já estivesse partido. O dia do casamento dele significaria a sua morte, e ela se transformaria em espuma nas ondas do oceano.

Todos os sinos das igrejas repicavam enquanto os arautos percorriam as ruas para proclamar o noivado. Óleo perfumado queimava em preciosas lâmpadas de prata em cada altar. O padre balançava o incensário enquanto o noivo e a noiva se davam as mãos e recebiam a bênção do bispo. Vestida de seda e ouro, a Pequena Sereia segurava a cauda da noiva, mas seus ouvidos nunca tinham ouvido aquela música festiva, e seus olhos nunca tinham visto os santos ritos. Ela pensava sobre sua última noite na terra e sobre tudo que havia perdido neste mundo.

Na mesma noite noivo e noiva embarcaram no navio. O canhão troava, as bandeiras tremulavam, e no centro do navio fora erguida uma suntuosa tenda de púrpura e ouro. Estava recoberta de ricas almofadas, pois os recém-casados deveriam dormir ali naquela noite calma, fresca. As velas se enfunaram com a brisa e o navio singrou leve e suavemente os mares claros.

Quando escureceu, acenderam-se lanternas coloridas e os marinheiros dançaram alegremente no convés. A Pequena Sereia não pôde deixar de pensar naquela primeira vez em que tinha emergido e contemplado uma cena de festejos jubilosos igual a esta. E agora ela entrou na dança, volteando e precipitando-se com a leveza de uma andorinha acuada. Brados de admiração a saudaram de todos os cantos. Nunca antes ela dançara com tanta elegância. Era como se facas afiadas estivessem cortando seus pés delicados, mas ela não sentia nada, pois a ferida em seu coração era muito mais dolorida. Sabia que aquela era a última noite em que poderia ver o príncipe, por quem abandonara sua família e seu lar, abrira mão de sua linda voz e sofrera horas de agonia sem que ele de nada suspeitasse. Era a última noite em que podia respirar com ele ou contemplar o mar profundo e o céu estrelado. Uma noite eterna, sem pensamentos ou sonhos, a esperava, a ela que não tinha alma e nunca ganharia uma. Tudo foi alegria e regozijo a bordo até muito depois da meia-noite. Ela dançou e riu com os outros enquanto em seu coração pensava na morte. O príncipe beijava sua noiva encantadora, que brincava com seu cabelo escuro, e de braços dados os dois se retiraram para a magnífica tenda.

Agora o navio estava silencioso e calmo. Só o timoneiro estava lá junto a seu leme. A pequena princesa recostou-se com seus braços brancos na amurada e olhou para o leste em busca de sinal da rósea aurora. O primeiro raio do sol, ela sabia, traria a sua morte. De repente viu suas irmãs emergindo. Estavam pálidas como ela própria, mas seus longos e belos cabelos não mais ondulavam ao vento –

haviam sido cortados.

"Demos nossos cabelos à bruxa", disseram, "para que nos ajudasse a salvá-la da morte que a espera esta noite. Ela nos deu uma faca – veja, aqui está. Vê como é afiada? Antes do nascer do sol você tem de cravá-la no coração do príncipe. Então, quando o sangue morno dele borrifar seus pés, eles voltarão a crescer juntos e formar uma cauda de peixe, e você será sereia de novo. Poderá voltar conosco para a água e viver seus trezentos anos antes de ser transformada na espuma do mar salgado. Apresse-se! Ou ele ou você morrerá antes do nascer do sol. Nossa velha avó tem sofrido tanto que seu cabelo branco tem caído, como os nossos sob a tesoura da bruxa. Mate o príncipe e volte para nós! Mas vá depressa – veja as faixas vermelhas no céu. Em alguns minutos o sol despontará e então você morrerá." Com um suspiro profundo e estranho, elas submergiram.

A Pequena Sereia afastou a cortina púrpura da tenda e viu o belo noivo dormindo com a cabeça no peito da princesa. Inclinando-se, ela beijou a nobre fronte dele e depois olhou para o céu, onde o rubor da aurora se tornava cada vez mais luminoso. Fitou a faca afiada em sua mão e novamente fixou os olhos no príncipe, que sussurrou o nome da noiva em seus sonhos – só ela estava em seus pensamentos. Quando a Pequena Sereia empunhou a faca sua mão tremeu – e então ela a arremessou longe nas ondas. A água ficou vermelha no lugar em que caiu, e algo parecido com gotas de sangue ressumou dela. Com um último olhar para o príncipe, seus olhos anuviados pela morte, ela saltou do navio no mar e sentiu seu corpo se dissolver em espuma.

E logo o sol começou a nascer do mar. Seus raios cálidos e suaves caíram sobre a espuma fria como a morte, mas a Pequena Sereia não tinha a sensação de estar morrendo. Viu o sol esplendoroso e, pairando à sua volta, centenas de formosas criaturas – podia ver perfeitamente através delas, ver as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. E a voz delas era a voz da melodia, embora etérea demais para ser ouvida por ouvidos mortais, assim como nenhum olho mortal as podia ver. Não tinham asas, mas sua leveza as fazia flutuar no ar. A Pequena Sereia viu que tinha um corpo como o delas e que estava se elevando cada vez mais acima da espuma.

"Onde estou?" perguntou, e sua voz soou como a dos outros seres, mais etérea que qualquer música terrena podia soar.

"Entre as irmãs do ar", responderam as outras. "Uma sereia não tem alma imortal, e jamais pode ter uma a menos que conquiste o amor de um ser humano. A eternidade de uma sereia depende de um poder que independe dela. As filhas do ar tampouco têm uma alma eterna, mas podem conseguir uma através de suas boas ações. Devemos voar para os países quentes, onde o ar abafadiço da

pestilência significa morte para os seres humanos. Devemos levar brisas frescas. Devemos transportar a fragrância das flores através do ar e enviar consolo e cura. Depois que tivermos tentado fazer todo o bem que podemos em trezentos anos, conquistaremos uma alma imortal e teremos uma parcela da felicidade eterna da humanidade. Você, Pequena Sereia, tentou com todo o seu coração fazer como estamos fazendo. Você sofreu e perseverou e se elevou ao mundo dos espíritos do ar. Agora, com trezentos anos de boas ações, você também pode conquistar uma alma imortal."

A Pequena Sereia ergueu seus braços de cristal para o sol de Deus, e pela primeira vez conheceu o gosto das lágrimas.

No navio havia alvoroço e sons de vida por todo lado. A Pequena Sereia viu o príncipe e a bela noiva dele à sua procura. Com grande tristeza, eles fitavam a espuma perolada, como se soubessem que ela se jogara nas ondas. Invisível, ela beijou a testa da noiva, sorriu para o príncipe e em seguida, com as outras filhas do ar, subiu para uma nuvem rosa-avermelhada que navegava para o céu.

"Assim flutuaremos por trezentos anos, até finalmente chegarmos ao reino celeste."

"E podemos atingi-lo ainda mais cedo", sussurrou uma das suas companheiras. "Invisíveis, flutuamos para dentro de lares humanos em que há crianças, e para cada dia em que encontramos uma boa criança, que faz mamãe e papai felizes e merece o amor deles, Deus abrevia nosso tempo de sofrimento. A criança nunca percebe nada quando voamos em seu quarto e sorrimos com alegria, e assim um ano é subtraído dos trezentos. Mas quando vemos uma criança travessa ou maldosa, derramamos lágrimas de dor, e cada lágrima acrescenta mais um dia ao nosso tempo de provação."

A princesa e a ervilha

ERA UMA VEZ um príncipe. Ele desejava ter a sua princesa, mas uma que fosse princesa de verdade. Por isso viajou pelo mundo todo à procura de uma assim, mas sempre havia alguma coisa de errado. Não faltavam princesas em toda parte, mas ele nunca conseguia ter certeza de que eram verdadeiras princesas. Havia sempre alguma coisa que não estava muito certa. Ele voltou para casa triste e abatido, pois decidira em seu coração casar-se com uma princesa real.

Uma noite, uma tempestade terrível desabou sobre o reino. Raios chispavam, trovões roncavam e chovia a cântaros – realmente pavoroso! Inesperadamente, ouviu-se uma batida no portão da cidade, e o rei em pessoa foi abri-lo. Havia uma princesa parada lá fora. Mas valha-me Deus! Que figura ela era debaixo daquele aguaceiro, sob um tempo daqueles! A água escorria pelo seu cabelo e suas roupas. Jorrava pelas pontas dos sapatos e entrava de novo pelos calcanhares. E, mesmo assim, ela insistiu que era uma verdadeira princesa.

"Bem, isso é o que vamos ver, daqui a pouco!" pensou a rainha. Não disse uma palavra, mas foi direto ao quarto, desfez a cama toda e pôs uma ervilha sobre o estrado. Sobre a ervilha empilhou vinte colchões e depois estendeu mais vinte edredons dos mais fofos por cima dos colchões. Foi ali que a princesa dormiu aquela noite.

De manhã, todos perguntaram como ela havia dormido. "Ah, pessimamente!" respondeu a princesa. "Mal consegui pregar o olho a noite inteira! Sabe Deus o que havia naquela cama! Era uma coisa tão dura que fiquei toda cheia de manchas pretas e azuis. É realmente medonho."

Então, é claro, todos puderam ver que ela era realmente uma princesa, porque tinha sentido a ervilha através de vinte colchões e vinte edredons. Só uma verdadeira princesa podia ter a pele assim tão sensível.

Diante disso o príncipe se casou com ela, pois agora sabia que tinha uma princesa de verdade. E a ervilha foi enviada para um museu, onde está em exibição até hoje, a menos que alguém a tenha roubado.

Pronto. É um bom arremedo de história, não é?

JOSEPH JACOBS
(1854-1916)

Folclorista e historiador nascido na Austrália, editor da renomada revista Folklore entre 1899 e 1900, lançou coletâneas de fábulas e contos de fadas do mundo todo. Como Charles Perrault fizera na França e os irmãos Grimm na Alemanha, Jacobs reuniu contos de fadas britânicos, com vistas a recuperar esse rico legado folclórico. Para isso, inclusive, contou com os próprios leitores, a quem pediu que lhe enviassem contos. Todo esse esforço resultou em quatro volumes, sendo o primeiro English Fairy Tales (1890). Entre os contos mais conhecidos registrados por Jacobs estão João e o Pé de Feijão e A história dos três porquinhos.

João e o pé de feijão

ERA UMA VEZ uma pobre viúva que tinha apenas um filho, chamado João, e uma vaca chamada Branca Leitosa. A única coisa que garantia o seu sustento era o leite que a vaca dava toda manhã e que eles levavam ao mercado e vendiam. Uma manhã, porém, Branca Leitosa não deu leite nenhum, e os dois não sabiam o que fazer.

"O que vamos fazer? O que vamos fazer?" perguntava a viúva, torcendo as mãos.

"Coragem, mãe. Vou arranjar trabalho em algum lugar", respondeu João.

"Tentamos isso antes, e ninguém quis lhe dar emprego", disse a mãe. "Temos de vender Branca Leitosa e, com o dinheiro, montar uma lojinha, ou coisa assim."

"Certo, mãe", disse João. "Hoje é dia de feira, daqui a pouco vou vender Branca Leitosa e aí veremos o que fazer."

Assim, ele pegou a vaca pelo cabresto e lá se foi. Não tinha ido longe quando encontrou um homem de jeito engraçado, que lhe disse: "Bom dia, João."

Walter Crane, 1875

"Bom dia", João respondeu, e ficou a matutar como o outro sabia seu nome.

"Então, João, para onde está indo?" perguntou o homem.

"Vou à feira vender esta vaca aqui."

"Ah, você parece mesmo o tipo de sujeito que nasceu para vender vacas", disse o homem. "Será que sabe quantos feijões fazem cinco?"

"Dois em cada mão e um na sua boca", respondeu João, esperto como o quê.

"Está certo", disse o homem. "E aqui estão os feijões", continuou, tirando do bolso vários feijões esquisitos. "Já que é tão esperto", disse, "não me importo de fazer uma barganha contigo – sua vaca por estes feijões."

"Que tal você ir embora?" disse João.

"Ah! Você não sabe o que são estes feijões", disse o homem. "Se os plantar à noite, de manhã terão crescido até o céu."

"Verdade?" disse João. "Não diga!"

"Sim, é verdade, e se isso não acontecer pode pegar sua vaca de volta."

"Certo", disse João, entregando o cabresto de Branca Leitosa ao sujeito e enfiando os feijões no bolso.

Lá se foi João de volta para casa e, como não tinha ido muito longe, o sol ainda

não morrera quando chegou à sua porta.

"Já de volta, João?" perguntou a mãe. "Vejo que não vem com Branca Leitosa, sinal de que a vendeu. Quanto conseguiu por ela?"

"Nunca adivinhará, mãe", disse João.

"Não, não diga isso. Meu bom menino! Cinco libras, dez, quinze, não, não pode ter conseguido vinte."

"Eu disse que a senhora não conseguiria adivinhar. O que me diz destes feijões? São mágicos, plante-os à noite e…"

"Quê?" disse a mãe de João. "Será que você foi tão tolo, tão bobalhão e idiota a ponto de entregar minha Branca Leitosa, a melhor vaca leiteira da paróquia, e além disso carne da melhor qualidade, em troca de um punhado de reles feijões? Tome! Tome! Tome! E quanto a seus preciosos feijões aqui, vou jogá-los pela janela. Agora, já para a cama. Por esta noite, não tomará nenhuma sopa, não engolirá nenhuma migalha."

Assim João subiu a escada até seu quartinho no sótão, triste e sentido, é claro, tanto por causa da mãe quanto pela perda do jantar.

Finalmente caiu no sono.

Quando acordou, o quarto parecia muito engraçado. O sol batia em parte dele, mas todo o resto estava bastante escuro, sombrio. João pulou da cama, vestiu-se e foi à janela. E o que você pensa que ele viu? Ora, os feijões que sua mãe jogara no jardim pela janela tinham brotado num grande pé de feijão, que subia, subia, subia até chegar ao céu. No fim das contas, o homem tinha falado a verdade.

George Cruikshank, 1854

Como o pé de feijão crescera quase rente à sua janela, João só precisou abri-la e saltar na planta, que crescia como uma grande escada. Assim, João subiu e subiu e subiu e subiu e subiu e subiu e subiu até que por fim chegou ao céu. Ao chegar lá, encontrou uma estrada larga e longa que seguia reta como uma seta. Pôs-se a andar pela estrada, e andou, andou, andou até chegar a uma casa alta, grande e maciça, e na soleira estava uma mulher alta, grande e maciça.

"Bom dia, senhora", disse João, com muita polidez. "Poderia ter a bondade de me servir um café da manhã?" (Pois ele não pudera comer nada na noite anterior, como você sabe, e estava faminto como um caçador.)

"É café da manhã o que você quer, é?" disse a mulher alta, grande e maciça. "É café da manhã que você vai virar se não cair fora daqui. Meu homem é um ogro e não há nada que ele aprecie mais do que meninos grelhados com torrada. Trate de chispar daqui porque ele não demora."

"Oh! Por favor, senhora, dê-me alguma coisa para comer. Não como nada desde ontem de manhã, verdade verdadeira, senhora", disse João. "Tanto faz ser grelhado quanto morrer de fome."

Arthur Rackham, 1918

Bem, no fim a mulher do ogro não era assim tão má. Levou João até a cozinha e lhe deu um naco de pão e queijo e um jarro de leite. Mas João ainda não estava nem na metade da refeição quando tump! tump! tump! a casa inteira começou a tremer com o barulho de alguém se aproximando.

"Misericórdia! É meu velho", disse a mulher do ogro. "Ó céus, o que fazer? Corra e se enfie aqui." E ela entrouxou João dentro do forno no instante em que o ogro entrou.

Ele era grandalhão, não resta dúvida. Trazia na cinta três bezerros amarrados pelas patas traseiras. Entrando, desenganchou-os e jogou-os sobre a mesa, dizendo: "Aqui, mulher, faça-me uns dois destes grelhados para o café da manhã. Hum! Que cheiro é este que estou sentindo?"

"Fi-feu-fo-fum,
Farejo o sangue de um inglês.
Esteja vivo ou morto, doente ou são,
Vou raspar-lhe os ossos e comer com pão."

"Que bobagem, meu querido", disse a mulher. "Está sonhando. Ou, quem sabe, está sentindo o cheiro das sobras do garotinho que você comeu com tanto gosto no jantar de ontem. Vamos, vá tomar um banho e se arrumar. Quando voltar, seu café da manhã estará à sua espera."

Assim o ogro saiu e João estava quase pulando fora do forno e fugindo quando a

mulher lhe disse para não fazer aquilo. “Espere até que ele adormeça”, disse ela. “Ele sempre tira um cochilo depois do café da manhã.”

Bem, o ogro tomou seu café da manhã e em seguida foi até um grande baú e de lá tirou um par de sacos de ouro. Depois sentou-se e ficou contando, até que, finalmente, começou a cabecear e a roncar, fazendo a casa toda tremer outra vez.

Então João se esgueirou do forno, pé ante pé, e, ao passar pelo ogro, pegou um dos sacos de ouro de debaixo do braço dele, e pernas para que te quero, até chegar ao pé de feijão. De lá, atirou o saco de ouro, que, é claro, caiu no jardim da sua mãe. Depois foi descendo e descendo até que finalmente chegou em casa e contou tudo à mãe. Mostrando-lhe o saco de ouro, disse: “Está vendo, mãe, eu não estava certo quanto aos feijões? São mágicos mesmo, como pode ver.”

Por algum tempo, viveram do saco de ouro, mas um belo dia ele acabou. João resolveu então arriscar a sorte mais uma vez no alto do pé de feijão. Assim, numa bela manhã, acordou cedo e subiu no pé de feijão. Subiu, subiu, subiu, subiu, subiu, subiu, até que por fim chegou de novo a uma estrada e foi dar na casa alta, grande e maciça onde estivera antes. Lá, é claro, havia uma mulher alta, grande e maciça parada na soleira.

Anônimo, s/d

“Bom dia, senhora”, disse João, bem atrevido. “Poderia ter a bondade de me dar alguma coisa para comer?”

“Vá embora, meu menino”, disse a mulher grande e alta, “senão meu marido vai comê-lo no café da manhã. Mas não é o rapazinho que esteve aqui antes? Sabe que naquele mesmo dia ele perdeu um de seus sacos de ouro?”

“Isso é estranho, senhora”, disse João. “Acho que teria algo para lhe contar sobre isso, mas estou com tanta fome que só posso falar depois que tiver comido alguma coisa.”

Bem, a mulher grande e alta ficou tão curiosa que o levou para dentro e lhe deu alguma coisa para comer. Mas assim que João começou a mastigar, o mais devagar que podia, tump! tump! ouviram os passos do gigante. Mais que depressa a mulher enfiou João no forno.

Walter Crane, 1875

Tudo aconteceu como da outra vez: o ogro entrou em casa e disse:

"Fi-feu-fo-fum,

Farejo o sangue de um inglês.

Esteja vivo ou morto, doente ou são,

Vou raspar-lhe os ossos e comer com pão",

e comeu três bois grelhados como café da manhã. Depois falou: "Mulher, traga-me a galinha que bota os ovos de ouro." Assim ela fez e o ogro disse: "Bota", e a galinha botou um ovo todo de ouro. Em seguida o ogro começou a cabecear e a roncar até fazer a casa tremer.

Então João se esgueirou do forno, pé ante pé, passou a mão na galinha dourada e fugiu como um corisco. Mas dessa vez a galinha cacarejou e acordou o ogro e, assim que saiu da casa, João ouviu-o bradar: "Mulher, mulher, o que você fez com minha galinha dourada?"

E a mulher respondeu: "Por que pergunta, querido?"

Mas isso foi tudo que João escutou, porque mais que depressa ele correu até o pé de feijão e desceu num átimo. Quando chegou em casa, mostrou à mãe a maravilhosa galinha e deu a ordem: "Bota."

Mas João não ficou satisfeito e, não demorou muito, decidiu arriscar a sorte mais uma vez lá no topo do pé de feijão. Assim, numa bela manhã, acordou cedo e subiu no pé de feijão. E subiu, subiu, subiu, subiu, até que chegou no alto. Dessa vez, porém, teve a prudência de não ir direto à casa do ogro. Ao se aproximar, esperou atrás de um arbusto até ver a mulher do ogro sair com um balde para apanhar água. Então entrou sorrateiramente na casa e se meteu no caldeirão de ferver roupa. Não fazia muito tempo que estava lá quando ouviu tump! tump! tump! como antes e o ogro entrou com a mulher:

"Fi-feu-fo-fum,

Farejo o sangue de um inglês.

Esteja vivo ou morto, doente ou são,

Vou raspar-lhe os ossos e comer com pão."

E exclamou: "Sinto o cheiro dele, mulher, sinto o cheiro dele."

"Sente mesmo, meu bem?" respondeu a mulher do ogro. "Nesse caso, se é o patifezinho que roubou seu ouro e a galinha que botava ovos de ouro, com certeza se meteu no forno." E os dois correram até o forno. Mas João, por sorte, não estava lá, e a mulher do ogro disse: "Você e esse seu Fi-feu-fo-fum! Ora, com certeza você está sentindo o cheiro do menino que pegou ontem à noite e que acabo de grelhar para o seu café da manhã. Como eu sou esquecida e você é desatento, para não sabermos distinguir entre vivo e morto depois de tantos anos."

O ogro sentou-se então para tomar seu café da manhã, e de fato o tomou, mas vez por outra murmurava: "Eu poderia jurar..." e levantava, e vasculhava a despensa, os armários, tudo. Só não pensou, por sorte, no caldeirão.

Terminado o seu café da manhã, o ogro gritou: "Mulher, mulher, traga-me minha harpa dourada." Assim ela fez e pôs o instrumento na mesa diante dele. Então ele disse: "Toca." E a harpa de ouro tocou belissimamente. E continuou tocando até que o ogro adormeceu e começou a roncar como um trovão.

Então João ergueu a tampa do caldeirão de mansinho, escapuliu como um camundongo e se arrastou de gatinhas até chegar à mesa, onde se agachou, passou a mão na harpa dourada e disparou com ela para a porta. Mas a harpa chamou, bem alto: "Senhor! Senhor!" E o ogro acordou bem a tempo de ver João fugindo com ela.

Arthur Rackham, 1913

João correu o mais depressa que pôde, mas o ogro foi atrás na disparada, e logo o teria agarrado, não fosse por João estar na dianteira, esquivar-se um pouco e saber para onde ia. O ogro não estava a mais de vinte metros de distância quando João chegou ao pé de feijão, e o que ele viu foi João desaparecer e, ao chegar ao fim da estrada, viu João lá embaixo, descendo numa correria desatinada. Bem, como não gostou da ideia de se arriscar em semelhante escada, o ogro parou e esperou, de modo que João ganhou outra vantagem. Naquele instante, porém, a harpa chamou: "Senhor! Senhor!" e o ogro se pendurou no pé de feijão, que se sacudiu com seu peso. Lá ia João, descendo, e atrás dele descia o ogro. Nessa altura João tinha descido, descido e descido tanto que estava muito perto de casa. Por isso gritou: "Mãe! Mãe! traga-me um machado, traga-me um machado." E a mãe veio correndo com o machado na mão. Ao chegar no pé de feijão, porém, ficou paralisada de pavor, pois dali viu o ogro com suas pernas já atravessando as nuvens.

Anônimo, s/d

Mas João pulou no chão e agarrou o machado. Deu uma machadada tal no pé de feijão que o partiu em dois. Sentindo o pé de feijão balançar e estremecer, o ogro parou para ver o que estava acontecendo. Nesse momento João deu outra machadada e o pé de feijão acabou de se partir e começou a vir abaixo. Então o ogro despencou e quebrou a cabeça enquanto o pé de feijão desmoronava.

João mostrou à mãe a harpa dourada, e assim, exibindo a harpa e vendendo os ovos de ouro, ele e sua mãe ficaram muito ricos, tanto que ele se casou com uma magnífica princesa, e todos viveram felizes para sempre.

A história dos três porquinhos

ERA UMA VEZ, quando porcos faziam rimas,
Macacos mascavam tabaco,
Galinhas cheiravam rapé para ficarem fortes,
E patos faziam quac, quac, quac, Oh!

Havia uma velha porca que tinha três porquinhos, e como não tinha o bastante para sustentá-los, mandou-os partir em busca da sorte. O primeiro que se foi encontrou um homem com um feixe de palha, e disse a ele:

"Por favor, homem, me dê essa palha para eu construir uma casa."

O homem assim fez, e o porquinho construiu uma casa com ela. Logo veio um lobo, e bateu à porta e disse:

"Porquinho, porquinho, deixe-me entrar."

Ao que o porquinho respondeu:

"Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar."

A isto o lobo respondeu:

"Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentar."

E assim ele soprou, e bufou, e fez a casa ir pelos ares e comeu o porquinho.

O segundo porquinho encontrou um homem com um feixe de tojo e disse:

"Por favor, homem, me dê esse tojo para eu construir uma casa."

O homem assim fez, e o porco construiu a sua casa. Então apareceu o lobo e disse:

"Porquinho, porquinho, deixe-me entrar."

"Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar."

"Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentar."

Arthur Rackham, 1918

E assim ele soprou, e bufou, e bufou, e soprou e finalmente fez a casa ir pelos ares e devorou o porquinho.

O terceiro porquinho encontrou um homem com um fardo de tijolos, e disse:

“Por favor, homem, me dê esses tijolos para eu construir uma casa.”

Arthur Rackham, 1918

O homem deu-lhe então os tijolos e ele construiu sua casa com eles. Logo veio o lobo, como tinha feito com os outros porquinhos, e disse:

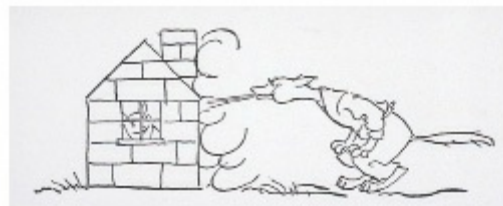
“Porquinho, porquinho, deixe-me entrar.”

“Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar.”

“Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentar.”

Bem ele soprou, e bufou, e soprou e bufou, e bufou e soprou; mas não conseguiu pôr a casa abaixo. Quando descobriu que, por mais que soprasse e bufasse, não conseguiria derrubar a casa, disse:

“Porquinho, sei onde há um belo campo de nabos.”

“Onde?” perguntou o porquinho.

Arthur Rackham, 1918

“Oh, nas terras do Sr. Silva, e se estiver pronto amanhã de manhã virei buscá-lo; iremos juntos e colheremos um pouco para o jantar.”

“Muito bem”, disse o porquinho, “estarei pronto. A que horas pretende ir?”

“Oh, às seis horas.”

Bem, o porquinho se levantou às cinco e chegou aos nabos antes de o lobo chegar (ele chegou por volta das seis). O lobo gritou:

“Porquinho, está pronto?”

O porquinho respondeu: “Pronto? Já fui e já voltei, e tenho uma bela panela cheia para o jantar.”

O lobo ficou muito irritado, mas pensou que conseguiria pegar o porquinho de uma maneira ou de outra. Assim, disse: “Porquinho, sei onde há uma bela macieira.”

“Onde?” perguntou o porquinho.

“Lá no Jardim Feliz”, respondeu o lobo. “E se não me enganar virei buscá-lo

amanhã, às cinco horas, para colhermos algumas maçãs.”

Bem, na manhã seguinte o porquinho pulou da cama às quatro horas e foi colher as maçãs, esperando estar de volta antes que o lobo chegasse. Mas o caminho era mais longo, e ele teve de subir na árvore. Assim, bem no instante em que ia descer lá de cima, viu o lobo se aproximar, o que, como você pode supor, o deixou muito apavorado. Ao chegar, o lobo disse:

“Mas como, porquinho! Chegou antes de mim? As maçãs são boas?”

“São ótimas,” disse o porquinho, “vou lhe jogar uma.”

Jogou-a tão longe que, enquanto o lobo foi apanhá-la, o porquinho saltou no chão e correu para casa. No dia seguinte o lobo apareceu de novo e disse ao porquinho:

“Porquinho, há uma feira na aldeia esta tarde. Você vai?”

“Com certeza”, disse o porco, “irei. A que horas estará pronto?”

“Às três”, disse o lobo. Assim o porquinho partiu antes da hora, como de costume, e chegou à feira, e comprou uma desnatadeira, que estava levando para casa quando viu o lobo chegando. Não sabia o que fazer. Assim, entrou na desnatadeira para se esconder e com isso a fez girar, e ela foi rolando morro abaixo com o porco dentro, o que deixou o lobo tão apavorado que ele correu para casa sem ir à feira. Logo o lobo foi à casa do porco e contou-lhe o quanto se assustara com uma coisa redonda enorme que passara por ele, descendo morro abaixo. Então o porquinho disse:

“Ah, então eu o assustei. Eu tinha passado pela feira e comprado uma desnatadeira. Quando vi você, entrei nela, e rolei morro abaixo.”

Desta vez o lobo ficou de fato muito zangado e declarou que iria devorar o porquinho, e que entraria pela chaminé para pegá-lo. Quando o porquinho viu o que ele ia fazer, pendurou na lareira o caldeirão cheio d’água e fez um fogo alto. No instante em que o lobo estava descendo, o porquinho destampou a panela e o lobo foi parar lá dentro. Num segundo ele tampou de novo a panela, cozinhou o lobo, comeu-o no jantar, e viveu feliz para sempre.

Anônimo

A história dos três ursos

Era uma vez três ursos que moravam juntos na sua própria casinha, numa floresta. Um deles era um Urso Pequeno, Miúdo; o segundo era um Urso de tamanho Médio; e o outro era um Urso Grande, Enorme. Cada um tinha uma tigela para seu mingau: uma tigelinha para o Urso Pequeno, Miúdo; uma tigela média para o Urso Médio e uma enorme para o Urso Grande, Enorme. E cada um tinha uma cadeira para se sentar: uma cadeirinha para o Urso Pequeno, Miúdo; uma cadeira de tamanho médio para o Urso Médio e uma cadeira grande para o Urso Grande, Enorme. E cada um tinha uma cama para dormir: uma cama pequena para o Urso Pequeno, Miúdo; uma cama média para o Urso Médio e uma cama grande para o Urso Grande, Enorme.

Um dia, depois de fazer o mingau para o seu café da manhã e despejá-lo nas suas tigelas, saíram para a mata enquanto o mingau esfriava, para não queimar a boca começando a comê-lo cedo demais.

R.André, s/d

Enquanto caminhavam, uma menininha chamada Cachinhos Dourados chegou à casa deles. Primeiro ela olhou pela janela, depois espiou pelo buraco da fechadura. Não vendo ninguém, girou a maçaneta da porta. A porta não estava trancada, porque os ursos eram ursos bons, que não faziam mal a ninguém e nunca desconfiavam que alguém pudesse lhes fazer mal.

Assim Cachinhos Dourados abriu a porta e entrou; e ficou muito satisfeita quando viu o mingau na mesa. Se fosse uma menina ajuizada, teria esperado até os ursos voltarem para casa, e então, talvez, eles a teriam convidado para tomar o café da manhã, porque eram ursos bons – um bocadinho estabanados, como é do jeito dos ursos, mas apesar disso muito afáveis e hospitaleiros. Mas o mingau parecia tentador e ela pôs-se a comê-lo.

Primeiro provou o mingau do Urso Grande, Enorme, que estava quente demais para ela; e ela praguejou. Depois provou o mingau do Urso Médio, mas estava frio demais para ela; e ela praguejou por isso também. Passou então para o mingau do Urso Pequeno, Miúdo, e o provou; e esse não estava nem quente demais, nem frio demais, estava na medida certa; gostou tanto dele que raspou a tigela.

Depois Cachinhos Dourados sentou-se na cadeira do Urso Grande, Enorme, mas era dura demais para ela. Depois sentou-se na cadeira do Urso Médio, e essa era macia demais para ela. Em seguida foi sentar-se na cadeira do Urso Pequeno, Miúdo, e essa não era nem dura demais, nem macia demais, estava na medida certa. Então sentou-se nela e lá ficou até que o assento da cadeira se soltou e ela afundou, esparramando-se no chão.

Walter Crane, 1873

Depois Cachinhos Dourados subiu ao segundo andar e entrou no quarto onde os três ursos dormiam. E primeiro deitou-se na cama do Urso Grande, Enorme; mas essa tinha a cabeceira alta demais para ela. Depois deitou-se na cama do Urso Médio; essa tinha o pé alto demais para ela. Em seguida foi se deitar na cama do Urso Pequeno, Miúdo; e essa não era alta demais nem na cabeceira nem no pé, estava na medida certa. Então se cobriu confortavelmente e ficou ali deitada até cair num sono profundo.

Arthur Rackham, 1933

A essa altura, achando que o mingau já devia ter esfriado bastante, os três ursos rumaram para casa para tomar o café da manhã. Acontece que Cachinhos Dourados tinha deixado a colher do Urso Grande, Enorme, enfiada em seu mingau.

"Alguém andou mexendo no meu mingau!" exclamou o Urso Grande, Enorme, com seu vozeirão áspero, roufenho. E quando o Urso Médio olhou para o seu mingau, viu uma colher enfiada nele também.

"Alguém andou mexendo no meu mingau!" exclamou o Urso Médio, com sua voz média.

Foi a vez do Urso Pequeno, Miúdo, olhar para o seu mingau, e lá estava a colher na tigela, mas o mingau tinha desaparecido.

"Alguém andou mexendo no meu mingau, e acabou com ele!" exclamou o Urso Pequeno, Miúdo, com sua vozinha pequena, miúda.

Walter Crane, 1873

Diante disso, os três ursos, vendo que alguém tinha entrado na sua casa e comido o café da manhã do Urso Pequeno, Miúdo, começaram a investigar ao redor. Acontece que Cachinhos Dourados, ao se levantar da cadeira do Urso Grande, Enorme, não tinha endireitado a almofada dura.

"Alguém andou se sentando na minha cadeira!" disse o Urso Grande, Enorme, com seu vozeirão áspero, roufenho.

E Cachinhos Dourados tinha achatado a almofada mole do Urso Médio.

"Alguém andou se sentando na minha cadeira!" exclamou o Urso Médio, com sua voz média.

E você sabe o que Cachinhos Dourados tinha feito com a terceira cadeira.

"Alguém andou se sentando na minha cadeira, e arrebentou o assento!" exclamou o Urso Pequeno, Miúdo, com sua vozinha pequena, miúda.

Os três ursos resolveram então que era preciso dar uma busca maior na casa. Assim, foram até o quarto, no segundo andar. Acontece que Cachinhos Dourados tinha tirado o travesseiro do Urso Grande, Enorme, do lugar.

R. André, s/d

"Alguém andou se deitando na minha cama!" exclamou o Urso Grande, Enorme, com seu vozeirão áspero, roufenho.

E Cachinhos Dourados tinha tirado o rolo do Urso Médio do lugar.

"Alguém andou se deitando na minha cama!" exclamou o Urso Médio, com sua voz média.

E quando o Urso Pequeno, Miúdo, foi olhar sua cama, lá estava o rolo em seu lugar; e o travesseiro em seu lugar em cima do rolo; e em cima do travesseiro estava a cabeça de Cachinhos Dourados – que não estava em seu lugar, pois não tinha nada que estar

ali.

"Alguém andou se deitando na minha cama, e aqui está ela!" exclamou o Urso Pequeno, Miúdo, com sua vozinha pequena, miúda.

Cachinhos Dourados tinha ouvido em seu sono o vozeirão áspero, roufenho, do Urso Grande, Enorme. Mas estava dormindo tão profundamente que para ela aquilo não passou do rugido do vento, ou do estrondo de um trovão. E tinha ouvido a voz do Urso Médio, mas foi só como se tivesse ouvido alguém falando num sonho. Mas quando ouviu a vozinha pequena, miúda, do Urso Pequeno, Miúdo, despertou no ato, de tão cortante e estridente que ela era.

R. André, s/d

Ergueu-se num sobressalto. E quando viu os três ursos de um lado da cama, pulou fora pelo outro e correu para a janela. Ora, a janela estava aberta, porque os ursos, como ursos bons e asseados que eram, sempre abriam a janela do quarto ao se levantar de manhã. Cachinhos Dourados pulou da janela; e saiu correndo o mais rápido que podia – sem nunca olhar para trás. E o que aconteceu depois eu não sei dizer. Mas os três ursos nunca mais tiveram notícia dela.

FONTES

BARBA AZUL
C. Perrault, "La Barbe Bleue", em Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités (Paris: Barbin, 1697)

A BELA ADORMECIDA
J. e W. Grimm, "Dornröschen", em Kinder- und Hausmärchen, 7ª ed. (Berlim: Dietrich, 1857; 1ª ed. Realchulbuchhandlung, 1812)

A BELA E A FERA
J.-M. Leprince de Beaumont, "La Belle et la Bête", em Le Magasin des enfants (Londres: Haberkon, 1756)

BRANCA DE NEVE
J. e W. Grimm, "Schneewittchen", em Kinder- und Hausmärchen, 7ª ed. (Berlim: Dietrich, 1857; 1ª ed. Realchulbuchhandlung, 1812)

CHAPEUZINHO VERMELHO
C. Perrault, "Le Petit Chaperon Rouge", em Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités (Paris: Barbin, 1697) / J. e W. Grimm, "Rotkäppchen", em Kinder- und Hausmärchen, 7ª ed. (Berlim: Dietrich, 1857; 1ª ed. Realchulbuchhandlung, 1812)

CINDERELA OU O SAPATINHO DE VIDRO
C. Perrault, "Cendrillon ou La petite pantoufle de verre", em Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités (Paris: Barbin, 1697)

O GATO DE BOTAS OU O MESTRE GATO
C. Perrault, "Le Maître Chat ou Le Chat Botté", em Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités (Paris: Barbin, 1697)

A HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS
J. Jacobs, "The Story of the Three Little Pigs", em English Fairy Tales (Londres: David Nutt, 1890), cuja fonte foi Nursery Rhymes and Nursery Tales, publicado c.1843 por James Orchard Halliwell

A HISTÓRIA DOS TRÊS URSOS
The Story of the Three Bears (Londres: Frederick Warne, 1967)

JOÃO E MARIA
J. e W. Grimm, "Hansel und Gretel", em Kinder- und Hausmärchen, 7ª ed. (Berlim: Dietrich, 1857; 1ª ed. Realchulbuchhandlung, 1812)

JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO
J. Jacobs, "Jack and the Beanstalk", em English Fairy Tales (Londres: David Nutt, 1890)

O PATINHO FEIO
H.C. Andersen, "Den grimme Ælling", em Nye Eventyr (Copenhague: C.A. Reitzel, 1837)

PELE DE ASNO
C. Perrault, Griselidis, nouvelle, avec Le conte de Peau d'Ane et celui des Souhaits ridicules (Paris: Coignard, 1694)

A PEQUENA SEREIA
H.C. Andersen, "Den lille Havfrue", em Eventyr, fortalte for Børn (Copenhague: C.A. Reitzel, 1837)

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS
H.C. Andersen, "Den lille Pige med Svovlstikkerne", em Nye Eventyr (Copenhague: C.A. Reitzel, 1845)

O PEQUENO POLEGAR
C. Perrault, "Le Petit Poucet", em Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités (Paris: Barbin, 1697)

A PRINCESA E A ERVILHA
H.C. Andersen, "Prindsessen paa Ærten", em Eventyr, fortalte for Børn (Copenhague: C.A. Reitzel, 1835)

RAPUNZEL
J. e W. Grimm, "Rapunzel", em Kinder- und Hausmärchen, 7ª ed. (Berlim: Dietrich, 1857; 1ª ed. Realchulbuchhandlung, 1812)

A ROUPA NOVA DO IMPERADOR

H.C. Andersen, “Keiserens nye Klæder”, em Eventyr, fortalte for Børn (Copenhague: C.A. Reitzel, 1837)